



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE – ICA**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**ROSÂNGELA FONTELES DO NASCIMENTO ARCANJO**

**SOBRE AS RELIGIÕES NATURAIS EM LUDWIG FEUERBACH**

**FORTALEZA**

**2021**

ROSÂNGELA FONTELES DO NASCIMENTO ARCANJO

SOBRE AS RELIGIÕES NATURAIS EM LUDWIG FEUERBACH

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ética e Filosofia Política.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

A698s Arcanjo, Rosângela Fonteles do Nascimento.  
Sobre as religiões naturais em Ludwig Feuerbach / Rosângela Fonteles do Nascimento Arcanjo. – 2021.  
96 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2021.  
Orientação: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas.

1. Religiões naturais. 2. Natureza. 3. Homem. 4. Sensibilidade. I. Título.

CDD 100

---

ROSÂNGELA FONTELES DO NASCIMENTO ARCANJO

SOBRE AS RELIGIÕES NATURAIS EM LUDWIG FEUERBACH

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ética e Filosofia Política.

Aprovada em: 28/07/2021.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Renato Almeida de Oliveira  
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

---

Prof. Dr. André Luís Bonfim Sousa  
Instituto Federal de Alagoas (IFAL)

---

Prof. Dr. Maximiliano Dacuy  
Universidad de la Cuenca del Plata (UCP)

Ao meu pai.

Minha gratidão e amor.

Mas se Deus é as flores e as árvores

E os montes e sol e o luar,  
Então acredito nele,  
Então acredito nele a toda a hora,

E a minha vida é toda uma oração e uma missa,  
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.  
Mas se Deus é as árvores e as flores

E os montes e o luar e o sol,  
Para que lhe chamo eu Deus?  
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;

Porque, se ele se fez, para eu o ver,  
Sol e luar e flores e árvores e montes,

Se ele me aparece como sendo árvores e montes  
E luar e sol e flores,  
É que ele quer que eu o conheça  
Como árvores e montes e flores e luar e sol.  
(CAEIRO, 1984, p. 47, 48)

## AGRADECIMENTOS

A toda minha família, em especial meu filho Luís Enrique. Aos meus pais, por toda educação que me concederam, por todo incentivo e confiança depositados em mim.

A Edson Arcanjo por todo suporte e cuidados para com o nosso filho durante esse período de mestrado.

A minha tia Clea pelo caloroso acolhimento em sua casa no primeiro ano de mestrado.

Ao professor Eduardo Ferreira Chagas, pela orientação, atenção e generosidade em suas sugestões que tanto contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores Renato Almeida de Oliveira e André Luís Bonfim Sousa por aceitarem compor a banca de qualificação e defesa e pelas sugestões as quais tornaram possível o aprimoramento desta dissertação.

Ao professor Maximiliano Dacuy pela disposição e gentileza de ter aceito compor a banca de defesa, também meu companheiro de Grupo de Pesquisas. Minha imensa gratidão pelo apoio e incentivo.

Ao professor José Edmar Lima Filho por sempre acreditar em meu potencial e nunca me deixar desanimar, um grande amigo e coordenador do GPELF (Grupo de Pesquisas Ludwig Feuerbach e Pensamento Pós-hegeliano) o qual faço parte.

Aos colegas do GPELF por todos os encontros e discussões que contribuíram para minha pesquisa.

A todos os professores do Curso de Pós-Graduação em Filosofia da UFC, pelas preciosas aulas ao longo do mestrado, em especial: Prof<sup>a</sup>. Maria Aparecida Montenegro, Prof. Kleber Carneiro, Prof. Emanuel Germano e Prof. Fernando Barros.

Aos colegas e amigos do mestrado, em especial à Renata Oliveira, pela amizade sincera que construímos e pela troca de apoio que mantivemos no período de escrita deste trabalho.

Ao amigo Sebastião Barroso, secretário da Coordenação de Pós-Graduação em Filosofia do Instituto de Cultura e Arte (ICA - UFC), pelo apreço, atenção, interesse e profissionalismo demonstrados ao longo de nossa relação acadêmica.

À Universidade Federal do Ceará (UFC).

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro recebido.

## RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo explicitar as religiões naturais, partindo de seu fundamento e de seu objeto religioso que consiste na natureza, a qual Feuerbach determina como fundamento da existência humana, revelando, dessa forma, uma nova postura antropológica que prioriza um ser humano completo, nas bases da sensibilidade e em harmonia com a natureza. Feuerbach fundamenta suas concepções a partir das religiões naturais, pois elas não têm como objeto um Deus moral e subjetivo, mas um deus físico, materializado, que está apenas presente na natureza e/ou em seus elementos. Nessa perspectiva, a natureza é, pois, o objeto primitivo da religião, essa, em sua origem, é inata e essencial ao homem, uma vez que ela tem um sentido de finitude e dependência e não, um sentido teológico ou deísta. O filósofo, de Landshut, esclarece-nos a origem da religião e sua essência, que nos leva a um ente divino a fim de suprir a necessidade, o medo e o instinto egoístico humano de autoconservação e busca pela felicidade. Ademais, para uma melhor compreensão dessas questões, na pesquisa, foram feitas em alguns momentos, referências à religião cristã, no que tange à natureza, a fim de contrastar com as religiões naturais, através dos argumentos críticos de Feuerbach, que nos mostram como a religião interfere na vida humana tanto de forma positiva quanto negativa. Assim, para o desenvolvimento do nosso tema, fez-se uma pesquisa bibliográfica, imanente, principalmente, nas obras de maturidade do autor: *A Essência da Religião (1846)* e *Preleções Sobre a Essência da Religião (1851)*. Por fim, percebemos que o pensamento feuerbachiano, embasado nas religiões naturais, oferece grande contribuição para se pensar a religião, o homem e a natureza na atualidade.

**Palavras-chave:** Religiões naturais; Natureza; Homem; Sensibilidade.

## ABSTRACT

This dissertation aims to explain natural religions, starting from its foundation and its religious object which consists of nature, which Feuerbach determines as the foundation of human existence, thus revealing a new anthropological stance that prioritizes a complete human being, based on sensitivity and in harmony with nature. Feuerbach bases his conceptions on natural religions, as they do not have a moral and subjective God as their object, but a physical materialized god, who is only present in nature and/or in its elements. In this perspective, nature is, therefore, the primitive object of religion, which, in its origin, is innate and essential to man, since it has a sense of finite and dependence and not a theological or deistic sense. The philosopher, from Landshut, explains to us the origin of religion and its essence, which leads us to a divine being to supply the need, fear, and the human egoistic instinct for self-preservation and the search for happiness. Furthermore, for a better understanding of these issues, in the research, references to the Christian religion were made in some moments, concerning nature, to contrast with natural religions, through Feuerbach's critical arguments, which show us how religion interferes in human life both positively and negatively. Thus, for the development of our theme, bibliographical research was done, mainly immanent in the author's mature works: *The Essence of Religion* (1846) and *Lectures on the Essence of Religion* (1851). Finally, we realize that Feuerbach's thinking, based on natural religions, offers a great contribution to thinking about religion, man, and nature today.

**Keywords:** Natural religions; Nature; Man; Sensitivity.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>O SENTIMENTO DE FINITUDE E DEPENDÊNCIA COMO FUNDAMENTO E AS EXPERIÊNCIAS CONSTITUINTES DAS RELIGIÕES NATURAIS .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>O sentimento de dependência como fundamento das religiões naturais .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1.1</b>	<i>Os animais como objeto de adoração religiosa .....</i>	<i>20</i>
<b>2.2</b>	<b>O medo como primeira determinação da religião .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2.1</b>	<i>O sacrifício como alívio da culpa e desejo de felicidade .....</i>	<i>30</i>
<b>2.3</b>	<b>O egoísmo como princípio último da religião .....</b>	<b>35</b>
<b>2.3.1</b>	<i>Da crítica de Stirner ao egoísmo como instinto de autoconservação de Feuerbach .....</i>	<i>37</i>
<b>3</b>	<b>A NATUREZA COMO FUNDAMENTO DA EXISTÊNCIA HUMANA .....</b>	<b>46</b>
<b>3.1</b>	<b>O ser não criado: a natureza como matéria real e sensível .....</b>	<b>47</b>
<b>3.1.1</b>	<i>A natureza como fruto da vontade arbitrária de Deus e como objeto de supressão das necessidades humanas .....</i>	<i>49</i>
<b>3.1.2</b>	<i>A emergente valorização da natureza .....</i>	<i>52</i>
<b>3.2</b>	<b>Aspectos da sensibilidade e da nova filosofia feuerbachiana .....</b>	<b>56</b>
<b>3.3</b>	<b>Da natureza não-humana: o outro do homem e a humanização do mundo natural .....</b>	<b>59</b>
<b>4</b>	<b>DAS RELIGIÕES NATURAIS À NOVA POSTURA ANTROPOLÓGICA DE FEUERBACH .....</b>	<b>69</b>
<b>4.1</b>	<b>O resgate das religiões naturais: o culto à natureza .....</b>	<b>70</b>
<b>4.2</b>	<b>Crítica de Feuerbach a permanência da divindade: transição das religiões naturais às religiões espirituais .....</b>	<b>75</b>
<b>4.3</b>	<b>Crítica ao antropocentrismo: por uma conformidade do homem com a natureza .....</b>	<b>83</b>
<b>4.4</b>	<b>A nova postura antropológica de Feuerbach .....</b>	<b>86</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>90</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>94</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872), ao longo de toda sua obra, tem como principal objeto de análise a religião, sejam as religiões morais-subjetivas, como a religião cristã, sejam as religiões naturais, também chamadas pagãs. Dessa forma, a presente dissertação tem como objetivo geral, explicitar as religiões naturais, abordando-as desde seu fundamento originário, passando pelo reconhecimento da natureza como fundamento existencial, até a necessária superação das religiões naturais, culminando numa nova proposta antropológica de Feuerbach que visa a integralidade humana, numa relação mútua e harmoniosa com a natureza.

Com a finalidade de resgatar o homem e a natureza, Feuerbach tece sua crítica à religião em geral, incluindo as religiões naturais que assim como a religião cristã, também são tidas como supersticiosas. Contudo, embora Feuerbach seja um grande crítico das religiões, ele não fica preso apenas a isso, suas concepções levam a várias discussões filosóficas entre seus intérpretes.

A presente pesquisa é relevante porque trás o tema sobre as religiões naturais em Feuerbach, as quais são pouco abordadas nas pesquisas realizadas até então. Diante dessa insuficiência, nosso trabalho anseia contribuir com essa temática para uma melhor compreensão do pensamento do autor no que se refere ao início do sentimento religioso no homem, as primeiras práticas religiosas, a importância da natureza para a existência humana e como as religiões naturais influenciaram Feuerbach para a elaboração de seu projeto antropológico que visa um resgate do homem e da natureza.

Na busca de construir um cenário problematizador para o tema em causa, poderíamos resumir o mesmo a partir das seguintes questões, a saber: a) Qual o fundamento das religiões? b) Em que condição a natureza se torna o fundamento da existência humana? c) Quais os aspectos positivos e negativos das religiões naturais no que tange a relação homem e natureza? d) Em que consiste a nova postura antropológica de Feuerbach e em que sentido as religiões naturais são fundamentais para essa nova postura?

Sob essa ótica, Feuerbach mostra-se um filósofo atual, pois sua filosofia nos faz refletir sobre questões atuais, como a relação do homem com a natureza e de que maneira essa é explorada e desvalorizada. Falamos no sentido abrangente como as questões ambientais, desmatamentos, poluição, os processos industriais, a exploração animal, etc. Tudo isso é consequência do afastamento do homem do mundo natural e gradativamente vamos nos autodestruindo, porque, em concordância com Feuerbach, o homem precisa da natureza para a

sua sobrevivência, sem ela não há como existirmos e por isso a necessidade de uma relação de reciprocidade entre ambos, no sentido de que o homem precisa preservar a natureza, pois apenas ela tem os elementos para a subsistência humana.

Outra questão a qual torna Feuerbach relevante para a contemporaneidade é a análise do filósofo, às religiões, tal análise, faz-nos perceber que não mudou muita coisa, pois, as pessoas ainda têm a necessidade de buscar, em algo superior, as respostas, o consolo, o sentido de suas vidas e de seus medos e aflições. O ser humano ainda está preso em suas crenças sobrenaturais, assim também como o religioso natural, ainda existem adorações aos entes naturais, aos animais, enfim, isso não se perdeu completamente. Podemos dizer, que os seres humanos ainda não se deram conta de suas reais potencialidades, assim como não aprenderam a dar valor a sua verdadeira morada, que é o mundo material, a natureza, pois numa perspectiva feuerbachiana, somente, aqui, no mundo em que vivemos, o homem encontra os elementos para seu desenvolvimento e não, na esperança de uma vida que ultrapassa os limites humanos e naturais.

Dito isso, assumimos como hipótese de investigação que no cerne da presente dissertação reside a ideia de que o que está em questão não é retratar a religião como um mal que deve ser banido – até mesmo porque essa também não era a intenção de Feuerbach – mas destacar, a partir da exposição das religiões naturais, a importância de se reconhecer a natureza como fundamento vital - que não deve ser nem desvalorizada, nem supervalorizada – e a partir disso, compreender uma nova visão antropológica do filósofo referido, o qual defende uma unidade entre homem e natureza, em que um não anula o outro. Devendo, assim, haver uma mudança no modo de pensar às religiões e a natureza.

Por duras críticas e por más interpretações, Feuerbach é, por vezes, considerado um ateu que despreza rigorosamente a religião. O que ele busca, de fato, não é uma análise crítica dos fundamentos e do âmago da religião. O que podemos observar é que um de seus objetivos é o ser humano inserido no mundo, as suas relações interpessoais, o comportamento do homem ante às práticas religiosas, mas por uma ótica do sujeito que gera a religião e não, obrigatoriamente, do ponto de vista religioso. Feuerbach investiga como a cultura religiosa interfere na vida do ser humano em todos os sentidos. Ou seja, ele analisa os danos que a religião causa ao ser humano de forma séria e cautelosa, mas não a tratando, totalmente, de forma repulsiva e negativa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Para Feuerbach, o lado negativo da religião acontece a partir do momento, em que essa, em sua construção, opera com ilusões, pregando um ser com qualidades divinas e essas qualidades fazem o homem ser submisso a

Nessa perspectiva, Feuerbach segue sempre a mesma finalidade na elaboração de suas críticas, às religiões, em geral. Todas têm como fim seu projeto antropológico. Esse projeto consiste em esclarecer a real condição humana de sua racionalidade crítica, de sua corporeidade, finitude e limitação mediante à natureza, bem como a tendência humana comunitária. Em sua filosofia, tanto a religião cristã, quanto as religiões naturais são analisadas cuidadosamente. Contudo, nosso foco, aqui, recai sobre as religiões naturais<sup>2</sup>, porque essas religiões são bases fundamentais para se entender o desenvolvimento do projeto antropológico de Feuerbach, mas não deixaremos também de fazer referência ao Cristianismo, sempre que acharmos necessário, para uma melhor compreensão da abordagem sobre o pensamento do autor.

Sem dúvida, o pensamento feuerbachiano teve um grande marco no pensamento pós-idealista do século XIX. O sistema absoluto da época ganha uma nova alternativa filosófica quando Feuerbach propõe um resgate da natureza e a afirmação do ser humano concreto. A obra de maior destaque de Feuerbach é *A Essência do Cristianismo (Das Wesen des Christentums)*, de 1841, que marca o rompimento com a teologia e com a filosofia idealista. Assim, acontece a redução do Deus teológico à imaginação humana, ou seja, que não existe um mundo diverso, mas um Deus reduzido ao homem. Contudo, Feuerbach recebeu várias críticas, pois no âmbito da obra em questão, ele deixou algumas lacunas e uma delas foi de não apresentar, satisfatoriamente, a ideia de indivíduo concreto e real, deixando o homem ser interpretado tão somente como gênero.

Reconhecendo isso, Feuerbach a fim de efetivar a ruptura com o sistema especulativo vigente e para fundamentar, de modo mais preciso, a ideia de indivíduo concreto e singular, afirma em seu escrito *A Essência da Religião (Das Wesen der Religion)*, de 1846, a natureza como ser distinto do homem, dependente, não criada, que não possui características humanas, sendo o fundamento existencial da multiplicidade dos seres.

A partir da obra supracitada, Feuerbach entende que a limitação e fragilidade do homem, diante da grandeza da natureza, é um dos pontos-chave que contribui para o surgimento da religião. O culto das religiões naturais tem relação direta com sentimentos antropológicos como dependência e medo. O medo, despertado pela natureza, no ser humano, faz com que este crie um ser superior para aplacamento de tais medos. Desse modo, a

---

uma criação da imaginação, um ser distinto dele. Essa é a religião rejeitada por Feuerbach, a religião que nega o homem e cria seres miraculosos, uma religião vulgarizada pela teologia.

<sup>2</sup> Para fins do nosso estudo, não nos direcionaremos à religião natural de forma pormenorizada. Trataremos das religiões naturais de modo geral, uma vez que não temos intenção de imergir em algumas dessas religiões em específico, mas buscar compreender o fundamento dessas e a interferência das mesmas no desenvolvimento humano, segundo, o pensamento de Feuerbach.

dependência, o medo da natureza e o egoísmo são os fundamentos e os pilares das religiões, mas não só das religiões naturais, como também do Cristianismo. Ou seja, Feuerbach ver nas religiões naturais, a essência da religião em geral.

A fim de agradar aos seus deuses, a religião surge em benefício do próprio homem. Ao considerar a religião baseada numa ideia de natureza divinizada ou numa vontade divina benevolente, Feuerbach compreende essas como profundamente nocivas e por isso ele buscou uma natureza autônoma, longe de preceitos religiosos, sem opressões e acima de tudo que houvesse um reconhecimento humano, de suas potencialidades, longe de qualquer crença sobrenatural.

Para ele, o homem deve estabelecer laços harmoniosos com a natureza, instituindo uma relação recíproca. A sensibilidade tem centralidade na filosofia de Feuerbach, na qual o filósofo reconhece a finitude do homem e sua transitoriedade na natureza e não para além dela. Pois é no mundo material, que o homem percebe sua dependência à natureza e onde ele também desenvolve sua consciência através da relação com o outro.

Desse modo, desenvolvemos uma pesquisa imanente, bibliográfica, a partir de seus escritos de maturidade, *A Essência da Religião (Das Wesen der Religion)*, de 1846, e suas *Preleções Sobre a Essência da Religião (Vorlesungen über Das Wesen der Religion)*, de 1851. A natureza a qual foi tratada, nesses escritos, como sendo o fundamento do ser humano, não foi aprofundada em suas obras anteriores desta mesma forma, mas, como a natureza próxima ao panteísmo (Obras de 1828 à 1837) e como criação de um Deus absoluto ou como deduzida a partir do espírito (1839 a 1843)<sup>3</sup>. No pensamento de Feuerbach, a natureza é, especificamente, de grande relevância para o desenvolvimento do ser humano, pois é a partir dela que se efetiva o elemento sensível.

Ao longo desse trabalho, fizemos referência também a outras obras do autor como: *Para a Crítica da Filosofia de Hegel (Zur Kritik der Hegelschen Philosophie)*, de 1839; *A Essência do Cristianismo (Das Wesen des Christentums)*, de 1841; *Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia (Vorläufige Thesen zur Reformation der Philosophie)*, de 1842; *Princípios da Filosofia do Futuro (Grundsätze der Philosophie der Zukunft)*, de 1843; mas apenas para fins complementares da pesquisa, pois as bases da presente dissertação são as obras de 1846 e 1851. Ainda para um maior entendimento do pensamento feuerbachiano, buscamos também nos aprofundarmos, a partir de textos e obras de seus comentadores

---

<sup>3</sup> Ver Chagas (2019, p. 318-338).

consagrados, como: Adriana Veríssimo Serrão, Alfred Schmidt, Eduardo Chagas, Ferruccio Andolfi, Francesco Tomasoni, entre outros.

A fim de tentar responder os questionamentos supracitados da presente dissertação, desenvolvemos a mesma em três capítulos, a saber: no primeiro capítulo, abordamos o fundamento das religiões em sua dimensão natural, o sentimento de finitude e dependência e as experiências constituintes das religiões naturais. De acordo com Feuerbach, o sentimento religioso se inicia de forma inconsciente e é representado pelo fator da finitude, sendo a religião inerente ao homem que pertence somente a ele e é vivenciada apenas no mundo material, tendo a religião, portanto, um caráter puramente humano.

Em *A Essência da Religião*, Feuerbach argumenta a favor do sentimento de dependência como o fundamento que originou a religião e afirma a natureza como sendo o primeiro objeto desse sentimento, no qual o homem religioso se vê dependente mediante sua realidade limitada no mundo. Assim, ainda nos primórdios, o homem fez dos entes naturais objeto de adoração religiosa, onde eram adorados os astros, águas, árvores, até mesmo animais, sendo que Feuerbach reconhece também esses últimos como fundamentais para a sobrevivência do homem primitivo, bem como para seu desenvolvimento cultural.

Ainda no primeiro capítulo, discorremos sobre o medo, como a primeira determinação religiosa e o primeiro aspecto do sentimento de dependência, porque o medo surge no homem a partir do desconhecido e das incertezas da vida ao perceber que a natureza tem total poder de mantê-lo vivo ou matá-lo. Por isso, o homem busca como forma de superação de seus medos - principalmente o medo da morte - um ser divino. Ainda nesse sentido, tanto a religião cristã quanto a religião natural recorrem à divindade como forma de proteção, a única diferença está na diversidade dos deuses das religiões naturais. Contudo, o medo é um sentimento passageiro e por isso não se sustenta como suficiente e único para o surgimento das religiões.

Para Feuerbach, o sentimento de dependência foi o maior contribuinte para o surgimento da religião, entretanto ele nos diz que não existe sentimento de dependência sem egoísmo e o homem só teme por amor próprio, seja de forma consciente ou inconsciente. Nesse sentido, chegaremos ao último princípio da religião, que é o egoísmo, o qual nos leva a evidenciar o egoísmo presente na *Essência do Cristianismo* e a crítica de Max Stirner (1806-1856) à Feuerbach. Contudo, tentaremos mostrar nesse momento do trabalho, que este egoísmo, em questão, ultrapassa o egoísmo moral do Cristianismo, uma vez que o sentimento egoísta, o qual Feuerbach nos apresenta em suas *Preleções Sobre a Essência da Religião*, é algo intrínseco ao homem, um egoísmo existencial como instinto de autoconservação, do

amor pela espécie, da busca pela sobrevivência, onde o ser humano tende a evitar o que lhe faz mal e tenta apropriar-se do que lhe é benéfico.

No segundo capítulo, abordamos a natureza como fundamento da existência humana. Essa temática nos levou, inicialmente, a fazer uma breve apresentação do pensamento de Feuerbach, sobre a natureza e a crítica do filósofo, presente em *A Essência do Cristianismo* aos preceitos religiosos do Cristianismo, que subjuga a natureza à vontade de um Deus criador, ganhando, assim, um significado negativo, no qual o homem deve negar a si mesmo e ao mundo natural para que seja supostamente recompensado com uma vida eterna em outro plano. Desse modo, a natureza, segundo a perspectiva da religião cristã, não é mais que um mero objeto para suprir as necessidades humanas.

Mas, com base na teoria feuerbachiana, mediante à influência da natureza como ente substancial para a vida dos seres vivos, uma vez que essa é quem assegura a realização das necessidades do ser humano, este não deve ultrapassar seus limites naturais, mas buscar a compreensão de si mesmo na natureza que é um ente constituído de materialidade e é nela que ele se origina. Devendo, portanto, valorizá-la como uma mãe.

Ainda no segundo capítulo, tratamos dos aspectos da doutrina da sensibilidade, que reconhece a natureza como o outro do homem e como ser distinto dele, mas que, ao mesmo tempo, relacionam-se. Para Feuerbach, reconhecer as coisas sensíveis, em sua variabilidade, é fundamental para uma nova filosofia, que implica na união da antropologia com a fisiologia.

No terceiro capítulo, evidenciamos, inicialmente, a religião natural em seu contato com a natureza divinizada e o porquê de Feuerbach resgatar, parcialmente, essas religiões, enxergando nas mesmas, aspectos mais coerentes com o modelo religioso. Em seguida, apresentamos a necessidade de também superar as religiões naturais, a partir da crítica de Feuerbach, pois embora essas religiões tenham uma relação mais próxima com a natureza e a reconheçam como fundamento de tudo o que é existente, também não estão completamente livres de superstições, permanecendo ainda seres venerados pelo religioso natural e nas exigências do pensamento feuerbachiano não pode haver nenhum pressuposto transcendente, irreal e divinizado. Assim, mostramos a transição das religiões naturais para as religiões espirituais, as quais essas se identificam com um Deus monoteísta.

A partir disso, nos concentramos no homem inserido na natureza em sua totalidade e complexidade como o centro da filosofia de Feuerbach, que pode substituir o amor divino pelo amor humano, mas que não consiste em uma supremacia do homem sobre a natureza e sim numa união entre ambos. A antropologia, que surge a partir da natureza como fundamento do homem, parte da concepção sensualista, ou seja, da existência do mundo real e

concreto que busca destituir os sistemas deístas e especulativos, além de promover um resgate do ser humano, consciente de suas fragilidades e potencialidades, pois sua essência não está além do mundo real e natural.

Em linhas gerais, Feuerbach fundamenta seu projeto antropológico visando um homem consciente<sup>4</sup>, que, ao existir, pressupõe sensibilidade e essa apreende o objeto, havendo uma relação de atividade e passividade entre sujeito e objeto, o que permite ao homem ser os dois ao mesmo tempo. Assim, Feuerbach nega a teologia<sup>5</sup>, que aliena o homem e nega a filosofia que tem a ideia como princípio e que não concebe a natureza como autodeterminada<sup>6</sup>. Desse modo, podemos dizer que a filosofia feuerbachiana mostra, através da realidade concreta das coisas e da natureza, a afirmação dos sujeitos.

---

<sup>4</sup> Ver Feuerbach, (2009. p. 36).

<sup>5</sup> Os preceitos teológicos apresentam-se contraditórios e incoerentes, nos quais resultam na sonegação e invalidação do real sentimento da religião. A teologia modifica e transforma as experiências humanas com sistemas dogmáticos, estabelecendo um Deus vazio e abstrato, separado do homem. Dessa forma, este, tem suas vivências em abstrações vagas. Ou seja, a teologia projeta-se para fora do homem e da natureza, justificando como causa de tudo, um ser sobrenatural.

<sup>6</sup> Feuerbach tece sua crítica à filosofia especulativa e à teologia, por ambas, terem um início invertido. A primeira põe o espírito anterior à natureza, e a segunda começa com um Deus criador do homem. Dessa forma, Feuerbach inverte esses dois sistemas e afirma o primado da natureza ante ao espírito e Deus passa a ser criação do homem. Sobre esse tema ver também Feuerbach, (2012. p. 9).

## 2 O SENTIMENTO DE FINITUDE E DEPENDÊNCIA COMO FUNDAMENTO E AS EXPERIÊNCIAS CONSTITUINTES DA RELIGIÃO NATURAL

Partindo da ideia de discutir sobre o fundamento das religiões em geral, temos como objetivo, nesse primeiro capítulo, compreender o pensamento de Feuerbach com relação à origem das religiões naturais e o objeto constituinte de tais religiões. Compreender essa temática pressupõe irmos de encontro com a consciência que o homem toma de sua limitação e dependência e de sua relação com a natureza.

No pensamento feuerbachiano, a religião<sup>7</sup> é inerente ao homem, mas desde que se entenda por religião como “o sentimento de dependência, o sentimento ou a consciência que tem o homem de não existir, nem poder existir sem um ente distinto de si, e, portanto, não deve a si mesmo sua existência.” (FEUERBACH, 2005, p. 24). Para Feuerbach, a religião não se explica a partir de acontecimentos supranaturais, mas como algo pertencente e aplicado unicamente à essência humana, na qual, pelo menos, no primeiro momento, relaciona-se à sensibilidade. A primeira disposição para o surgimento da religião é a percepção humana de sua finitude. As incertezas da vida despertam, no homem, sentimentos que fazem com que ele encontre, na religião, uma válvula de escape existencial, a qual se fundamenta atrelada tanto a um Deus transcendente (religião cristã), quanto na dependência pela natureza (religiões naturais)<sup>8</sup>.

Partimos da ideia feuerbachiana que no sentimento de finitude do homem se encontra a origem da religião. Essa é uma premissa válida, uma vez que se o homem fosse infinito e ilimitado ou reconhecesse sua finitude, não haveria a necessidade de atribuir suas características humanas a um Deus<sup>9</sup> ou à natureza, pois ele já seria completo e não haveria,

---

<sup>7</sup> Para fins esclarecedores, vale destacar que trataremos de religião aqui diferente de teologia. Entendemos por religião, nesse momento, como um sentimento subjetivo e que está relacionada à realidade concreta do mundo, fundamentada nos sentidos, nas sensações experimentadas do homem com a natureza. O sentimento religioso não pode ser compreendido como causa de um Deus criador e absoluto como prega a teologia. A verdadeira religião é inata no homem e não deve estar relacionada a falsas pretensões como a busca por uma salvação em outro plano, mas no reconhecimento humano de sua finitude e numa íntima relação com o elemento sensível. Feuerbach não busca a negação completa da religião, na verdade ele pretende reformulá-la a um modelo de religião que esteja em conformidade com a realidade. Reconhecendo, assim, a relevância da religião para o ser humano a partir das experiências concretas.

<sup>8</sup> Visto que nessa primeira seção introdutória o objetivo é discutir o fundamento das religiões de modo mais geral, é válido esclarecer que iremos nos referir tanto à religião cristã, quanto às religiões naturais, pois, julga-se necessário para uma melhor compreensão de como surgiu o sentimento religioso no homem.

<sup>9</sup> Na *Essência do Cristianismo*, Feuerbach diz que a essência da religião é fundada na falta de consciência do homem de sua própria essência, ou seja, o homem religioso não tem consciência de si diretamente, pois a consciência que ele tem de Deus como sendo a sua própria é apenas uma “consciência primeira e indireta de si mesmo”. Ver Feuerbach, (2012. p. 45).

portanto, religião. Assim, constata-se que a religião teve seu início na consciência que o homem tem de sua incompletude, limitação e dependência<sup>10</sup>.

Conforme Feuerbach, o homem não cria seus deuses conscientemente, o sentimento de finitude o faz pensar em algo maior que está acima dele, um ser ilimitado e infinito, uma justificação lógica a partir da percepção de que se é limitado e dependente. A religião se manifesta, no homem, de forma instintiva porque é algo da própria essência humana buscar seres divinos.

De acordo com nosso filósofo, em *A Essência do Cristianismo*, apenas no ser humano é que a religião pode se manifestar, pois ele é o único que tem um tipo de consciência que o torna diferente dos animais, uma consciência que faz o homem viver a dicotomia entre indivíduo e gênero. Ou seja, o homem vive numa relação consigo mesmo no que diz respeito a seus sentimentos e numa relação com o outro, com seu semelhante, em suas relações sociais.

Nessa perspectiva, Feuerbach diz que o homem se torna autoconsciente e percebe sua finitude a partir da relação do *eu* e o *tu*. O homem, e somente ele, é capaz de se relacionar consigo mesmo e com o outro, ele é o único com capacidade de se reconhecer como gênero e sair de sua singularidade. Esse é um fator que distingue o homem dos demais seres, pois o animal tem sua existência “apenas como singular, mas não como gênero, porque lhe falta a consciência de sua espécie e de sua essencialidade.” (CHAGAS, 2004. p. 89).

O homem entende sua existência através da semelhança com o outro, com o qual ele se relaciona. Ao perceber a finitude do *outro*, o homem conhece a realidade do seu próprio *eu*. “Somente através do outro torna-se o homem claro para si e consciente de si mesmo.” (FEUERBACH, 2013, p. 105). Dessa forma, é através do sentimento de finitude que se fundamenta a criação futura das divindades, na relação da consciência do homem com o que está externo a ele. Ou seja, quando o homem toma consciência de sua finitude com relação ao outro e de dependência em relação à natureza é que acontece a criação de um ser divino.

Feuerbach pretende mostrar que a religião, num primeiro momento, fundamenta-se na essência do homem. “Assim é o homem o Deus do homem. O fato de ele existir deve ele à natureza, o fato de ele ser homem deve ele ao homem.” (FEUERBACH, 2013, p. 105). Nesse sentido, o homem imagina um ser superior para a realização de seus anseios, um Deus acima

---

<sup>10</sup> Quando Feuerbach ainda era influenciado por Hegel, na obra *A Essência do Cristianismo*, ele via a infinitude do homem na concepção de gênero humano. Contudo, após o rompimento com a filosofia hegeliana, o sentimento de infinito é afirmado pelo filósofo, na natureza. Ou seja, o homem vê o infinito na natureza ao se sentir limitado. Ver TOMASONI, (2015. p. 43).

dele que lhe sirva como segurança e proteção. Isso acontece no não reconhecimento do homem de seu próprio gênero e na não aceitação de seus limites.

Tendo em vista que a criação de Deus é uma externalização dos atributos do homem (religião cristã), Feuerbach nos leva ao entendimento que Deus não passa de uma especulação da imaginação humana. “A essência divina não é nada mais do que a essência humana.” (FEUERBACH, 2013, 45). Tirando as propriedades humanas das divindades, não restará nada e Deus passa a ser apenas uma dedução do pensar humano e deixa de ser a causa primeira pelo não entendimento do homem de si mesmo.

Para Feuerbach (2013, p.45), “a religião é a essência infantil da humanidade; mas a criança vê a sua essência, o ser humano, fora de si – enquanto criança é o homem objeto para si como um outro homem.” Isto é, o Deus cristão é uma representação abstrata do próprio homem, de suas características. No entanto, o homem, em sua “fase infantil”, não vê sua própria essência, mas algo diverso e exterior a ele. Assim, é consolidada a teoria antropológica de Deus e da religião, pois o homem projeta a sua própria essência quando concebe um Deus transcendente e imaterial, ele externaliza, em um ser incorpóreo, suas qualidades, em detrimento de suas imperfeições, visando a um ser absoluto, perfeito e eterno.

Ou seja, o homem atribui a um ser abstrato e metafísico seus atributos e virtudes como manifestação da sua imaginação, na qual há uma identificação com seu Deus, uma expressão dos sentimentos, por natureza, inatos no homem. Destarte, o homem é dominado pela alienação religiosa, imerso numa devoção a uma divindade, como forma de privar-se de sua liberdade, no sentido de tornar-se consciente e dono de si mesmo nesse mundo material e real.

Deus e o homem são, pois, um só, visto que um não existe sem o outro. Assim, o Deus da religião cristã não é em si e por si, uma vez que é qualificado a partir dos adjetivos determinados inerentes ao homem<sup>11</sup>. Já nas religiões naturais, deus e o homem se completam de forma inconsciente, e a natureza, enquanto objeto fundamental, é divinizada na relação do homem com a mesma como pressuposto das inquietações incompreensíveis da existência humana que é, inteiramente, dependente da natureza.

## **2.2 O Sentimento de Dependência como Fundamento das Religiões Naturais**

Como visto, o homem depende do outro na relação do *eu* e o *tu*, apresentada por Feuerbach em sua obra, sobretudo na *Essência do Cristianismo*. O *eu*, ao sair da

---

<sup>11</sup> Ver também Chagas, (2014, p. 78-91).

singularidade, conhece o que está fora dele e passa a compreender melhor seus sentimentos e ações, colocando-se no lugar do *tu*. Assim, Feuerbach defende um fundamento para a origem das religiões na finitude humana, ou seja, ao perceber a finitude do *outro*, o homem percebe a realidade do *eu*, ele percebe sua finitude através do outro e dessa relação se fundamenta a tendência para o surgimento de um ser divino.

Ademais, veremos nessa seção que a partir de outro elemento, do qual o homem se sente dependente, o filósofo alemão afirma o sentimento de dependência como o fundamento das religiões naturais que têm como causa a natureza, a qual desperta sentimentos no homem de diversas formas, como o medo, a alegria, o amor e a gratidão. Pois, na medida em que a natureza, a partir de seus elementos, oferece ao homem o que ele necessita para sua segurança e sobrevivência, também ela mostra toda sua fúria e hostilidade, ou seja, ela oferece possibilidades, mas também impõe limites.

Por esse viés, é que a natureza impõe o sentimento de dependência, pois essa não necessita do homem e em nada depende dele para existir, mas o oposto, visto que o homem é um ser finito e sente essa finitude diante da magnitude da natureza. Esses sentimentos provocados por ela, formam o alicerce do sentimento religioso do homem primitivo das religiões naturais, na qual a natureza é percebida e tratada como uma entidade divina.

Ao definir o sentimento de dependência como fundamento da religião, Feuerbach foi criticado pelos filósofos especulativos<sup>12</sup>. Seguindo essa teoria, Hegel é sarcástico e diz que se fosse assim: “o cão tem de ter religião, porque sente-se dependente do seu dono.” (*apud* FEUERBACH, 2009, p.38). Nesse sentido, podemos dizer que o sentimento de dependência que origina a religião é exclusivo do homem porque ele não existe sem um ente diferente de si. Como afirma Feuerbach, a religião tem seu sentido no “sentimento ou na consciência que tem o homem de não existir, nem poder existir sem um ente distinto a si, portanto de não dever a si mesmo sua própria existência.” (FEUERBACH, 2005, p.24).

Em *A Essência da Religião* e nas *Preleções Sobre a Essência da Religião*, Feuerbach aborda a concepção de natureza e une antropologia com fisiologia a fim também de evidenciar a sensibilidade e que o homem é um ser da e na natureza, originado e, totalmente, dependente dela. Essa dependência é a razão existencial do homem que permite sua subsistência no mundo terreno, cuja essência é externa a sua. Em outras palavras, o homem é dotado de sensibilidade e se institui na dependência da natureza que é sua fonte de vida e

---

<sup>12</sup> Ver Feuerbach, (2009, p. 38).

morte a qual disponibiliza os artifícios para sua existência enquanto parte desse mundo material.

Para Feuerbach, os deuses presentes na natureza das religiões naturais, é a própria natureza personificada e divinizada. “[...] o Deus físico ou o Deus considerado apenas como causa da natureza, das estrelas, das árvores, das pedras, dos animais e dos homens enquanto seres físicos e naturais nada mais significa que a essência divinizada e personificada da natureza.” (FEUERBACH, 2009, p. 34). Assim, há uma conexão do homem com os fenômenos naturais que perfazem um laço cotidiano e imanente que o leva às práticas religiosas, fornecendo, portanto, o alicerce motivador da religião. Pois, “originalmente nada mais expressa a religião que o sentimento que o homem tem de sua conexão, de sua unidade com a natureza ou o mundo.” (FEUERBACH, 2009, p. 48).

O primeiro aspecto que sustentou a essência da religião a qual faz parte da historicidade humana é o homem ainda nos primórdios, que via nos fenômenos naturais a necessidade de adorá-los por sentir-se dependente deles. Nas antigas civilizações, mesmo os gregos e romanos, não estabeleciam na natureza um agente absoluto, sobrenatural e transcendente fora do mundo físico, mas somente os elementos naturais como os astros, as águas, as plantas, os animais, etc., esses entes naturais acometiam no homem o sentimento de dependência que levava o mesmo a pensar em algo divino que o levava a satisfação de seus anseios, assim, o homem antropomorfizava sua própria essência na natureza.

Desse modo, podemos falar, apoiando-se em alguns exemplos históricos, que a religião é a expressão da relação de um ser com o outro, na qual é demonstrado o sentimento de finitude, logo o sentimento de dependência. Assim, para Feuerbach (2009, p. 46), o “sentimento de dependência e finitude são o mesmo.” A crença em deuses, que o sentimento de dependência determina, é igualmente a consciência de finitude que o homem tem ao perceber que é um ser mortal e que um dia morrerá e não mais existirá.

Portanto, a finitude humana é reconhecida também na morte, pois esta é uma certeza para o homem, o que implica em um sentimento de dependência por outro ser que possa ajudá-lo a suportar essa limitação de que é um ser finito. Nesse sentido, Feuerbach (2009, p. 47), afirma “que somente o túmulo do homem é o berço dos deuses”, pois através da percepção de finitude do homem, é que são criados os deuses para preencher as lacunas e os desejos de seus adoradores.

### ***2.1.1 Os animais como objeto de adoração religiosa***

O sentimento de dependência instaura no homem a religião porque este sentimento mostra a necessidade do homem pelo outro e a dependência por um ente diferente de si. Nesse sentido, sendo o sentimento de dependência demonstrado no ser, tomemos, nessa seção, como exemplo os animais que se tornaram objeto de adoração religiosa, os quais também podem ser associados ao sentimento de dependência, pois o que desperta esse sentimento, no homem, são as propriedades de tal objeto que asseguram sua vida. Ora, uma vez que o ser humano necessita de determinada coisa ou objeto, torna-se para ele um objeto de adoração religiosa. “Em alguns objetos de adoração religiosa dependem deles felicidade e infelicidade, bem ou mal-estar, doença e saúde, vida ou morte na verdade e realidade, em outros somente na imaginação, na crença, na fantasia.” (FEUERBACH, 2009, p. 58).

Ou seja, assim como a natureza, em geral, tornou-se um objeto religioso, sendo um fundamento existencial para o homem, do mesmo modo foram os animais, visto que, sem estes, a vida do homem era impossível nos primórdios. Assim, sendo a natureza animal necessária para os humanos, estes transformam aquela em objeto de adoração. Conforme Feuerbach:

O culto aos animais e a natureza em geral não nos mostra somente o estágio prático da cultura de um povo, mas também sua natureza teórica, seu estágio espiritual em geral; porque, enquanto o homem adora animais e plantas, não é ainda um homem como nós, identifica-se, pois, com os animais e as plantas, estes são para eles ora seres humanos, ora não-humanos. (FEUERBACH, 2009, p. 63).

O culto animal originou-se com os antigos egípcios e alguns animais eram considerados com um valor vital acima dos homens. De acordo com Feuerbach (2009, p. 54), “o homem adora como deus aquilo de que sua existência depende”. Desse modo, os animais, considerados deuses, principalmente nas culturas primitivas, possuíam um valor importante porque era atribuído a eles um valor existencial à sobrevivência humana.

Em *A Essência da Religião*, Feuerbach diz que na antiguidade o culto aos animais era justificado, pois esses eram considerados seres indispensáveis para a sobrevivência dos homens e havia uma contribuição destes para o desenvolvimento cultural e civilizatório dos povos primitivos, pois, “somente através dos animais o homem poderia emergir de seu estado animal, somente sob sua proteção e com sua ajuda ele poderia germinar a semente da civilização na humanidade.” (FEUERBACH, 2005, p. 26). Nesse sentido, o filósofo alemão

questiona a importância dos animais para os povos antigos e a importância dos mesmos para sua época:

Mas que importância tem o animal ainda hoje para nós, nós que rimos do culto ao animal! O que é o caçador sem o cão de caça, o pastor sem o cão pastor, o camponês sem o boi? Não é o esterco a alma da economia? Não é também para nós o boi, como era para os povos antigos, ainda hoje o princípio supremo, o deus da agricultura? Porque então vamos rir dos povos antigos por terem adorado religiosamente o que para nós, homens racionais, tem ainda o mais alto valor? Não colocamos ainda em muitos casos o animal acima do homem? (FEUERBACH, 2009, p. 56, 57).

Nessa perspectiva, podemos também evidenciar a importância dos animais para o homem, ainda, na atualidade. Como é sabido, ainda existem animais considerados sagrados e ainda adorados, isso não se perdeu completamente no tempo. No entanto, os animais, nos dias vigentes, não se tornam importantes para o homem apenas em um contexto religioso, nem na utilidade deles como no século XIX, como relata Feuerbach ao citar sua época. A dependência por eles, agora, acontece em um contexto capitalista e abusivo das grandes indústrias, uma vez que os animais já não são, como eram para os povos antigos, fundamentais para a sobrevivência e existência humana. Nesse sentido, podemos dizer que, atualmente, são apenas objetos para fins lucrativos do homem e um luxo para seu paladar.

Ao analisarmos a razão da adoração aos animais, na antiguidade, o autor referido nos diz que o homem não foi capaz de se desenvolver sozinho somente com seus esforços e trabalho, mas que foi necessária a ajuda de seres não sobrenaturais e, sim, reais, no caso os animais. Entretanto, Feuerbach fala que a utilidade desses também não era uma das razões para a adoração, os motivos eram desconhecidos e contraditórios, pois eram adorados desde pragas, como piolhos a animais considerados úteis como o boi. Dessa forma, o autor enfatiza que o culto a alguns objetos de adoração religiosa acontece apenas como superstição e crença na imaginação religiosa do homem.

Mesmo que um animal não tenha nenhuma utilidade ou nocividade real ou provada historicamente, mesmo assim associa-o o homem em sua imaginação religiosa a impressões supersticiosas, sempre por um motivo totalmente casual ou por nós desconhecido. [...] Os motivos íntimos da adoração são iguais, diversas são suas manifestações, porque em alguns objetos a adoração se baseia numa utilidade ou numa nocividade imaginária, existente só na crença ou na superstição, e em outros objetos numa utilidade e numa nocividade real. (FEUERBACH, 2009, p. 58).

Os animais eram necessários para o homem e tudo que para ele é necessário, torna-se dependente. Uma vez que a formação cultural de um povo rudimentar se iniciava e não havia uma razão ao certo para o culto animal, Feuerbach nos diz que o motivo não estava na nocividade, nem na utilidade do animal, mas fundamenta-se no sentimento de dependência, pois os homens são diversos e, conseqüentemente, relacionam-se na diversidade das coisas. Desse modo, o homem, com sua mente religiosa, associa seu objeto religioso às impressões de superstições. Diversas são, portanto, suas manifestações.

O homem adora a si mesmo quando faz dos animais, objeto de seu culto. Nessa perspectiva, Feuerbach reforça o seu pensamento quando diz que “na religião o homem objetiva apenas sua própria essência.” (FEUERBACH, 2009, p. 63). Essa afirmação se aplica, igualmente, para aqueles que adoram alguns animais sem motivo racional, nem histórico. Desse modo, a adoração se dá no medo ou em causalidades singulares, porque quando algo é adorado sem motivos, o homem externaliza no objeto seu próprio delírio, sua fantasia. Nessa perspectiva, é que Feuerbach profere que:

[...] o homem adora como Deus tudo aquilo de que ele sabe ou crê ser a sua vida dependente e que exatamente por isso no objeto da adoração só se evidencia o valor que ele atribui a sua vida e a si mesmo em geral e que, conseqüentemente, a adoração de Deus depende da adoração do homem. (FEUERBACH, 2009, p. 64).

Nesse sentido, o sentimento de dependência é um meio eficiente para o homem saber lidar com suas emoções, que advém de sua relação com os entes divinos, uma forma de conduzir seus medos e também suas alegrias mediante a seu encantamento pela natureza, o que, conseqüentemente, resulta nas práticas religiosas. Portanto, a religião tem seu início no sentimento de dependência a partir de estados tanto positivos, no que concerne à satisfação dos desejos humanos, quanto a estados negativos, que dizem respeito ao medo, ao terror. Podemos dizer que a religião é uma espécie de objetivação do sentimento de dependência que tem como causa a natureza.

No entanto, o sentimento de dependência só constitui a religião em sua origem e não em sua totalidade. Como já mencionado, caso o homem se libertasse desse sentimento e aceitasse sua finitude, não existiria religião, pois não desejaria ir além dele mesmo e não projetaria seus desejos em um ser superior (Deus). Contudo, a religião não expressa apenas a

dependência do homem, mas a satisfação relacionada à dependência, a realização de seus anseios. Dessa maneira, a crença em deuses complementa as necessidades e os desejos humanos. Conforme Amengual:

A explicação da religião partindo do sentimento de dependência tem por objeto uma análise e explicação materialista da religião: religião como relação entre homem e natureza, relação fundamentada sobre a necessidade e finitude do homem e com o fim de acalmar seus desejos e vontades, que tem por objeto a natureza. (AMENGUAL, 1980, p. 253).

De forma mais precisa, o homem é um ser provido de sensibilidade, cheio de sentimentos e vontades. Mas, ao contrário dele, a natureza não é um ser afetuoso e por isso não retribui da mesma forma a relação que aquele tem por essa, pois a natureza, bruta por diversas vezes, mostra-se aos homens como um ente sem compaixão, inumana e cruel. Nesse sentido, Serrão diz que:

O primitivo sente a Natureza como algo de estranho, e é impelido a subjugar esse mundo inumano, silencioso e frio, nascendo deste modo a religião como a resposta mais espontânea para aplacar as forças naturais e transformar o seu ser desconhecido e inquietante (*unheimlich*) num ser próximo e aprazível. (SERRÃO, 1999, p. 263).

Desse modo, torna-se insatisfatória a maneira que a natureza corresponde aos anseios humanos e nessa relação não recíproca e insuficiente da natureza para com o homem é que, inconscientemente, acontece a personificação da mesma e o surgimento dos deuses para consolo e proteção do homem das religiões naturais

Como já dito, o homem, por ser totalmente dependente da natureza, convence-se que é um ser limitado, finito, vulnerável, frágil e que seria impossível fugir sempre da dor e das desgraças da vida terrena. Desse modo, o homem julga-se inferior à grandeza da natureza elevada ao patamar divino, aos deuses, que nada mais são que criações da imaginação e da fantasia humana. Com efeito, Feuerbach acredita que há uma distinção entre os deuses e os homens e essa diferença está na limitação destes frente à ilimitação daqueles. Pois, os deuses são eternos e imortais, em contraposição, está o homem que existe temporariamente, finito e mortal.

O sentimento de dependência também mostra que os objetos dos quais o homem depende são objetos concretos, finitos, reais e naturais, nada sobrenatural, mas objetos da sensibilidade. Feuerbach diz que o sentimento de dependência não é no sentido teológico ou:

[...] nebuloso, indefinido, abstrato. Ele tem olhos e ouvidos, pés e mãos, é apenas o homem que se sente dependente, que se vê dependente, enfim, que se conhece dependente em todos os lados e sentidos. Mas aquilo de que o homem é dependente, de que se sente e se conhece como dependente, é a natureza, um objeto dos sentidos. (FEUERBACH, 2009, p. 59).

Assim, o sentimento de dependência não acontece em abstrações, mas no homem, na natureza. Esta é o primeiro objeto das religiões, não enquanto natureza em si, mas enquanto expressão dos sentimentos humanos, enquanto o homem necessita de algo ou teme. Ao mesmo tempo é a natureza vista como fruto da imaginação humana.

## 2.2 O medo como primeira determinação da religião

Sendo o homem dependente de muitas coisas, pode transformar qualquer objeto em um objeto de adoração religiosa, um objeto de seu medo. Dessa forma, abordaremos nesse tópico, o medo como sendo a primeira determinação da religião. Em suas *Preleções Sobre a Essência da Religião*, Feuerbach discorre a respeito do medo, seguindo a interpretação de antigos religiosos que diziam ser o medo, o primeiro a originar a religião.

Muito conhecida é a expressão do poeta romano: *Primus in orbe Deos fecit Timor*, o medo foi o primeiro que criou deuses no mundo. Entre os romanos tem até mesmo a palavra medo, *metus*, o sentido de religião, e inversamente tem a palavra *religio*, às vezes, o sentido de medo; por isso é para eles um *dies religiosus*, um dia religioso, o mesmo que um dia infeliz, um dia que se teme. Até mesmo a nossa *Ehrfurcht* alemã (expressão da mais elevada adoração, da adoração religiosa) é composta, como a própria palavra mostra, de *Ehre* (honra, dignidade) e *Furcht* (medo). (FEUERBACH, 2009, p. 38).

Assim, podemos dizer que o medo é a primeira expressão da religião e o primeiro aspecto do sentimento de dependência que move o homem e o faz projetar suas características na natureza, reconhecendo-a como um outro homem. Uma projeção de seu relacionamento com o outro e consigo mesmo. Desse modo, a natureza é transformada em deuses e torna-se objeto de oferendas.

As primeiras adorações, presentes nos povos primitivos, fundaram-se no medo e a partir dessas religiões rudimentares, ainda não organizadas, já se justificava a natureza de um ponto de vista supersticiosa e sobrenatural. “A superstição então revela o significado desse sentimento religioso, definido genericamente como medo: o senso de dependência.” (TOMASONI, 1986, p. 105). Ou seja, nos primórdios, mesmo ainda não existindo as religiões organizadas, o medo é a expressão precursora das primeiras práticas religiosas. Não podendo medir forças com os fenômenos naturais, o homem percebeu que a natureza poderia mantê-lo vivo ou matá-lo. Tempestades, furacões, terremotos, secas, etc., todos esses acontecimentos naturais mostravam ao homem o quanto ele era frágil, deficitário. Assim, o homem busca na religião uma forma de superar o medo, vê nela uma segurança que possa protegê-lo desse sentimento que lhe aflige.

Para Feuerbach, a existência de uma divindade vai além da cultura de um povo, é também uma questão de ignorância<sup>13</sup>. O medo e a esperança aparecem na dúvida e na busca de um sentido para a existência. Conforme Feuerbach:

Os deuses que saem dos túmulos não são nada mais que sombras de deuses; os deuses de verdade, os vivos, os senhores da chuva e do sol, do raio e do trovão, da vida e da morte, do céu e do inferno, devem sua existência unicamente ao poder do medo e da esperança, que mandam sobre a vida e a morte e que iluminam o escuro abismo do futuro com entes de representação. (FEUERBACH, 2005, p. 93).

Algumas das antigas civilizações adoravam deuses malignos, pois visavam a uma reconciliação, uma tentativa de fuga da dor e da desgraça para a benevolência. Pois, “na mente dos primitivos, o princípio do mal acaba sendo muito mais presente e real do que o princípio do bem.” (TOMASONI, 1986, p. 98). Assim, para superação desse mal, estavam em jogo tanto o medo, que resultava em comportamentos e rituais, quanto os sacrifícios humanos para afastar a raiva dos deuses, como veremos posteriormente.

---

<sup>13</sup> Entendemos por ignorância no que se refere a criação de divindades das religiões naturais, no sentido de desconhecimento, visto que Feuerbach faz referência a essas, como povos rudes. Nesse sentido, nas *Preleções Sobre a Essência da Religião* o autor se refere ao homem que se deixa ser oprimido pela religião, como possuidor de uma “razão inculta e ignorante”. Ver Feuerbach (2009, p. 35, 36). Ademais, no parágrafo 23 da *Essência da Religião*, Feuerbach faz uma crítica à teologia mediante ao mistério da origem da vida e afirma que a teologia tenta explicar o que não pode ser explicado através de um “não-ser”, ou seja, por meio de um ser imaterial, incorpóreo, sobrenatural. O que para Feuerbach, isso não passa da mais evidente ignorância teológica, bem como de invenções fantasiosas no que tange ao “campo das causas naturais”. Ver também Feuerbach (2005, p. 47, 48 e 49).

Nesse sentido, a religião serve como uma forma de aplacamento dos medos humanos, para sua segurança e proteção, uma vez que o homem é amedrontado pela mutabilidade da natureza. Contudo, a religião também prende o homem ao seu próprio medo para que assim ele não consiga se desligar dela, pois a divindade retribui o que lhe é dado. Se Deus for amado e adorado, ele lhe dará amor, mas se for ignorado, poderá sentenciar o homem com seu poder absoluto, com toda a sua ira. Mas, em linhas gerais, embora o homem seja prisioneiro do medo, ele consegue driblar o mesmo com a religião, é onde ele aprende a dominá-lo, compactuando com os deuses ou com a natureza a fim de sua proteção. Desse modo, ele não fica completamente à mercê do medo, pois consegue atuar sobre ele, relativizando o efeito do mesmo.

A personificação dos fenômenos naturais é a forma mais elevada de medo demonstrada pelo homem, até “mesmo entre os povos mais elevados espiritualmente.”(FEUERBACH, 2009, p. 40). Pois, através das tempestades, trovões, raios, chuvas, etc., o homem percebe a superioridade desses fenômenos naturais que podem acabar com sua vida. Dessa forma, sejam os cristãos ou os pagãos, a verdade é que todos se sentem mais religiosos em momentos de desgraças, nos quais sentem medo.

Segundo Feuerbach, os diversos deuses cruéis das religiões naturais, representam o mesmo Deus zangado do Cristianismo, o que difere uns dos outros é que, no Cristianismo, o medo é atribuído apenas a um Deus, no mais, os cristãos, igualmente às outras religiões, temem seu Deus e dirigem-se a ele para que não sejam castigados e alcancem a “salvação na vida eterna”. Dessa forma, podemos dizer que a religião cristã advém do mesmo motivo das demais religiões<sup>14</sup>. Todo o discurso de benevolência, pregado pelos cristãos, Feuerbach atribui como pano de fundo o medo. Achando que são observados, procuram agir moralmente dentro dos mandamentos de seu Deus moral, caso contrário, poderá ser castigado eternamente, visto que Deus tem o poder sobre essa vida terrena e para além dela.

Nas religiões naturais, o homem dirige suas orações e oferendas a natureza porque não a ver como algo inerte, ele percebe as mais variadas sucessões de seus fenômenos, que por vezes o assusta. Ou seja, o medo faz o homem perceber sua fragilidade diante da natureza. No entanto, quando a fúria da natureza passa, dá-se lugar aos sentimentos contrários ao medo como: a segurança, a alegria, o amor, a gratidão e a esperança. “A natureza, portanto, aparece ao homem, que ainda não subiu ao ponto de vista da reflexão, como um ser dotado de livre

---

<sup>14</sup> Ver Feuerbach, (2009, p. 42).

arbítrio - e o que ela necessariamente produz, como um presente espontâneo.” (TOMASONI, 1986, p.185). Nessa perspectiva, Feuerbach discorre:

[..] o medo não é a explicação completa e suficiente para a religião não somente pelo motivo alegado por alguns de que o medo é um sentimento passageiro, porque o objeto do medo permanece pelo menos na imaginação, sendo até mesmo a principal característica do medo o fato de ele se estender para além do presente, o fato de ele temer males possíveis e futuros, mas também porque ao medo segue-se um sentimento oposto, uma vez que o perigo passou, e esse sentimento contrário ao medo se prende ao mesmo objeto, bastando um pouco de atenção e reflexão para se perceber. Esse sentimento é o da libertação do perigo, do medo e da angústia, é o sentimento do arrebatamento, da alegria, do amor e da gratidão. (FEUERBACH, 2009, p. 43).

Sendo assim, nosso autor entende que a religião não é composta apenas por sentimentos que oprimem, mas também por sentimentos positivos como os mencionados anteriormente. Feuerbach, também discorda da ideia de muitos panteístas e teístas que estabelecem a religião somente a partir do medo<sup>15</sup>, pois:

O deus que destrói árvores, animais e homens através de seu raio é o mesmo que reaviva os campos e prados através de sua chuva. De onde vem o mal, daí vem também o bem; de onde o medo, daí também a alegria. [...] Somente povos que vivem apenas o momento, que são bastante impotentes, embotados e ingênuos para poder sintetizar diversas impressões transformaram em deus somente o medo e tomaram como objeto de sua adoração religiosa somente deuses cruéis e terríveis. De forma diversa sucede em outros povos que, por causa das impressões momentâneas de uma coisa que gera o medo e terror, não esquecem suas qualidades boas e benignas. Aqui torna-se o objeto do medo também um objeto da adoração, do amor e da gratidão. (FEUERBACH, 2009, p. 43).

Portanto, somente o medo não justifica, nem explica a religião. Segundo Feuerbach, de um ponto de vista psicológico, o sentimento de dependência é a explicação universal da religião que abrange tanto o medo como a gratidão e outros sentimentos como o amor e a alegria. Isso porque “não encontramos nenhuma outra explicação psicológica tão devida e completa quanto o sentimento de dependência ou a consciência de dependência.” (FEUERBACH, 2009, p. 38).

---

<sup>15</sup> Ver Feuerbach, (2009, p. 44).

Contudo, o sentimento de dependência é apenas o fundamento para a origem das religiões em geral. Pois, ao se sentir dependente de algo, o homem busca romper com suas limitações terrenas a fim de superá-las. Além do medo que sente dos fenômenos naturais, o que mais assusta o homem é o medo da morte, este, indubitavelmente, é o maior medo dele, daí a crença na imortalidade, como acontece na religião cristã. Assim também é que surgem os deuses, de forma inconsciente da religião a qual ajudará o homem, segundo a sua crença, na realização de suas vontades.

O homem percebe que não depende só de si mesmo para existir, o medo da morte lhe mostra o quanto é dependente da natureza. Nesse sentido, a divinização da natureza pelas religiões naturais que se fundamenta no medo e na dependência humana é extremamente nociva, bem como uma natureza criada a partir de uma entidade absoluta, uma vontade benevolente que é o Deus cristão. Desse modo, podemos ressaltar que Feuerbach também busca uma valorização humana que possa se libertar da opressão religiosa através do aniquilamento desse tipo de religião, – que nega o homem e a natureza – bem como uma natureza valorizada e autodeterminada em si e por si mesma.

Em suma, podemos notar que ao surgir do sentimento de dependência, a religião natural é uma forma humana de aproximação de seu deus para sua própria conservação. No primeiro momento, a natureza é uma identificação de deus, posteriormente, há uma superação desse pensamento e Deus passa a ser seu criador, esse pensamento é instituído pelas religiões cristãs.

Pois, na perspectiva de Feuerbach, o medo está presente em todas as religiões tanto no Cristianismo quanto nas religiões naturais. Ambas recorrem a algo superior como explicação e afastamento do medo. Em outras palavras, tanto a dependência quanto o medo são pilares que fundamentam as religiões em geral, mediante aos sentimentos que a natureza ou um Deus absoluto desperta no homem e embora esses sentimentos sejam diversos, são eles que constituem o princípio da religião.

Destarte, vimos que o sentimento de dependência é algo determinado que se institui diante do medo e da esperança e é provocado, no homem, a partir do objeto ao qual o mesmo se sente inerente, portanto, ele não é um sentimento imediato. Em outras palavras, um objeto só é objeto de adoração religiosa, quando ameaça a vida do homem ou quando é motivo de alegria e bem-estar.

### *2.2.1 O sacrifício como alívio da culpa e desejo de felicidade*

Como mencionado anteriormente, a morte é o maior medo do homem, mas qual seria então o maior bem? A vida. A vida é o bem mais precioso e “o homem o mais elevado ser” (FEUERBACH, 2009, p. 84), que tem como maior desejo a felicidade. Assim sendo, trataremos, nessa seção, o ato do sacrifício praticado pelo homem como uma forma de aliviar sua culpa, o qual numa perspectiva feuerbachiana, não era um ato realizado sem finalidade, mas com objetivo egoístico. Segundo Feuerbach:

O homem só sacrifica o homem, o mais elevado ser, para agradecer à suprema felicidade a seu ver ou para evitar a suprema infelicidade, seja real ou suposta, porque o sacrifício não tem uma finalidade ou um sentido próprio; concilia-se com os deuses só porque eles são seres dos quais dependem precisamente toda felicidade ou desgraça, de forma que aplacar a ira dos deuses nada mais significa que evitar a desgraça e conseguir o favor ou a graça dos deuses nada mais é do que conseguir para si todo o bem. (FEUERBACH, 2009, p. 84).

De acordo com Feuerbach (2009, p. 84), “o sacrifício é uma privação de um bem precioso para o homem”. Para este, nada está acima da vida e a considera o bem mais elevado e acredita que também seja para os deuses, por isso oferece a vida a eles, pois os mesmos não poderiam recusar este bem tão precioso. Mas, qual a finalidade do sacrifício? O sacrifício não é um ato sem uma finalidade. Segundo Feuerbach, o sacrifício se fundamenta num intento egoístico. Ora, pois quem sacrificaria algo tão valioso sem uma gratificação? O ato sacrificial tem como fim atingir a felicidade, evitar a dor e a desgraça ou como forma de agradecimento por algo já almejado. Uma vez tendo sido agraciado pelos deuses, o homem atinge, para si, todo bem. Nesse sentido, ressalta Tomasoni:

O sacrifício elimina o sentimento de culpa – é uma propiciação do objeto. No entanto, é também ao mesmo tempo uma expressão do sentimento de gratidão; nesse sentido, minha opinião é apenas receber um presente que é oferecido a mim. Seu verdadeiro objetivo, no entanto, é a afirmação, a auto-satisfação do homem. O começo está no sentimento de dependência, mas o fim na autoconfiança. (TOMASONI, 1986, p. 237).

Desse modo, a devassidão é sempre o resultado das festas sacrificiais dos antigos povos. Muitos sacrifícios sangrentos entre humanos tinham como fim favores ou buscavam

agradar aos deuses. Os sacrifícios foram praticados, porque os elementos retirados da natureza, os quais o homem natural se sentia dependente, não eram considerados dele. Assim, o homem entendia que não tinha autorização para usufruir dos mesmos e, portanto, os deuses ficariam zangados. Seguindo a concepção de Feuerbach, o sacrifício, era então, a forma de apaziguamento entre o homem das religiões naturais e seus deuses, do alívio de culpa, bem como da autoconfiança daquele.

Mas quando o homem sacrifica a si mesmo, ainda assim, ele tem um fim egoístico? Sim, para Feuerbach, como já dito, qualquer renúncia de um bem precioso é de caráter egoístico, seja no derramamento de sangue humano entre os pagãos, seja na renúncia dos prazeres corporais e dos bens materiais, como acontece na religião cristã, pois o homem tem como objetivo alcançar a vida eterna e lá atingir a felicidade e desfrutar desta eternamente. Ou seja, o egoísmo humano é o objetivo tanto da mais elevada forma de sacrifício quanto da mais baixa. Por exemplo, podemos citar os sacrifícios praticados nas religiões naturais, em que eram oferecidos aos deuses apenas partes de animais que os homens não comiam, como o rabo e a cabeça. Sobre isso, Feuerbach explica:

Quão diversos os homens, tão diversas são também suas religiões e tão diversos seus sacrifícios. Na religião, o homem não contenta nenhum outro ser; ele contenta sua própria essência. O homem inculto não tem outras necessidades e interesses que não sejam os da parte inferior do corpo; seu verdadeiro deus é seu estômago. Por isso nada tem ele a oferecer a seus deuses falsos e aparentes, só existentes na imaginação, a não ser o que deixa seu estômago – rabos, cabeças, chifres, pele e ossos. O homem culto ao contrário, tem desejos e necessidades estéticas; não come qualquer coisa indistintamente [...] por isso um povo com senso artístico em relação a seus deuses tem naturalmente também sacrifícios artísticos, sacrifícios que agradam aos olhos e aos ouvidos. (FEUERBACH, 2009, p. 92).

Desse modo, os povos incultos e os cultos se distinguem, visto que os primeiros, sacrificam tudo o que não servir ou for útil para seu estômago, enquanto os segundos, são mais seletivos. Contudo, o que há de diferente de fato, entre esses povos, é apenas o objeto do sacrifício, mas o tipo de sacrifício, em ambos, é instituído pelos sentidos, pois, cada povo tem gostos diferentes, dependendo do seu lugar de origem. Os mais variados tipos de sacrifícios podem ser explicados também como consequência do medo e da alegria, os mesmos constituintes, psicologicamente, também dos deuses. Para o homem rude das religiões naturais, o medo, portanto, é compensado pelos sacrifícios. Pois, o religioso natural acreditava que os sacrifícios seriam uma forma de persuadir a natureza. Conforme Serrão:

Os elementos naturais já divinizados voltam, por sua vez, a exigir que seja acalmada a sua incomensurável potência, exigência que é cumprida por meio dos ritos de sacrifício susceptíveis de atenuar o seu poder mal e contrário aos desígnios dos povos, ou invocar o seu poder bom, adequado aos fins solicitados. (SERRÃO, 1999, p. 264).

Assim, os sacrifícios dão uma certeza ao religioso natural, uma segurança direta que permanece com o apoio da natureza divina. Desse modo, podemos perceber que o sacrifício significa, portanto, a junção de ambos, ou seja, a personificação da natureza expressa pelo medo do ser humano.

No sacrifício se concentra e adquire forma toda a essência da religião. O fundamento do sacrifício é o sentimento de dependência: o medo, a dúvida e a certeza em quanto ao futuro, o remorso pelo pecado cometido; mas o resultado, o fim do sacrifício, é o sentimento de autoconfiança: o valor, o gozo, a certeza do êxito, a liberdade, a felicidade. No sacrifício me mostro como servo da natureza, mas depois do sacrifício me mostro como senhor da natureza. (FEUERBACH, 2005, p. 57).

Nessa perspectiva, Feuerbach nos mostra um aspecto que pode ser compreendido no comportamento religioso como uma condição de dualidade. Para tomar como exemplo, citamos a presença dos animais nas religiões primitivas, nas quais ora o animal é adorado, ora é sacrificado. Assim também é o homem, que em um momento sente-se senhor e em outro, escravo.

Desse modo, o sacrifício representa uma característica comum na cultura do religioso natural. Esses povos não praticavam apenas os sacrifícios de animais, mas também o sacrifício humano. “As vítimas podem ser prisioneiros de guerra capturados para o propósito, mas também membros da mesma tribo, virgens ou crianças. Às vezes, como acontece com os povos de *yucatan*, é necessário um tipo de consentimento da vítima.” (TOMASONI, 1986, p. 99). Mesmo de forma inconsciente, o sentido do sacrifício humano consiste na negação do homem que o faz ser cada vez mais dependente de uma entidade divina, pois os deuses só cessarão o sofrimento e trarão a calma se o homem estiver impossibilitado, impotente.

Cada sacrifício é praticado correspondente a seu deus, nesse sentido é que podemos apontar os sacrifícios das religiões naturais os quais eram sangrentos, pois eram direcionados a seus deuses físicos, e o sacrifício da religião cristã que é espiritual, pela razão que seu Deus

é um ente metafísico. Ou seja, o Cristianismo teria abolido o sacrifício humano. No entanto, Feuerbach diz que a religião cristã aderiu a outro tipo de sacrifício, “[...] ao invés de sacrifício humano corporal, introduziu o sacrifício humano psíquico, espiritual, o sacrifício humano que, em verdade, não na aparência, mas no fato e na realidade é um sacrifício humano.” (FEUERBACH, 2009, p. 87, 88).

Nesse sentido, ao usufruir dos prazeres corpóreos dessa vida, o cristão entende essa ação como uma culpa e passa a torturar-se, aceitando viver de forma retraída na vida terrena, pois, assim, acredita que será beneficiado e gratificado ao recusar os prazeres da vida material, as tentações. Esse é um sacrifício que ocorre para que, um dia, acredita o cristão, ele alcance a verdadeira felicidade.

Contudo, para Feuerbach, a felicidade não ultrapassa a vida terrena, ela só é possível, nesse mundo real, não sendo uma idealização que só será alcançada, plenamente, numa vida eterna com a anulação da matéria. Mas, a felicidade é concebida, por nosso autor, numa relação direta com o instinto de autoconservação que garante, dessa forma, uma ligação com os próprios elementos da natureza material. Nessa perspectiva, que recai numa ideia antropológica, a felicidade deve ser compreendida como algo a ser buscado e não como algo já definido.

A ideia de felicidade, num primeiro momento em Feuerbach, está relacionada à ideia de prazer e bem-estar e numa concepção instintiva natural não metafísica, nem hedonista. “Prazer e bem-estar têm relação com a felicidade porque garantem a atuação do instinto na existência dos seres.” (LOPES, 2014, p. 13). Seguindo por esse viés, numa perspectiva feuerbachiana, a felicidade está relacionada a algo natural, com a matéria, a natureza física, os desejos humanos, o que, conseqüentemente, relaciona-se com o instinto de autoconservação. Em oposição a isso, o Cristianismo considera um ideal de felicidade, numa transcendência, a crença em um Deus absoluto e numa vida após a morte. Consoante Cabada Castro:

Para Feuerbach, a divindade não é senão a comprovação dos desejos subjetivos humanos de felicidade. É o desejo de felicidade do homem que faz surgir nele a ideia de divindade. A divindade torna-se, assim, o símbolo ou objetivo da felicidade que se espera obter após os problemas da vida, como recompensa pelas renúncias ou privações a que se submeteu durante a existência terrena. (CABADA-CASTRO, 1999, p. 147).

A ação dos seres, de acordo com Feuerbach, tem como finalidade a felicidade, a qual é uma determinação instintiva tanto do homem quanto dos animais não humanos. No entanto,

para estes últimos ela se determina de forma inconsciente e nos humanos tanto de forma consciente como inconsciente. Em nossa abordagem, referimo-nos à felicidade como algo intrínseco à natureza do homem que quer sempre ser feliz. A felicidade aparece, inicialmente, de maneira inconsciente, fundamentada no instinto, ou seja, “o instinto de felicidade é impulso, desejo, busca de si mesmo, consciente ou inconscientemente.” (LOPES, 2014, p. 148).

Assim, os deuses surgiram de forma inconsciente no homem, a partir de seu sentimento de finitude, da imaginação do homem, de suas fantasias relacionadas ao sentimento de dependência, ao medo e à esperança e ao sentimento egoístico. Os deuses são criações da condição dos problemas humanos. O homem espera ser ajudado, libertado e protegido de suas dores e não quer ser incomodado em seus momentos de alegria, ou seja, o homem deseja algo e Deus deve realizar e livrá-lo de seus temores, Deus deve, portanto, garantir sua segurança. Essa relação de troca se dá no egoísmo do homem que vê em Deus a capacidade de realizar seus anseios. Desse modo, a segurança e o medo se desfazem na gratidão e no desejo humano de ser feliz.

Esses desejos humanos são características da religião, que além de objeto fantasioso, é também objeto de desejo, de conseguir o que não possui e de livrar-se do que não deseja. Explica Feuerbach (2009, p. 224): “O homem crê em deuses não só porque ele possui fantasias e sentimentos, mas também porque ele tem o instinto de ser feliz. Ele crê num ser feliz não só porque tem uma ideia da felicidade, mas também porque ele também quer ser feliz”. A religião também é, portanto, objeto do desejo de ser feliz, do instinto natural que o homem tem de felicidade.

O ser humano crê em tudo que ele gostaria de ser e ter e põe esses desejos em seus deuses, isto é, “os deuses são os desejos do homem pensados como reais, transformados em entidades reais, um deus é ânsia de felicidade do homem satisfeita na fantasia.” (FEUERBACH, 2009, p. 225). Assim, na diversidade dos deuses está também a diversidade dos desejos e o objeto de desejo do homem reflete no deus adorado de cada religião. Feuerbach expressa que:

Enquanto os deuses forem poderes, e poderes naturais originais que a imaginação humana transforma em seres antropomórficos, o homem se ajoelha diante deles, sente diante deles sua nulidade, são objetos do sentimento de nulidade, do medo, da devoção, do espanto, da admiração, são seres terríveis e majestosos que causam no homem todas as impressões que em geral causa no homem um ser ou uma imagem provida dos poderes encantadores da fantasia. (FEUERBACH, 2009, p. 225).

Uma vez que os deuses são fonte de realização dos desejos humanos, tornam-se objetos do egoísmo o qual é, segundo Feuerbach, o último princípio da religião – como veremos posteriormente - que tem como objetivo a felicidade. Isso é confirmado tanto na religião natural, quanto no Cristianismo. O instinto de conservação do homem depende do tamanho de sua necessidade ou dificuldade. Ou seja, a manifestação de salvação é refletida a partir da intensidade de medo e perigo que ele está sentindo.

O homem não deve a vida somente a si mesmo, pois está sempre vulnerável a catástrofes externas e naturais, por isso, devido ao seu instinto de conservação, ele imagina um ser que tenha todas as suas características, o qual possa ouvir seus lamentos e desejos “porque a natureza não pode realizar esse desejo; a natureza como é na realidade, não é um ser pessoal, não tem coração, é cega e surda dos desejos e lamentos do homem.” (FEUERBACH, 2009, p. 228).

Entretanto, com base em Feuerbach, o homem transforma os fenômenos naturais em seres divinos, com características humanas ou espirituais, por causa de seu amor próprio, do egoísmo, uma afetividade proveniente de seu desejo de felicidade e não apenas de sua ignorância e limitação frente à natureza, nem somente por suas personificações imaginárias.

### **2.3 O egoísmo como princípio último da religião**

O presente tópico tem a pretensão de apresentar uma mínima referência ao egoísmo tratado em *A Essência do Cristianismo*, por Feuerbach, a influência da obra referida no pensamento de Max Stirner, a crítica de Feuerbach à Stirner e, por fim, a ideia de egoísmo como instinto de autoconservação, como aparece nas *Preleções Sobre a Essência da Religião*. O principal foco deste tópico é o egoísmo como instinto de autoconservação. No entanto, decidimos traçar esse caminho, para que o leitor, tenha uma noção sobre o egoísmo tratado por Feuerbach antes das Preleções e o egoísmo tratado nas Preleções.

O Cristianismo pode ser considerado um grande promovedor do egoísmo. Essa afirmação pode ser comprovada a partir da doutrina da criação que é, essencialmente, uma das principais características do Cristianismo que tenta explicar o inexplicável sobre a origem do homem e do mundo em fábulas imaginárias.

Em *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach lança sua crítica sobre a doutrina do Criacionismo que emana da judaico-cristã que concebe a natureza como meio para seus fins

necessários, um produto de uma vontade subjetiva compreendida como “nada”. Desse modo, o Cristianismo também perdura o caminho da utilidade do Judaísmo, um utilitarismo cristão que considera a natureza como produto de desfrute humano.

Outra questão é o que Feuerbach compreende sobre a natureza. De acordo com ele, a natureza tem seu início e fim em si mesma e não, em um Deus criador. Uma teoria que condiz com a consciência dos gregos e pagãos. “Os gregos contemplavam a natureza com olhos teóricos; ouviam música celestial no curso harmônico das estrelas; viam emergir da espuma do oceano bravio a natureza sob a forma de Vênus Anadiômene.” (FEUERBACH, 2013, p. 130). Do mesmo modo, agiam os pagãos, que adoravam e contemplavam a natureza, rebaixando-se a ela e sacrificando-lhe o coração e a inteligência. Como explica Feuerbach:

Os pagãos foram idolátras, i. e., contemplavam a natureza; nada mais faziam do que o que fazem hoje os povos profundamente cristãos ao fazerem da natureza um objeto de admiração, da sua pesquisa incansável. “Mas os pagãos adoravam os objetos da natureza”. Certamente; mas a adoração é apenas a forma infantil, religiosa da contemplação. Contemplação e adoração não se distinguem essencialmente. Eu me humilho perante aquilo que contemplo, sacrifico a ele o que tenho de mais precioso, o meu coração, a minha inteligência. (FEUERBACH, 2013, p. 132, 133).

Em contraposição ao que foi mencionado, sobre o sentido da natureza para os gregos e os pagãos, está o Cristianismo que está expressado na arrogância e ignorância que carrega a ilusão de uma natureza sob o domínio humano, como mero objeto para ser desfrutada como produto e que foi criada por um Deus absoluto e todo-poderoso o qual tudo pode. Assim, Feuerbach (2013, p. 131) afirma o Cristianismo e o Judaísmo com um sentido unicamente egoísta, com um “princípio prático do mundo”. O filósofo ainda diz que:

[...] o egoísmo, e em verdade o egoísmo em forma de religião. O egoísmo é o Deus que não decepciona os seus servos. O egoísmo é essencialmente monoteístico, porque ele só tem uma coisa por meta: a si mesmo. O egoísmo recolhe, concentra o homem sobre si mesmo; ele lhe fornece um princípio de vida sólido, denso, mas limita-o teoreticamente, porque é indiferente a tudo que não se relacione imediatamente com o próprio bem-estar, (FEUERBACH, 2013, p. 131).

Feuerbach não apoia uma subjetividade arbitrária que busca ocupar a posição, o lugar da natureza na qual nega a materialidade, mas, sim, tende para o materialismo o qual está

presente nos gregos e pagãos porque corresponde ao real, à matéria eternizada, uma realidade do ser, ante o pensamento. Além de recusar o Deus criador que está em oposição à natureza da religião cristã, Feuerbach, igualmente, rejeita a crença em um Deus transcendente que implica na indiferença às determinações essenciais do mundo e na relação com o outro. A imagem de um Deus transcendente reflete, para nosso filósofo, a noção da personalidade humana subjetiva que se separa do mundo real e se abstrai de sua elementar unidade *eu-tu*.

Dito isso, a fim de uma superação desse Deus pessoal, dessa ideologia religiosa, Feuerbach busca o resgate do homem, de seus predicados e potências que são objetivadas no Deus transcendente e pessoal do Cristianismo. Neste, o homem perde-se de sua própria essência genérica, ele a objetiva, projeta-a para fora de si e só depois torna-se seu objeto, transformada em um Deus absoluto e singular. Por outro lado:

Os pagãos só acreditavam numa providência do indivíduo por meio do gênero, da lei, da ordem universal, portanto, só numa providência mediata, natural, não milagrosa; mas os cristãos abandonaram a mediação, colocaram-se numa união imediata com o ser providente, abrangente, universal, isto é, identificavam diretamente o ser universal com o ser particular. (FEUERBACH, 2013, p. 164).

Mas Deus, segundo Feuerbach, é a imagem do gênero humano e não, o indivíduo isolado, singular<sup>16</sup>. Assim, a premissa egoísta da subjetividade deve ser aniquilada para dar lugar à essência genérica e altruísta do homem, mas isso só é possível através da conexão do homem com a natureza e sua própria essência, com o outro em suas relações sociais, em comunidade.

### ***2.3.1 Da crítica de Stirner ao egoísmo como instinto de autoconservação em Feuerbach***

Feuerbach almeja a superação do homem alienado e reduz a teologia à antropologia. Contudo, o filósofo referido, permanece com traços divinos, transcendente e absoluto, segundo a interpretação crítica de Max Stirner. Sua crítica à Feuerbach surge com a publicação de *O Único e a sua Propriedade (1845)*, que atinge como alvo principal *A Essência do Cristianismo*.

---

<sup>16</sup> Sobre esse tema, ver Feuerbach, (2013, p. 166, 167). Ver também Chagas (2010, p. 59).

Ambos os filósofos, tanto Feuerbach quanto Stirner recusam a ideia de homem, compreendida de um ponto de vista metafísico. Eles partem, criticamente, contra o pensamento idealista do século XIX que buscava um conceito absoluto em oposição ao mundo material, real. Entretanto, apesar de terem o mesmo ponto de partida, o pensamento dos autores referidos tomou rumos distintos.

Max Stirner desenvolve sua crítica à Feuerbach, apresentando um pensamento fracassado do filósofo, no que concerne ao seu discurso antropológico. Pois, de acordo com Stirner, no discurso antropológico feuerbachiano, ainda permanece a ideia de um princípio teológico e metafísico, no qual o que aconteceu foi apenas a substituição de Deus pelo homem. O vazio deixado por Aquele, agora, passa a ser ocupado por este como espécie, mantendo ainda um ponto de vista abstrato. Nesse sentido, a crítica stirneriana acusa Feuerbach de não atingir um objetivo completamente materialista, em sua redução antropológica, pois não haveria uma perspectiva individual, orgânica, singular, o que determinaria os requisitos conceituais de homem. Conforme Stirner:

E Deus e o divino confundir-se-iam ainda mais inextricavelmente comigo. Nenhuma pretensão de vitória total pode fundar-se na expulsão de Deus do seu céu e da *transcendência*, se com isso apenas o empurramos para o coração humano e lhe oferecemos uma *imanência* indelével. Agora diremos: o divino é o que há de mais verdadeiramente humano! (STIRNER, 2004, p. 45).

Feuerbach propõe, na visão de Stirner, uma elevação da antropologia à teologia, resultando numa supremacia do homem e segundo Stirner, permanecendo, ainda, a ideia de uma divindade e, conseqüentemente, o indivíduo real, único e concreto é deixado de lado. Desse modo, Feuerbach põe todos os predicados do Deus religioso no homem, assim, a figura divina permanece nele e na concepção de Stirner, somente com a aniquilação do homem, é que se aniquilaria Deus. Feuerbach teria apenas encontrado outro ideal irreal, longe de realmente libertar os indivíduos e permitir que eles tenham prazer em si mesmos. Para Stirner, o indivíduo deve ser *eu* proprietário. O *eu* deve ser a base, causa e finalidade das ações humanas.

Mas, como se poderia chegar ao indivíduo stirneriano? Seria reconhecendo o instinto natural egoísta do homem, o qual é determinado pelo *eu*, pois o indivíduo se distingue em sua

unicidade. O indivíduo deve se unir aos outros na qualidade daquilo que é. Contudo, o homem é rejeitado, em sua qualidade, na relação com o outro ou com o mundo, se pensarmos como o egoísta apontado por Stirner. Para ele, o indivíduo deve ser livre e proprietário de si mesmo e por si próprio.

Max Stirner diz, ainda, que o processo civilizatório faz os homens instrumentos da sociedade, tornando-se trabalhadores da humanidade com uma finalidade egoísta. Assim como “toda a religião também é um culto da sociedade, um princípio dominante do homem social, e também o deus nunca é um deus de um *eu*, mas sempre de uma sociedade ou comunidade.” (STIRNER, 2004, p. 243, 244). Por isso, Stirner busca o indivíduo e não o homem, ou seja, o *eu*, o *único* e sua *propriedade*. “Nada é a causa de Deus e da humanidade, nada a não ser eles próprios. Do mesmo modo, *Eu* sou a minha causa, eu que, como Deus, sou o nada de tudo o resto, eu que sou o meu tudo, eu que sou o único.” (STIRNER, 2004, p. 10). Dessa forma, não existem relações no *eu-único* de Stirner, nada está para além dele, fecha-se em si e não admite nada que seja superior a ele.

Como já foi dito, a polêmica entre Stirner e Feuerbach se inicia na elevação da antropologia à teologia no que concerne à interpretação conceitual de homem e indivíduo. A teoria feuerbachiana aponta que o pensamento stirneriano também permanece dentro de uma perspectiva idealista que fora rejeitada por ambos os filósofos. Contudo, o *eu* de Max Stirner, possui o elemento que impossibilita o homem em suas relações que é a supremacia e o fechar-se em si mesmo.

A corporeidade é um elemento fundamental do indivíduo, de Feuerbach, que se insere no âmbito natural. O problema no pensamento stirneriano, sobre o *eu*, é que nada é reconhecido além dele mesmo, não havendo a relação do *eu* com o *tu*, como acontece em Feuerbach. Desse modo, o egoísmo de Stirner não tem nenhuma interação, a não ser consigo mesmo, um monólogo. Em Feuerbach, o *tu* e o *eu*, dialogam. O *eu* só conhece a si mesmo no *tu*. Mas, isso não quer dizer que Feuerbach despreze a unicidade do indivíduo, ele só não o compreende como o Único, pois sua principal condição é a relação comunitária entre os indivíduos.

Sobre a prevalência dos predicados divinos, no homem, Feuerbach rebate a crítica de Stirner, afirmando que não há uma permanência dos predicados divinos no homem, uma vez que os predicados, transferidos a esse, tornam-se humanos, não preservando um sentido teológico ou metafísico, mas profano e de caráter natural. Porém, na concepção stirneriana, juntamente, com o sujeito suprimido que é Deus, devem ser também, igualmente, eliminados seus predicados. No entanto, para Feuerbach, Deus e homem são o mesmo sujeito, assim, o

predicado divino e humano são, portanto, a mesma coisa. O homem deve ser conduzido pelo divino suprimido, pois o predicado se origina no homem. Deus é o homem como um ser que ama e que se reconhece do ponto de vista egoísta.

O homem não se reconhece no corpo, pois este é desvalorizado diante da alma, aqui, está presente o dualismo que consiste na cisão do corpo e alma. A humanidade tem como objetivo ir além dos limites do corpo, separando-se dele. Feuerbach é acusado por Stirner de separar o *eu* em um *eu* essencial e outro inessencial, sendo que naquele o verdadeiro seria o homem, uma abstração, e o inessencial seria o *eu* individual. Discorre Stirner à Feuerbach:

Ao Deus que é espírito chama Feuerbach “a nossa essência”. Mas poderemos nós aceitar tal coisa? Que a “nossa essência” seja posta em oposição a *nós*, que sejamos divididos num eu essencial e outro não-essencial? Não regressaremos assim àquela triste situação de nos vermos banidos de nós próprios? (STIRNER, 2004, p. 34)

Para essa acusação, Feuerbach afirma ser uma má interpretação stirneriana, pois, de acordo com ele, o referido filósofo não percebeu que se trata do homem em sua completa integralidade. O indivíduo, de acordo com Feuerbach, é o único, intelectualmente, capaz de se perceber como único e como gênero. Ou seja, ele é singular e abstrato ao mesmo tempo, sendo que o homem pode falar da unidade individual nessa capacidade de abstração.

Devido a uma afirmação do indivíduo, de forma mais universal, Stirner rejeita o indivíduo como ideia de um ser integral, pois, segundo ele, o indivíduo é único, específico e singular. Em resposta à essa questão, Feuerbach diz que é próprio da religião diferenciar um sujeito a outros, pois, na religião, Deus se difere dos demais seres e do mesmo modo é o único de Stirner que também se diferencia de todos os seres. Assim, a distinção entre os indivíduos seria eliminada caso houvesse a supressão da religião. Pois, “ser indivíduo significa de certo ser ‘egoísta’, mas significa também ao mesmo tempo [...] ser comunista.” (FEUERBACH *apud* SERRÃO, 2005, p. 175). Portanto, deve-se compreender o indivíduo como ser egoísta e comunitário.

Para Feuerbach, o único, de Max Stirner, continua numa perspectiva sobrenaturalista do Cristianismo. Para se reconhecer o indivíduo, é necessário que haja o *eu* e o *tu* e, por isso, o indivíduo de Stirner é recusado por Feuerbach, pois consiste somente em um indivíduo que não vê nada além dele mesmo, é um *eu* fechado em si mesmo e tudo é sua propriedade. Feuerbach, em oposição ao egoísmo de Stirner, reconhece o amor como capaz de direcionar

para o gênero. O maior reconhecimento do indivíduo se dá no amor e é através dele que há a união do múltiplo com o gênero. Para nosso filósofo, o sensível não é superado pelo gênero.

O amor, na teoria feuerbachiana, vai além da teoria do egoísmo de Stirner. Ele pressupõe o amor a si mesmo, o egoísmo, em Feuerbach, permanece, mas na experiência que ultrapassa a concepção do egoísmo stirneriano. Desse modo, o gênero será o *tu* diante do *eu* individual que se fixa em si mesmo.

Em relação a religião, esta é inata e se faz necessária ao homem enquanto corresponde a um relacionamento entre dois seres. Se o gênero não ocupar uma posição divina, conseqüentemente, abrir-se-á uma lacuna que poderá novamente ser preenchida com a figura de outra divindade. O *tu* e o *eu* surgem igualmente. “Dois, diferença, é a origem da religião – o *tu* é o Deus do *eu*, pois *eu* não sou sem ti; *eu* dependo de ti; nenhum *tu* – nenhum *eu*.” FEUERBACH *apud* SERRÃO, 2005, p. 177).

Feuerbach afirma que o *eu*, como sua propriedade, é relativo porque, nem sempre, certas propriedades determinam o que, efetivamente, o indivíduo é, algumas não são o próprio indivíduo. Desse modo, é que Feuerbach alarga sua visão de propriedades essenciais e inessenciais. A primeira é a condição e a base da existência, a segunda, apenas, complementa a ideia de indivíduo, pois são insignificantes se ausentes, efetivamente, como indivíduo ou homem.

O amor a si mesmo está fundamentado num princípio antropológico e natural que se define no instinto inconsciente de felicidade. O cerne do amor é a experiência necessária de afirmação do indivíduo em ser e existir. A partir do momento de reciprocidade entre o *eu* e o *tu*, acontece a relação com o *tu*, essa relação mútua é o pilar da moralidade. Mas, as relações só se desenvolvem se forem estabelecidas empiricamente e na afirmação do *eu* como conjuntura existencial do *tu*.

Com relação às ações que remetem ao altruísmo, essas podem refletir na compreensão de moralidade do indivíduo, em seu interesse e em como deve permanecer sua visão de mundo sobre as demais concepções. Ainda nesse sentido, o homem não aceita o que lhe é contrário. E por isso, ele é incapaz de amar o que contraria a si próprio ou sua forma de ver o mundo, desse modo, é necessário que todo amor seja egoísta.

No pensamento de Feuerbach, a essência do indivíduo está na comunidade. O indivíduo ao se desenvolver à homem integral, real e concreto, corresponde também, ao mesmo tempo, que o egoísmo se desenvolve ao comunismo. As ideias de unidade, singularidade e indivisibilidade são abrangidas pela totalidade, pelo homem integral

desenvolvido por Feuerbach. O homem, integralmente completo, exprime racionalmente a capacidade de se perceber como indivíduo, como unidade da multiplicidade.

Para Feuerbach, existe a possibilidade de união entre indivíduo e gênero. O filósofo alemão, de Landshut, não tem a pretensão de supervalorizar o indivíduo, como expressado por Stirner, que, desse modo, fez o seu indivíduo único diluir numa perspectiva idealista e não em materialismo, como pretendia. Indivíduo e gênero, no pensamento feuerbachiano, não devem ser compreendidos como duas instâncias distintas, mas como indivíduo que se amplia ao próprio gênero, visto que este se origina no próprio indivíduo, não significa que esse se perceba como parte daquele, mas que tem a capacidade de se transferir até seu gênero, bem como esse também não é autossuficiente sem o indivíduo.

O egoísta feuerbachiano vai além do egoísta fechado de Stirner, a concepção egoísta de Feuerbach não é um sujeito fechado às relações, mas aberto e que se reconhece no outro, reconhece a si próprio o que ele é no outro, no *tu* fora do *eu*, sendo correspondente ao resgate da sensibilidade que foi esquecida pela teologia, na qual Feuerbach traz a relevância da existência concreta e do homem.

Para Feuerbach, assim como também para Max Stirner, todo indivíduo é naturalmente egoísta, porém não no sentido vulgar e por isso, de um ponto de vista moral, não deve ser julgado como algo ruim, mas deve ser reconhecido em um sentido natural, não devendo ser rejeitado, nem combatido no desenvolver humano.

Após a crítica de Stirner em *O Único e a sua Propriedade*, Feuerbach segue com importantes abordagens em sua filosofia: questões como o indivíduo, natureza e sensibilidade. A partir da *Essência da Religião*, a concepção de gênero humano, sugerida na *Essência do Cristianismo*, é restituída com teor sensível. O egoísmo de Feuerbach, agora, remete-nos a um melhor entendimento sobre o homem em suas relações interpessoais. Ele é um forte elemento que invalida os preceitos da religião vulgar a qual vai contra uma moralidade que se funda na sensibilidade, bem como na afirmação do indivíduo em sua relação com a natureza que a tem como fundamento existencial.

A doutrina teológica tem como principal característica a busca pela vida eterna, a salvação da alma. Essa busca, demonstrada pela teologia, possui um caráter interesseiro, fundamentado no egoísmo vulgar. Ou seja, para Feuerbach, a tradição teológica possui um caráter patológico humano, isso acontece porque a religião não é admitida como originada a partir da busca humana pela própria felicidade.

Assim, Feuerbach, então, combate a teologia que renega os prazeres carnis, de princípio egoísta, que despreza as reais condições da existência, pois é de caráter interesseiro

negar os prazeres existenciais e se sacrificar pela salvação em uma vida extraterrena. Pois “a negação é apenas uma forma, um meio de autoafirmação, do amor-próprio.” (FEUERBACH, 2009, p. 83). Desse modo, o religioso, de princípio egoísta, renuncia sua existência real por uma vida na abstração idealizada, com uma falsa ilusão a partir de promessas de uma suposta imortalidade.

Nesse sentido, no pensamento feuerbachiano, a doutrina teológica é superada e o egoísmo é reconhecido como um dos princípios subjetivos da religião, sendo o egoísmo, essencial para que o homem pudesse se desenvolver. Pois, só é possível haver, realmente, uma vida comunitária entre os múltiplos indivíduos se essa estiver atribuída ao bem-estar de cada indivíduo, já que, conforme Feuerbach, uma comunidade baseada em um bem universal não se realiza, ao contrário disso, na comunidade deve haver um reconhecimento de que todo indivíduo possui, naturalmente, o instinto de autopreservação.

Nas *Preleções Sobre a Essência da Religião*, Feuerbach diz que tudo que é vantajoso<sup>17</sup> para o homem preservar sua vida, tudo que é necessário para sua autoconservação e bem-estar, é por ele transformado em objeto de culto religioso, o sentimento egoísta humano que busca o bem para si, a felicidade que é um instinto próprio de sua natureza.

O egoísmo feuerbachiano não é um egoísmo no sentido teológico, nem moral, mas o que está na essência humana como o instinto de autoconservação, de forma inconsciente, “sem seu saber e querer” (FEUERBACH, 2009, p. 65), um egoísmo do amor por sua espécie. Mesmo quando citamos o culto animal, no qual o homem adora algum animal ou objeto sem utilidade, nem motivos, ainda assim na percepção religiosa do homem rude das religiões naturais, esse animal ou objeto lhe é vantajoso de alguma forma.

Com o egoísmo, constata-se que os deuses foram originados a partir do próprio homem e que o “ente absoluto para o homem é o homem mesmo.” (AMENGUAL, 1989, p. 264). O egoísmo expressa o instinto de conservação humana, amor humano, o que é igual ao amor, a si mesmo. Os deuses foram diversos em diferentes épocas, mas, todos, de acordo com o benefício que cada um oferece ao seu povo, o homem adora aquilo que lhe trará alguma vantagem, suprindo, assim, seu egoísmo existencial.

O homem não é próprio da sociedade, ele é colocado nela desde o seu nascimento e por isso todas as suas ações são realizadas com intuito interesseiro para satisfação dos anseios individuais. As relações estabelecidas entre os múltiplos indivíduos devem ser consideradas

---

<sup>17</sup> Aqui o sentido da expressão “vantajoso” em Feuerbach, não diz respeito a “vantagem” num sentido vulgarizado, mas no sentido religioso da palavra, o que implica num sentido benéfico que traz inspiração dos sentimentos de gratidão e amor. Ver Feuerbach, (2009, p. 66, 67).

como intenções aproveitadoras para si mesmo. Ou seja, o que impulsiona a relação com o outro é o desejo interesseiro para benefício de si próprio. Desse modo, Feuerbach mostra ao longo de sua obra que as relações, instituídas em um altruísmo, são deixadas de lado e mesmo essas ações, assim, possivelmente consideradas, são originalmente egoístas.

No egoísmo feuerbachiano, presente na obra supracitada, o homem não se sacrifica com o objetivo de uma imortalidade da alma ou em nome de uma divindade, um ser distinto dele. Seu egoísmo consiste em o homem, de forma natural, colocar o seu *eu* como prioridade e em fazer valer-se, buscando, através do instinto de autoconservação, preservar sua vida para só depois se relacionar com o outro. Essa perspectiva de Feuerbach, sobre o egoísmo, vai em contraposição ao egoísmo no sentido vulgar, o qual visa somente a tirar alguma vantagem para si. O egoísmo como entende Feuerbach é:

Entendo por egoísmo o egoísmo necessário, imprescindível, que, como foi dito, não é o moral, mas o metafísico, isto é, fundado na essência do homem sem seu saber e querer, o egoísmo sem o qual o homem não pode viver; porque para viver devo apropriar-me constantemente do que me é conveniente e evitar o que me agride e me é nocivo, o egoísmo, pois, que está no organismo, na posse do material assimilável e na recusa do não assimilável. (FEUERBACH, 2009, p. 65, 66).

O egoísmo de Feuerbach está relacionado ao amor. Um amor do homem por sua própria essência, um amor que o impulsiona para uma completude de si, mergulhado na auto-satisfação, o qual possa se aprimorar em seus anseios e talentos. O homem precisa, necessariamente, garantir segurança para seu *eu* a fim de que haja, então, um *tu*. Ou seja, o egoísmo feuerbachiano tem um posicionamento referente à conservação da vida e que, ao mesmo tempo, não há nenhuma exclusão na relação entre os indivíduos, abrangendo e reconhecendo-os. Admitindo, portanto, uma alteridade, diferente do egoísmo vulgar que é fechado em si mesmo e não permite uma relação com o outro.

Em linhas gerais, no que se refere ao egoísmo presente na *Essência do Cristianismo*, Feuerbach, trata de um egoísmo moral, um egoísmo caracterizado pelo homem que se apropria do que está fora de si, apenas no sentido prático. Ao contrário do egoísmo, abordado pelo filósofo nas *Preleções Sobre a Essência da Religião*, como instinto de autoconservação, em que se trata de um egoísmo natural do homem, o qual somente busca o bem para si. Desse modo, ao longo do presente capítulo, percebemos o egoísmo humano como uma finalidade da

religião, através do sentimento de dependência, pois o homem se sente dependente apenas do que é necessário para suprir suas carências pessoais.

Embora pareça um contrapor ao outro<sup>18</sup>, o medo nos ajudou a compreender que não existe sentimento de dependência sem egoísmo. Pois, o homem só teme por amor próprio. Feuerbach não aprova o egoísmo vulgarmente falado dos homens, visando à própria vantagem sobre os outros que é o oposto de qualquer benevolência, mas o egoísmo que busca a autoconservação, no qual não há sacrifícios da inteligência, nem da sensibilidade humana. Conforme Feuerbach:

Mas se as provas dadas até aqui tiverem significado universal, se a intenção nelas expressa for comum a todas as religiões e teologias, quem poderá negar ser o egoísmo humano o princípio fundamental da religião e da teologia? Pois, se a dignidade de ser adorado e implorado, logo, se a divindade de um ser depende exclusivamente de sua relação com o bem-estar humano, se é divino somente um ser que seja benéfico e útil ao homem, então o motivo da divindade de um ser está somente no egoísmo do homem, que relaciona tudo só consigo e só julga conforme essa relação. (FEUERBACH, 2009, p. 78).

Assim, concluímos que o egoísmo é o último princípio da religião. Visto que, se o homem adora um objeto que de certa forma trará algum benefício para seu bem-estar, mesmo que de forma inconsciente, justifica-se, dessa maneira, o motivo do homem natural adorar os elementos da natureza. A falta de entendimento em relação aos fenômenos naturais, fez o homem adorá-los por medo do mal que poderiam lhe causar. Logo, por medo da morte, por egoísmo. Porém, um egoísmo próprio do ser humano.

---

<sup>18</sup> Ver Feuerbach (2009, p. 95, 96).

### 3 A NATUREZA COMO FUNDAMENTO DA EXISTÊNCIA HUMANA

Buscamos neste capítulo abordar a natureza como fundamento da existência humana. Assim sendo, é importante iniciarmos considerando a ideia de natureza e sua relevância na compreensão de Feuerbach. Pois, julga-se de suma importância a natureza, no desenvolvimento dessa pesquisa, uma vez que ela é na concepção de nosso autor, o fundamento da existência do homem, o que o torna dependente dela, e é por meio da relação de ambos (homem-natureza) que se desperta o sentimento religioso no ser humano e, conseqüentemente, as primeiras práticas religiosas, que estão presentes nas religiões naturais (nosso objeto de estudo), como vimos no capítulo anterior.

Tendo por base a religião da natureza como objeto de avaliação para o desenvolvimento de suas concepções, Feuerbach, ao fazer uma análise das religiões, afirma a natureza como primeira instância e o fundamento de tudo que é existente e que não deve ser interpretada como algo divino, nem humano, mas como ela realmente é, uma autodeterminação de si mesma, sem um princípio sublime, nem místico<sup>19</sup>. Assim, ele a compreende como:

[...] tudo que se mostra ao homem [...] imediatamente, sensorialmente como a base e o objeto de sua vida. Natureza é luz, é eletricidade, é ar, é fogo, é terra, é animal, é planta, é homem enquanto ser que age espontânea e inconscientemente, nada mais, nada místico, nada nebuloso, nada teológico compreendo na palavra natureza. (FEUERBACH, 2009, p. 108).

Ao criticar as religiões, Feuerbach articula sua fundamentação do conceito de natureza e de seu primado, percebendo também o desprezo da natureza a qual está presente nos variados paradigmas religiosos. Nesse aspecto, é necessário e, ao mesmo tempo complicado, encarar o problema da recuperação da sua valorização, cujo cenário da relação homem-natureza é de subordinação ante uma entidade espiritual.

Desde seus escritos de juventude até os de maturidade, Feuerbach, em sua teoria sobre a natureza, aborda esta de várias formas. Na fase da juventude (1828-1837), o filósofo a expõe, criticamente, próxima ao panteísmo<sup>20</sup>. Na segunda fase que é a intermediária (1839-

<sup>19</sup> Ver também Chagas, (2019, p. 318-338).

<sup>20</sup> O jovem Feuerbach vê no panteísmo uma superação do subjetivismo e de um Deus transcendente, personificado, assim como uma reconciliação entre matéria e espírito, ou seja, uma unificação entre natureza e Deus. Sobre esse tema, ver também Chagas, (2019, p. 323).

1843), a natureza é apresentada como rejeitada pela filosofia especulativa e pela teologia cristã, já em seus escritos, de maturidade (1846-1851), ela é exposta como ente indispensável na vida dos seres existentes e é onde Feuerbach também desenvolve sua análise das religiões naturais que cultuam a natureza, revelando, assim, parcialmente, sua positividade, bem como sua negatividade.

A fim de alcançar o objetivo desse capítulo, utilizamos a concepção de natureza, principalmente, nos escritos de maturidade de Feuerbach. Contudo, não deixamos de fazer alusão à segunda fase referida, pois é fundamental para a compreensão do desenvolvimento e da modificação da concepção de natureza no pensamento feuerbachiano.

### **3.1 O ser não criado: a natureza como matéria real e sensível**

De acordo com Feuerbach, a natureza tem sua existência primeira no tempo e não deve ser compreendida como criada por um ser externo. Essa concepção é uma contraposição ao teísmo e ao idealismo alemão. Esses dois sistemas ignoram a natureza e a veem em segunda ordem, como algo criado e dependente, não sendo deduzida dela mesma e isso foi o que fez Feuerbach sentenciar a teologia cristã e a filosofia especulativa, principalmente à filosofia hegeliana.

Na filosofia de Feuerbach, a natureza deve ser vista como condição primordial que ocupa o plano principal das causas primeiras. Ela é um tema central, na discussão feuerbachiana, no que concerne a Deus, homem e religião. Para Feuerbach, a natureza antecede o espírito, uma vez que nada vem da matéria a não ser ela mesma, ele não formulou uma religião da natureza, tampouco a ver com uma religião, mas ao contrário, através dela, ele nega quaisquer fundamentos religiosos baseados em fenômenos sobrenaturais que põem um ser absoluto precedente da mesma e de todas as coisas. “A natureza é, pois, o ser primeiro, o que origina, o que produz tudo de si, e não pode ser pensada como produzida, pois, ela existe por si e tem seu sentido tão somente em si mesma.” (CHAGAS, 2009, p. 120). Assim, a natureza é matéria real e sensível e por isso não poderia ser deduzida de algo sobrenatural, de algo que não estivesse dentro de uma perspectiva material.

A grande questão é que Feuerbach não tem a pretensão de fazer uma definição do termo “natureza”, mas como ela se estabelece para a humanidade e para o mundo. Ele apenas a defende por considerá-la fundamental para tudo que é existente. De modo mais abrangente, ela é a base originária e sustentadora do homem e da figura divina (Deus), embora pareça

meio contraditório, a natureza é o ser que origina esses dois entes referidos, mesmo não sendo ela, nenhum deles, porém, por vezes, seja confundida como divindade.

A concepção de natureza no pensamento feuerbachiano, mais especificamente, na obra *A Essência da Religião*, é vista em um primeiro momento como divindade ainda nos primórdios, época na qual o homem se beneficiava dos entes inferiores a ele, como no caso dos animais, mas também os reconhecia como seres divinos. Do mesmo modo, eram também os entes naturais, como os astros, o sol, as águas, as estrelas, etc., convertidos em objetos de adoração religiosa os quais, supostamente, na imaginação do homem primitivo, possuíam uma essência. Entretanto, embora inicialmente a natureza fosse pensada como um ente divino, ela não o era.

Logo no primeiro aforismo da obra supracitada, Feuerbach já descreve a natureza de outra forma. Agora, ela é um ente que se diferencia e possui independência ante a essência humana ou divina (ambas consideradas, por Feuerbach, a mesma coisa). A natureza compreendida como o outro do homem, cuja natureza é necessária e independente, põe em questão uma postura filosófica que afirma homem e natureza dentro de uma unidade, mas mantendo-se também a distinção entre ambos, como veremos posteriormente. A natureza seria o ente, destituído de características humanas e sobrenaturais. Ou seja, para Feuerbach:

[...] a "natureza" (exatamente como "espírito") nada mais é do que um termo geral para designar entidades, coisas, objetos que o homem diferencia de si mesmo e de suas próprias produções, e que agrupa sob o nome coletivo de "natureza"; mas de forma alguma uma entidade universal, extraída e separada da realidade, nem personificada nem mistificada. (FEUERBACH 2005, p. 23).

Ainda no que se refere à ideia de natureza, o autor dá outro sentido a ela. Agora, ele vai dizer que a natureza nada mais é que uma expressão ou projeção da essência humana, ela é para o homem tal como ele é mesmo, sua representação. “[...] Seus próprios sentimentos e representações são para ele de forma imediata e inconsciente a medida da verdade e da realidade, a natureza aparece para ele, tal e como ele é mesmo.” (FEUERBACH, 2005, p. 72). Desse modo, a natureza se configura como algo afetivo, um ente dos sentimentos humanos, deixando de ser, simplesmente, um objeto do domínio e cultivo do homem.

Vale salientar que a natureza, genericamente, é posta numa posição de supremacia frente à religião. “Não é que a natureza seja apenas o primeiro e originário objeto da religião, mas é seu princípio gerador mais seguro, seu subsolo permanente, mesmo que não seja

óbvio.” (FEUERBACH, 2005, p. 30, 31). Ela se torna o fundamento da religião porque ela oferece ao homem o que ele precisa e por isso ele a diviniza. Uma vez que o homem está inserido na natureza, ele também é um ser sensível, de carências, é limitado, é mortal, isso faz dele um ser totalmente dependente dela, ou seja, o homem encontra nela a possibilidade de satisfazer suas inúmeras necessidades, já que sem ela, ele nada pode ser. Assim, a natureza não é apenas o ser que impõe limites, mas é também o que assegura, vitalmente, a existência humana<sup>21</sup>.

Nesse sentido, é que Feuerbach diz que assim como a religião e o homem, Deus também é uma crença fundamentada na existência da natureza. “A existência da natureza não se baseia de forma alguma [...] na existência de Deus, mas exatamente o contrário: a existência, ou melhor, a crença em sua existência tem seu único fundamento na existência da natureza.” (FEUERBACH, 2005, p. 31). E essa, no entanto, não depende do homem para existir, nem de seus raciocínios intelectuais. A natureza é aquilo que Deus não é visto que esse é uma criação do homem à sua imagem e semelhança.

### ***3.1.1 A natureza como fruto da vontade arbitrária de Deus e como objeto da supressão das necessidades humanas***

Na obra *A Essência do Cristianismo*, a natureza é apontada esporadicamente<sup>22</sup>, mas é através dela que Feuerbach desenvolve sua crítica à teologia cristã por essa ter desvalorizado àquela. Tal desvalorização é evidenciada na doutrina da criação e no sentimento de culpa do homem. A crítica de Feuerbach à religião cristã se dá a partir do próprio homem, o qual ao se sentir limitado perante a natureza, recorre a um ser espiritual, absoluto, criador dela e de todas as coisas.

O Deus do Cristianismo não está inserido na natureza e não reitera suas leis, Ele está além, como um ser sobrenatural e todo-poderoso que atua como legislador de tudo, com completa autonomia, a partir do nada. Ele tem o controle da natureza e do homem, é milagroso, desconsiderando o mundo material. Feuerbach diz que esse ente absoluto nada mais é que o próprio homem divinizado<sup>23</sup>, elevado ao universal e por meio dessa concepção de Deus, há uma abstração da corporeidade e materialidade do homem, uma representação de si abstrata. Conforme Feuerbach:

---

<sup>21</sup> Sobre esse tema, ver também, Chagas (2009, p. 119-133).

<sup>22</sup> Vale destacar que a natureza, aqui, é mencionada no sentido real, material, não no sentido de natureza humana.

<sup>23</sup> Ver Feuerbach, (2009, p.29)

Deus é a essência do homem mais subjetiva, mais própria, separada e abstraída, e assim não pode ele agir de si, assim todo bem vem de Deus. Quanto mais subjetivo, quanto mais humano for o Deus, tanto mais despoja-se o homem da sua subjetividade, da sua humanidade, porque Deus é em e por si o seu ser exteriorizado, mas do qual ele se apropria novamente. (FEUERBACH, 2013, p. 59).

Assim, “a essência do Deus cristão é, na verdade, nada mais do que a essência sensível do homem, na qual a natureza (ou a matéria, o corpo, a carne etc.) vale apenas como seu limite ou sua negação, razão pela qual ela deve ser superada.” (CHAGAS, 2010, p. 60). Através do Deus criador, a natureza é subjugada à sua vontade e a mesma tem um significado negativo, impuro, que deve ser superado pelo homem o qual deve seguir os preceitos religiosos, resistindo às tentações impostas pela natureza e negando sua corporeidade, seus desejos carnis. Quando se crê em Deus, torna-se possível a crença no fim do mundo natural, no fim da vida pecaminosa e na existência da vida eterna, na qual apenas com a negação da natureza o homem torna-se digno dela. Mas, segundo Feuerbach, são os mais íntimos desejos, além da própria vontade humana, que desencadeiam as crenças dogmáticas que vedam seus olhos para a realidade do mundo.

Em linhas gerais, no Cristianismo, a natureza é rebaixada como criação de uma divindade absoluta e instrumento dos desejos humanos, submetendo-a como um meio para os desígnios do homem. O Cristianismo opera uma espécie de divergência entre o homem e a natureza, ele a instrumentaliza com a finalidade de superar tudo o que é natural, fazendo um direcionamento para um ser supremo que age por detrás dela, transformando a natureza num mero objeto de supressão das necessidades do homem. De acordo com Feuerbach:

O criador do mundo é, pois, o próprio homem que dá a si mesmo, através da prova ou da consciência de que o mundo foi criado (uma obra da vontade, i.e., uma existência impessoal, impotente, nula), a certeza da própria importância, verdade e infinitude. O nada do qual o mundo foi criado é o próprio nada deles. Ao dizeres: o mundo foi feito do nada, imaginas o próprio mundo como um nada, retiras da tua cabeça todas as limitações da tua fantasia, do teu espírito, da tua vontade, porque o mundo é a limitação da tua vontade, do teu espírito; só o mundo oprime a tua alma; somente ele é a parede que te separa de Deus, o teu ser feliz e perfeito. (FEUERBACH, 2013, p. 127).

Assim, subjetivamente o mundo é anulado pelo homem que imagina um Deus puro e sem limites, o qual não necessita da matéria, Ele é em si mesmo e não vive os conflitos mundanos, presentes na natureza. Dessa forma, é que o homem tenta se livrar das dores do mundo e de suas limitações. Com essa negação do mundo material, a religião cristã cria uma falsa ilusão de que supostamente assegura ao homem a vida eterna, longe dos conflitos do mundo natural. Assim, percebemos com o pensamento cristão, que a natureza é desprovida de valor de duas maneiras: 1) Na finitude do homem que tem seus limites restritos pela natureza e por isso cria, inconscientemente, um Deus com superioridade à natureza, refletindo Nele, tudo o que gostaria que fosse possível exercer sobre a mesma. 2) Na condição do Deus que se mantém sagrado, que não emerge na natureza considerada pecaminosa e, por isso, o homem acha que também deve negá-la, ser livre de pecados e, igualmente, tornar-se sagrado.

Desse modo, Feuerbach entende que as características positivas do mundo são atribuídas a Deus, deixando, assim, a natureza desprovida de valor. O Cristianismo postula a natureza como derivada, não primitiva, fruto da vontade arbitrária de Deus. Ela não tem fundamento em si mesma, mas apenas no ato criador divino que a torna sempre secundária, inessencial, frente à essencialidade absoluta da subjetividade arbitrária.

Nesse sentido, fica claro que nada supera o poder de Deus e tudo é rebaixado a Ele. Para além disso, a natureza, na religião cristã, além de ser algo criado, é também diminuída ao domínio do homem. Então, visto que a natureza é fruto da criação divina, ela deve ser submissa ao homem, pois sua única finalidade é servir este que, por sua vez, é obediente a Deus que o criou exclusivamente.

Nessa perspectiva, a natureza, desvalorizada no Cristianismo, tem o milagre como um dos principais aspectos. Através dele, o homem passa a ter domínio sobre tudo e pode ultrapassar qualquer barreira natural. Um dos maiores e o primeiro milagre considerado por Feuerbach, foi o da crença na criação a partir do nada<sup>24</sup> e esse acontecimento é o que possibilita a Deus realizar suas criações sem que seja necessária uma causa anterior.

“O milagre é o objeto essencial do Cristianismo, um conteúdo essencial de fé.” (FEUERBACH, 2013, p. 144). O homem se apega ao milagre a partir de sua refutação aos fenômenos incontroláveis da natureza. Com isso, o homem dirige sua oração ao único ser, de compaixão, que ele acredita ser capaz de deter as forças naturais. Segundo Feuerbach, acreditar em milagres é o mesmo que acreditar em uma providência que está acima da natureza e que tem total controle sobre ela. Ou seja:

---

<sup>24</sup> Ver Feuerbach, (2013, p. 121).

A crença na providência é a crença num poder para o qual todas as coisas estão à disposição para o uso desejado, diante da qual todo o poder da realidade nada é. A providência anula as leis da natureza; ela interrompe o curso da necessidade, o vínculo férreo que une inevitavelmente a consequência à sua causa; em síntese, ela é a mesma vontade ilimitada, plenipotente que chamou o mundo do nada para a existência. (FEUERBACH, 2013, p. 121).

Ou seja, a providência retira o ser humano da natureza, aquele não ver mais esta como seu fundamento. O milagre só existe devido à limitação humana, em função de proporcionar ao homem a realização de seus desejos, facilmente, sem esforços. Desejos esses, que são dificultados pela manifestação da natureza, é por isso que por trás dos milagres, estão os anseios do homem de vencer os limites impostos por ela. Desse modo, providência e milagre são inseparáveis, pois àquela só pode ser provada com o milagre.

Em síntese, a partir da ideia de Deus criador da natureza, esta passa a ser desvalorizada e negada, perdendo seu sentido próprio. O Cristianismo promove a separação do homem consigo mesmo e com a natureza, pois ele não se reconhece como parte da realidade natural e material e a natureza assume um papel de inferioridade mediante ao seu criador, passando a ser sua criação.

### ***3.1.2 A emergente valorização da natureza***

A natureza é o ente constituído de materialidade, o suporte que auxilia e supre os seres terrestres, com seus elementos necessários, para que estes lutem, diariamente, pela sobrevivência. Ela é variável e sempre está em constante mudança. Ao contrário do que prega o Cristianismo, para Feuerbach, apesar da variabilidade da natureza, ela deve ser compreendida como independente e eterna, sendo ela a que origina e determina tudo de si, não podendo ser pensada como originada, tendo existência por si mesma<sup>25</sup>. Desse modo, podemos pensar que somos consequência dessa variabilidade natural. Ao deduzirmos que somos originados da natureza, podemos acreditar que, dessa forma, é dela também que advém todos os meios e suportes para a conservação e subsistência fisiológica dos seres. Conforme Feuerbach:

---

<sup>25</sup> Ver Chagas, (2009, p. 119-133).

[...] acontece evidente e irrefutável que devemos nossa conservação exclusivamente aos efeitos, as qualidades e as forças características dos entes naturais, e chegados a este ponto nos vemos não só autorizados, mas obrigados a concluir que devemos nossa origem unicamente a natureza. (FEUERBACH, 2005, p. 40).

Além do mais, na relação do homem com a natureza, apresentada por Feuerbach, há uma harmonia na medida em que se permite um reconhecimento de si, do mundo e dos demais seres. Na terceira fase sobre a natureza, na qual o filósofo escreve em suas obras de maturidade, ele busca a superação de todo o discurso teológico, antropológico e teleológico, sua preocupação volta-se principalmente para o elemento sensível e o reconhecimento do homem integral numa relação mútua com a natureza.

Mediante à ideia de supremacia da natureza, podemos refletir a respeito do domínio do homem sobre a natureza<sup>26</sup> e nos perguntarmos acerca da relevância dela para nossas vidas. Como podemos nos relacionar com a natureza e reconhecer o seu verdadeiro valor? Muito há que se pensar a respeito, uma vez que o desenvolvimento da tecnologia atua de modo desordenado e faz com que haja uma cisão entre homem e natureza, conseqüentemente, a maior relação entre ambos, nos dias vigentes, é de exploração da humanidade sobre a mesma através do uso exorbitante da técnica. Antes, os danos causados pelo homem à natureza não eram significativos, no entanto, atualmente, há uma destruição contínua da natureza, acarretando sérios impactos à vida de modo geral<sup>27</sup>.

É importante destacar, que seguindo uma perspectiva de Feuerbach, embora a natureza seja incriada, autodeterminada, eterna, ela não se basta por si só, na medida em que sua amplitude depende do homem. Apenas através dele, ela torna-se consciente de si mesma, uma vez que o homem se distingue de qualquer forma de existência da natureza. Nesse sentido, poderíamos dizer que um fundamenta o outro. Conforme Chagas:

Esta, considerada fisicamente, mas não moralmente, é frente ao homem a essência inconsciente, incriada, eterna e primeira, segundo o tempo, não segundo o valor. Aquele ser determinado, no qual a natureza atinge a consciência, torna-se inteligível e pessoal, que pertence à natureza, dela nasce e permanece ligado a ela, é e se chama homem. (CHAGAS, 2014, p. 86).

---

<sup>26</sup> Embora pareça contraditório falarmos de supremacia da natureza e ao mesmo tempo domínio do homem, vale esclarecer que utilizamos “supremacia da natureza” no sentido em que ela é, na perspectiva de Feuerbach, o fundamento originário e a base sustentadora da existência humana e de todos os seres. Pois, é dela que retiramos todos os elementos para sobrevivência. Sendo assim, devemos pensar às ações do homem em relação a natureza.

<sup>27</sup> Sobre esse tema, ver também, (JONAS, 2006. p.32).

Nesse sentido, mesmo nas religiões naturais, as quais partem de uma fisiologia, o homem ainda é o principal foco, pois é através dele que se atribui sentido à natureza. Ou seja, Feuerbach afirma a importância do homem com e na natureza. Vale dizer, ainda, que o filósofo ao se referir à divindade, não tem a intenção de exaltar o homem, nem a natureza como Deus. Ambos, se complementam e se unem de forma inseparável e mesmo na busca da integralidade do homem, não acontece uma completa cisão no espaço de atuação de cada um, mas dependem, um do outro, para se conservarem. O homem se origina na natureza e depois essa se torna consciente através dele. Ou seja, a natureza é o fundamento enquanto ente anterior, originador e sustentador do homem, e este, enquanto ser consciente e o mais inteligente da natureza.

É nesse sentido que o pensamento de Feuerbach permanece sempre válido. A natureza é um organismo vivo e cabe somente ao homem se preocupar com a preservação dela, pois, ao preservar a natureza, o homem estará se autopreservando, visto que é nela onde se encontram todos os elementos para que este possa subsistir. Desse modo, permanece a urgência de uma valorização e preservação do mundo natural, o qual deve ser reconhecido como principal fundamento existencial humano. O ser humano, portanto, deve agir de forma responsável, reconhecendo que em sua vida se faz necessária a natureza, não devendo se prender a paradigmas religiosos que tanto a desprezam e cujo cenário homem-natureza é de subordinação ante uma entidade espiritual.

O homem precisa aceitar sua finitude, não precisando, assim, negar a vida terrena para encontrar satisfação plena em suas limitações naturais. Desse modo, Feuerbach, deixa claro que ao afirmar a natureza como o fundamento da existência humana, mostra que o homem depende e é inseparável dela, sem que para isso seja necessário transformá-la em um Deus. Feuerbach explica como a natureza deve ser vista e tratada pelo homem:

A verdadeira cultura e o verdadeiro dever do homem é aceitar e tratar as coisas como elas são, não fazer delas nem mais nem menos do que são. A religião da natureza e o panteísmo, porém valorizam demais a natureza, como, ao contrário, o idealismo, o deísmo e o cristianismo desprezam-na demais, fazem dela um nada. Nosso dever é evitar os extremos, os superlativos ou os exageros do sentimento religioso e considerar, tratar e reverenciar a natureza como ela é – como nossa mãe. (FEUERBACH, 2009, p. 51, 52).

Segundo Feuerbach, não é necessário o homem valorizar a natureza com exageros, nem a desprezar. Sendo originado dela, o mesmo deve apenas estimá-la como ela é: como uma mãe,

como algo incriável e sensorial, porque é nela que vivemos e existimos, não se deve atribuir os fundamentos necessários de nossa existência a um Deus espiritual, uma vez que podemos viver sem este, mas não sem a natureza. “Por estarmos inseridos dentro da natureza, devemos colocar nosso início, nossa origem fora dela? Vivemos na natureza, com a natureza e da natureza, e não vamos advir dela? Que contradição!” (FEUERBACH, 2005, p. 40). O homem deve buscar a compreensão de si mesmo nela, pois é da matéria que ele se conscientiza. Deve, por isso, substituir a valorização racional pela aceitação do que é natural, compreendendo, assim, sua importância, vivendo a partir dos sentidos, deixando de ser submisso a um mundo imaterial.

Assim sendo, o homem não pode ultrapassar os limites naturais enquanto ser dependente da natureza. Conforme Feuerbach, a verdade da natureza, se encontra na materialidade que lhe é própria e é dada ao homem através dos sentidos e que só pode ser explicada quando é reconhecida sem um ser abstrato, em sua concretude, na diversidade das coisas. Como explica Serrão (1999, p. 197): “Momento a momento, ato a ato, o homem encontra-se indissolúvelmente ligado à natureza tal como ela se apresenta concretamente, aqui e agora, na diversidade dos seus seres”.

Fora da natureza, nada “tem existência real a não ser pensamentos e representações.” (CHAGAS, 2016, p. 81). O homem não pode viver as suas necessidades sem levar em consideração a natureza e não deve ir além da mesma, uma vez que só haveria justificativa para isso se o homem fosse um ser existente acima dela. Nessa perspectiva, é que a religião natural mostra que acredita naquilo com que mantém um contato físico direto, pois adora o objeto o qual lhe é oferecido pelos sentidos. Seus deuses passam a surgir a partir da diversidade da natureza, mas de forma inconsciente, diferente do espírito que o idealismo defende. Este, no caso, trata-se de um produto puramente orgânico da natureza, pois é uma atividade do cérebro humano, permanecendo, portanto, como uma manifestação corporal pelos sentidos.

Assim, acontece uma inversão do princípio universal da natureza se pensarmos essa como derivada de Deus. Do ponto de vista, universalmente, lógico e racional, o pensamento não pode anteceder a matéria, mas o contrário. Desse modo, esse mundo incoerente da teologia precisa novamente de uma inversão para que o espírito surja da matéria, a fim de que o homem surja da natureza e a reconheça como seu fundamento existencial. Nesse sentido, Feuerbach diz ser um absurdo seres naturais surgirem de uma divindade, a matéria do espírito, pois se assim fosse “os seres humanos não deveriam vir ao mundo de um órgão tão vulgar e baixo como o útero, mas do mais elevado ente orgânico: a cabeça.” (FEUERBACH, 2005, p. 45).

Em síntese, a natureza não tem uma definição certa que possamos entender ou saber o que realmente ela é em si, mas podemos compreender que ela é entendida somente em si mesma. No pensamento feuerbachiano, o que se sabe ao certo é que a natureza é conceituada como independente de qualquer outro ser, ela não depende de Deus, nem do homem e sempre existiu antes de qualquer ser vivo, antes de ser compreendida como objeto pela consciência do homem. Ou seja, ela é, temporalmente, anterior a este.

A natureza limita o homem, mas também é o ente que desperta suas potencialidades, ela assegura a realização das necessidades humanas e consiste na procura de afirmações sensíveis e não apenas em ideias do intelecto do homem, ela é vivacidade, vitalidade e sensibilidade.

### **3.2 Aspectos da sensibilidade e da nova filosofia feuerbachiana**

Feuerbach, em geral, apresenta conceitos bastante amplos em sua filosofia que foram desprezados pela tradição como: homem, natureza e sensibilidade que, ao mesmo tempo, mostram que o filósofo não se prendeu ao seu tempo, mas, sim, estava à frente dele. No tópico anterior, apresentamos, através da crítica religiosa de Feuerbach ao Cristianismo, seu pensamento sobre a natureza, ele nos mostra a mesma como o fundamento do homem tanto no sentido originário como no sentido de sobrevivência e desenvolvimento humano. Nessa seção, evidenciaremos os aspectos da sensibilidade e da nova filosofia proclamada por Feuerbach que reconhece a importância da natureza e do homem integral.

A tradição que versa sobre a natureza a deriva de um ente perfeito, universal e inerte. Segundo Feuerbach (2009, p.112, 113): “É apenas a limitação e o comodismo do homem que estabelecem a eternidade ao invés do tempo, a infinitude ao invés do encandeamento infinito de causa em causa, a divindade estática ao invés da natureza sempre em movimento, o eterno repouso ao invés do eterno movimento”. Dessa forma, Feuerbach empreende uma crítica aos modelos especulativos que tentam explicar a contingência do mundo e a limitação a partir de discursos antinaturais e abstratos (abstração da filosofia e religião). A lógica especulativa é falha ao tentar tais explicações, puramente, teóricas que são alienações que resultam na separação do homem com a realidade e também por não haver uma fundamentação plausível para esclarecer a causalidade natural, partindo de um ser estático. Somente com o reconhecimento imediato da existência natural se pode dar probabilidades a conceitos gerais. A natureza real deve ter sua existência reconhecida, pois só assim pode haver a determinação do seu outro.

Feuerbach tende para um materialismo que se direciona para a vida do homem, no âmbito social, que visa aos valores naturais e humanos. Para esse objetivo, é necessário, inicialmente, além da rejeição ao pensamento especulativo, por idealizar um ser absoluto, que se abstrai do mundo real, é necessária também a rejeição de Feuerbach à teologia cristã que aliena a essência do homem de seu gênero. Assim, ele ocasiona uma mudança radical na filosofia especulativa teológica, que predominava na sua época, colocando em pauta questões sobre o papel da natureza, homem e sensibilidade.

A inversão da filosofia especulativa consiste em mudar de um conceito sem pressupostos externos e absoluto onde só há lugar para abstrações, para o imaginário, sem qualquer empiria, para uma postura que tem como fundamento a concretude, o real, numa relação íntima entre homem e natureza. Desse modo, uma vez que a natureza é afirmada e reconhecida como o outro independente do homem e que, ao mesmo tempo, relacionam-se, a doutrina da sensibilidade ganha seu espaço próprio.

Através da concepção de natureza e sensibilidade, Feuerbach busca construir uma nova forma de ver o mundo real, a realidade. Para ele, o princípio se deu a partir da sensibilidade, com a apreensão dos objetos naturais e sensíveis e não um princípio em um mundo extraterreno e supranatural, como é defendido pela teologia cristã. Diante disso, Feuerbach propõe uma reforma da filosofia, o que resulta na filosofia do futuro, após rejeitar, completamente, o ponto de vista da teologia especulativa a respeito da realidade. Segundo Chagas:

[...] Essa reforma da filosofia só pode ser necessária e verdadeira, não esteja circunscrita apenas ao âmbito filosófico, se adequar-se à necessidade da época, da humanidade, voltada para o futuro, como força criadora de novidade, como movimento para frente em contraposição à conservação e ou à reação.” (CHAGAS; OLIVEIRA, 2019, p. 77).

Assim, Feuerbach, na filosofia do futuro, reduz a teologia à antropologia, em contraposição ao pensamento idealista, que desvaloriza a natureza, o homem e a sensibilidade e supervaloriza o espírito e a razão. A nova filosofia, de Feuerbach, proporciona não apenas mostrar, criticamente, esses sistemas de pensamento sistematizado, mas também desvelar o problema da religião, colocando, portanto, a realidade, a natureza sensível no lugar das representações metafísicas, das abstrações da religião.

Em linhas gerais, a filosofia feuerbachiana tem como foco o homem, ela é desenvolvida para ele, a qual troca o mundo transcendente e sobrenatural pelo mundo concreto, em que o homem percebe suas necessidades e descobre suas potencialidades. “A filosofia do futuro tem como tarefa reconduzir a filosofia do reino das ‘almas do outro mundo’ para o reino das almas corporizadas, das almas vivas, de a fazer descer da beatitude do pensamento divino, desprovido de necessidades, até à miséria humana.” (FEUERBACH *apud* SERRÃO, 2005, p. 101). Assim, a redução antropológica, de Feuerbach, objetiva a descida do infinito ao finito.

A partir da realidade sensível, a qual é o princípio mais essencial, busca-se o cumprimento de unidade entre o subjetivo e o objetivo. Ou seja, na doutrina da sensibilidade, há uma preocupação das experiências sensíveis do indivíduo e sua existência concreta e o mundo natural são afirmados como base do pensamento e da existência. A nova filosofia, proposta por Feuerbach, busca uma interação completa do homem, um conhecimento que abranja a sensibilidade e a razão. Homem e sensibilidade têm, portanto, uma posição primordial na filosofia feuerbachiana.

A filosofia deve compreender as coisas sensíveis em sua variabilidade, sem serem transformadas em abstrações. O homem imerge em sua existência e se depara com a diversidade de coisas e particularidades. Assim, a filosofia deve pensar a multiplicidade e sua apreensão se realiza no entendimento do homem que reconhece seus limites. O pensamento, de acordo com Feuerbach, deve ser entendido, simplesmente, como um abreviamento de múltiplas individualidades presentes no mundo natural.

Segundo nosso autor, para se elaborar os conceitos universais, a partir da percepção crítica da realidade, são necessárias as faculdades racionais e sensíveis. Tanto a racionalidade como os sentidos outorgam ao conhecimento uma completude inseparável no que diz respeito à apreensão do real, uma vez que todo pensamento acontece, por intervenção da sensibilidade, no corpo sensível. “O real na sua realidade ou enquanto real é o real enquanto objeto dos sentidos, é o sensível. Verdade, realidade, sensibilidade são idênticas. Só um ser sensível é um ser verdadeiro, um ser real, só a sensibilidade é verdade e realidade.” (FEUERBACH *apud* SERRÃO, 2005, p. 138).

Nessa perspectiva, a filosofia da sensibilidade dá primazia à natureza e nela se encontra o homem em sua existência objetiva, real e concreta que se potencializa. Desse modo, Feuerbach compreende ainda que a natureza não é apenas o que declaram o teísmo e o idealismo, que sua afirmação só se dá na finitude e na limitação, mas que ela, além de limitar, também possibilita ao homem satisfação nas suas variáveis necessidades. Ou seja, a natureza

mantém relação direta com a sensibilidade e juntamente com essa, conceituada por Feuerbach, está a teoria da integralidade do homem.

Assim é que, ao longo de toda a sua obra, Feuerbach busca a definição de homem como ser corporal e sensível, existente como parte da natureza material. O homem representa a sensibilidade completa, corpo e consciência. É o início do sensualismo representado no corpo vivo, é sensação e representação. Contudo, o homem só adquire sua criticidade, sua forma de compreensão sobre o mundo, através do seu intelecto. Só assim, pela consciência, é que sua emancipação se torna possível.

Para Feuerbach, somente na corporeidade, o homem é capaz de existir, porque ele é sensibilidade e essa tem como atuação, superar o dualismo entre corpo e espírito, este último é o pensamento manifestado. Assim, com a unificação do corpo e alma, o homem é um ser completo que se torna ilimitado e infinito em suas categorias racionais e simultaneamente é também um ser dependente da natureza, finito e limitado. Ou seja, o homem ao mesmo tempo em que age sobre a natureza, esta também age sobre ele. Ela é essência que mantém a existência humana. O homem é, portanto, um ser ativo e passivo.

A união da sensibilidade com a razão, estabelece no homem sua integralidade e o entendimento de si próprio e do mundo real. Assim, o homem, para preservar sua vida, atuará responsabilmente, estando também consciente do mundo e, conseqüentemente, terá uma boa convivência, tanto social como natural.

Através do pensamento de Feuerbach, percebemos que a emancipação do homem é impedida pela alienação religiosa que faz com que o homem negue a si mesmo e também o mundo material. A opressão, imposta pela religião, é uma missão bastante difícil de ser concluída, pois o homem só toma consciência de si mesmo e do mundo real e verdadeiro, se ele se tornar livre de ilusões e fantasias dogmáticas. Uma vez que o homem é livre e consciente, a natureza passa a ser valorizada e o homem a ter uma convivência harmônica com ela, percebendo que seu corpo precisa de seus elementos para subsistir.

Em suma, Feuerbach rejeita qualquer causa primeira, de caráter divino, que possa ter originado o homem ou a natureza, de modo geral, não se pode explicar toda a contingência do mundo e por isso o filósofo alemão compreende o universo como independente e autossuficiente. Segundo ele, o homem, por não saber explicar tais contingências e por medo, anseia uma vida extramundana em outra dimensão. Tendo em vista que foi o Cristianismo que implantou na consciência humana essa ideia de ser supremo, de bondade e perfeição, Feuerbach nos apresenta esse ser perfeito, da tradição cristã ocidental, como o próprio homem, o qual põe seus atributos em Deus.

Essa consciência ilusória é explicada pelo filósofo alemão na medida em que desenvolve sua crítica ao idealismo. Pois, assim como o Cristianismo, secundarizou as determinações humanas, a filosofia especulativa não foi diferente, dando significação ao espírito, ao passo que também desprezava o mundo material, distinguindo, dessa forma, a sensibilidade e o suprassensível<sup>28</sup>. Dada essa semelhança entre a religião e a filosofia, foi que surgiu a teologia especulativa. De acordo com Feuerbach *apud* Serrão (2005, p. 102): “a essência da filosofia especulativa não é senão a essência de Deus racionalizada, presentificada. A filosofia especulativa é a teologia verdadeira, consequente, racional”.

Desse modo, a partir da distinção supracitada (sensibilidade e suprassensível), sobre a qual Feuerbach incide sua crítica, é que o filósofo viu a necessidade de construir a filosofia do futuro, uma nova filosofia que fosse para o homem como uma defesa da concretude, da realidade, dos sentidos. Uma filosofia da sensibilidade onde fosse possível conhecer o mundo concreto, real e que, em sua essência, se pudesse pensar a existência sem qualquer causa abstrata. Ou seja, a filosofia feuerbachiana não se restringe apenas ao campo idealístico, o conhecimento possível não se limita à experiência, esse não é o objetivo do filósofo, mas restituir o homem, integralmente, em suas reais determinações. Ele intenta dotar o conhecimento de aptidões críticas e verdadeiras, tendo por base a materialidade que também daria veracidade aos conceitos.

Todo o mundo real conhecido, toda a realidade é receptada pela sensibilidade e o homem, por meio da sua racionalidade, dá características a essa realidade. Desse modo, a filosofia feuerbachiana torna-se antropológica, pois ela se institui na existência humana. Para Feuerbach, o homem é quem integra todo o ato do filosofar, sendo ele o início, centro e finalidade. A nova filosofia, proposta por Feuerbach, implica, portanto, na união da antropologia com a fisiologia, na qual se deve primeiro iniciar com a realidade e só após a apreensão dos objetos, é que se constrói a criticidade sobre a realidade efetiva. Dessa forma, há a valorização da sensibilidade humana que é necessária, pois é no homem que se constitui o pensamento e é através deste que o homem se reconhece como parte da natureza, dependente e advindo dela.

### **3.3 Da natureza não-humana: o outro do homem e a humanização do mundo natural**

---

<sup>28</sup> Sobre esse tema, ver Feuerbach *apud* Serrão (2005, p. 144).

Após abordarmos os aspectos da sensibilidade em Feuerbach e de sua nova filosofia, que consiste, na união da antropologia com a fisiologia, veremos nessa seção, a noção de natureza não-humana, uma natureza que não provém nem das ações humanas e nem de seus pensamentos. Assim, Feuerbach busca, sensivelmente, uma consciência humana, na qual haja o respeito das distinções entre homem e natureza, uma reconciliação e que não permita que um anule o outro, permanecendo a essência de ambos.

De acordo com Feuerbach, que vê a natureza como princípio originário e fundamental da existência do homem, ela se encontra fora da consciência humana e de uma posição inferior como é vista pelo teísmo ou idealismo. A natureza, nessa perspectiva, não pode ser explicada a partir de um reconhecimento abstrato ou advinda de uma abstração, mas torna-se explicável, parcialmente, na concretude dos seres diversos e singulares, nos quais somente através dela existem, realmente, as coisas. Ela é a base de toda união orgânica, inclusive do ato de pensar e representar, uma vez que tal ato só é possível porque existe um cérebro que pertence ao corpo o qual manifesta atividades através dos sentidos.

Como vimos no primeiro capítulo, desse trabalho, a religião se origina a partir do sentimento de finitude e dependência. Os sentimentos de dor, alegria, estão relacionados à vida humana e aos fenômenos naturais que fazem parte da essência do homem, que tem seu fundamento no mundo natural e sensível. Desse modo, Feuerbach reconhece sua finitude e julga “isso algo inteiramente natural e conciliado com essa ideia.” (FEUERBACH, 2009, p. 49). Por isso, para ele, determinar uma antecedência do espírito à natureza não faz sentido.

Feuerbach, ao propor que o homem reconheça a natureza como condição primordial e que haja uma relação de afeto e natural com a mesma na qual possa viver em harmonia com ela, acredita ser necessário eliminar a ideia de um Deus autossuficiente (Cristianismo) e que o homem perceba que este é apenas sua essência representada. Assim, sua relação com este Deus absoluto não é mais que sua própria relação consigo mesmo, na qual acontece também uma separação de si.

Nas *Preleções Sobre a Essência da Religião*, Feuerbach apresenta a natureza como “o cerne de todas as forças, coisas e seres sensíveis que o homem distingue de si como não humanas.” (FEUERBACH, 2009, p. 108). Nesse sentido, tendo em vista que a natureza é a complexidade de tudo que não é humano, é possível definir a diferença entre homem e natureza. Essa distinção está relacionada, diretamente, à dependência daquele por essa. Como vimos anteriormente, “[...] frente ao homem a natureza se caracteriza por ser o primeiro, o originário ou o último no sentido de que antes dela não se pode pressupor nada, não se pode ir mais além.” (AMENGUAL, 1989, p. 259). O homem surgiu da natureza e esta é quem dispõe

do necessário para a manutenção da vida humana, é o seu fundamento existencial. Conforme Chagas, Feuerbach designa a natureza:

[...] em verdade, como fundamento e objeto sensível, qualitativo e material da vida humana. Não há em Feuerbach um dualismo entre natureza criadora e natureza criada, entre natureza indeterminada e determinada, pois há para ele, na realidade, apenas uma natureza, à qual o homem deve a sua existência. (CHAGAS; REDYSON; PAULA, 2009, p. 51).

Como já sabemos, Feuerbach, em sua filosofia, busca o resgate da sensibilidade e a integralidade humana, longe de paradigmas religiosos. Desse modo, há de ser eliminado qualquer tipo de dualismo e afirmada uma espécie de unidade que abranja homem e natureza. Contudo, a partir dessa noção de unidade que o filósofo busca nessa postura de integralidade, existe a natureza não-humana que põe novamente em jogo a ideia de dualismo, isto é, a natureza como um ser independente e distinto do homem. Há uma rejeição do dualismo na doutrina feuerbachiana, mas essa questão ressurgue gradativamente, de forma necessária, em sua obra.

A partir da *Essência da Religião*, Feuerbach apresenta a natureza como um ente completamente distinto do homem e independente. Insere-se, nessa obra, o dualismo entre homem e natureza, pois, no parágrafo 48, o filósofo afirma a separação entre ambos e, conseqüentemente, uma concepção unitária é ameaçada.

Na realidade, a natureza é entendida apenas em si mesma; ela é a entidade “cujo conceito não depende de nenhuma outra entidade”; ela é a única em que permanece válida a diferença entre o que uma coisa é em si mesma e o que é para nós; é o único em que nenhuma “norma humana” será permitida ou pode ser aplicada. (FEUERBACH, 2005, p. 87).

A noção de natureza não-humana aparece como uma forma de contestar todo modo de supranaturalismo e espiritualismo<sup>29</sup>. Assim, a natureza torna-se independente e autodeterminada, sendo o outro diverso do homem. A questão é que a teoria feuerbachiana, inicialmente, “cai” em afirmações nas quais persistem uma compreensão de dualismo e o objetivo de uma inserção do homem e natureza, em uma unidade, só pode ser possível com a superação de qualquer modo de dualidade.

---

<sup>29</sup> Sobre esse tema, ver também Serrão (1999, p. 237).

Contudo, embora pareça contraditório, Feuerbach mantém uma coerência em seu pensamento, reconhecendo a necessidade de um dualismo a partir da concepção unitária do homem e natureza, ou seja, um dualismo retificado. Para uma efetivação de sua doutrina que tem a sensibilidade como fundamento é preciso, a princípio, eliminar o dualismo tradicionalista.

A natureza não-humana é uma ideia que se acentua no projeto de Feuerbach, que consiste na elaboração de uma nova filosofia, como já vimos. Essa filosofia, que é antropológica, não admite uma interpretação a qual recaia num antropomorfismo ou num antropocentrismo<sup>30</sup>. A natureza não provém do homem, nem de suas ações, nem de seus pensamentos, ela é, portanto, não-humana. Serrão explica que a expressão não-humana contempla um aspecto em que:

A natureza é pura e simplesmente o que é e como é, inabarcável na sua essência profunda, imperscrutável no sentido mais íntimo. Ultrapassa toda significação humana, permanecendo para a nossa capacidade de conhecer um enigma do qual só nós poderemos aproximar hipoteticamente. (SERRÃO, 1999, p. 274).

Embora ao longo de sua obra, Feuerbach, demonstre um certo antropocentrismo, como veremos no capítulo seguinte, não é semelhante ao antropocentrismo tradicional, uma vez que Feuerbach determina a natureza como ente essencial para a existência humana. Ela é autodeterminada, foi surgida e não criada por um Deus, ela existe por si só. A natureza antecede ao homem e a todos os seres habitantes da terra, isso a torna um ente eterno e que impossibilita a mesma de ser representada com um início dentro da temporalidade.

Contudo, a natureza é um enigma para o homem, este tem o conhecimento limitado perante a grandeza daquela, o que impossibilita a captação da natureza como um todo, podendo conhecê-la apenas hipoteticamente. Isso porque ela ultrapassa toda capacidade do homem, ela não advém, pois, de nenhuma ordem humana, simplesmente surge por si só, bem como tem ela mesma como fim. Ou seja, as representações captadas pela capacidade intelectual humana não conseguem uma apreensão completa da natureza. Desse modo, sua essência continua sendo complexa e sem acesso para o conhecimento do homem, sendo ela,

---

<sup>30</sup> O antropocentrismo aparece na obra de Feuerbach, mas sua postura antropocêntrica, se difere do antropocentrismo tradicional, pois na filosofia de Feuerbach, àquele reconhece a natureza como fundamental para a existência humana.

portanto, um fundamento incompreensível, pois ela é, também, temporalmente, anterior ao homem<sup>31</sup>.

A natureza não age de forma intencional ou com alguma finalidade, ela é variável e atua mecanicamente de acordo com uma ordem própria, de forma inconsciente, ela não é também conceituada por Feuerbach como muda, apesar de não viver de forma sensitiva como os humanos, ela “não é por isso morta.” (FEUERBACH, 2005, p. 86).

A natureza não deve ser concebida num sentido teleológico, uma vez que dar uma finalidade a ela não é a intenção de Feuerbach. Ele não intenta uma justificação da existência humana como um fim, num sistema deliberado e hierárquico. O homem não é um ser que ocupa uma posição superior ou o fim natural, mas é, existencialmente, a máxima expressão da natureza. Assim, ela é considerada por Feuerbach como um ser eterno e absoluto, sem início, nem fim enquanto fundamento de tudo que existe. Contudo, essa posição dada à natureza não a coloca como uma substituta de uma divindade, pois, o poder da natureza é limitado, agindo somente de acordo com exigências e disposições orgânicas e físicas. Como discorre Feuerbach:

O poder da natureza não é ilimitado como a onipotência divina, ou seja, como o poder da imaginação do homem: a natureza não está em posição de fazer nada à vontade em qualquer momento e sob quaisquer circunstâncias. Tudo que ela cria e produz está vinculado a certas condições. Portanto, o fato de que agora a natureza não pode continuar produzindo organismos sem fecundação ou engendramento não significa, longe disso, que no passado não poderia ter feito isso. (FEUERBACH, 2005, p. 42).

Ou seja, a onipotência divina não é outra coisa que a onipotência da imaginação humana. Na natureza, segundo Feuerbach, existe a multiplicidade de causas agindo entre si, as quais resultam na formação de todas as coisas. Isso é uma recusa à ideia de um princípio inicial que não carece de outras causas.

Cada coisa é, apesar de sua dependência de outras, uma coisa própria, autônoma; cada ser tem a base de sua existência em si mesmo; [...] cada ser surge sob determinadas condições e causas – sejam quais forem – das quais nenhum outro ser poderia surgir a não ser esse determinado; todo ser surge de

---

<sup>31</sup> O homem é limitado mediante a grandeza da natureza, ele não consegue explicá-la em sua totalidade. No entanto, por ele não conseguir explicar tudo em relação a natureza, não quer dizer que seja justificável, explicar o inexplicável, com argumentos fantasiosos, não reais e imaginários, essa é justamente a crítica que Feuerbach faz à teologia na *Essência da Religião*.

uma concorrência de causas que não existiria se esse ser não existisse. (FEUERBACH, 2009, p. 118).

Nesse sentido, na natureza, há sempre uma reciprocidade entre as causas, não havendo uma com posição mais fundamental que a outra, “tudo nela está em transformação, tudo é relativo, tudo é ao mesmo tempo causa e efeito, tudo é geral e particular; ela não acaba num ápice monárquico; é uma república.” (FEUERBACH, 2009, p. 119). A natureza originou-se a partir da união de múltiplas partículas orgânicas e, paulatinamente, na multiplicação dessas, foram surgindo todos os seres existentes. Sendo assim, não dá para se pensar em uma causa primeira, a qual tenha originado a natureza, sem pensar para além dos limites da existência humana, o que implicaria em hipóteses metafísicas ou mesmo científicas. Por isso, Feuerbach opta por buscar explicações naturais e hipóteses sobre a origem dos seres vivos, apenas assumindo sua condicionalidade de humano.

Como vimos, no início desse capítulo, Feuerbach concebe a natureza de várias formas e não apenas de uma única perspectiva, o que resulta no conjunto de toda a existência apresentada no mundo, os seres, o princípio da vida, o fundamento e a condição vital do homem. Algumas interpretações talvez definam, na obra de Feuerbach, a efetivação de um naturalismo, ou seja, a dissolução da antropologia numa constituinte natural. Contudo, o filósofo, de Landshut, não tem como intuito reduzir o homem a um mero ser natural, mas recuperar o elo entre o homem e a natureza, o qual é deixado de lado pela teologia e pela filosofia especulativa, levando em conta o contexto existente do homem. Desse modo, “a reabilitação da Natureza é correlativa da humanização do homem, não da sua naturalização.” (SERRÃO, 1999, p. 288).

A explicação da origem humana, a partir da junção de compostos orgânicos, implica numa explicação pouco elementar, muito simples que não mostra uma base científica sólida a qual justifique profundamente a afirmação presunçosa de uma certeza para a gênese do homem. Contudo, Feuerbach não tem essa pretensão, para ele, já é suficiente que saibamos que assim como subsistimos na natureza, também surgimos dela. Isso nos basta para percebermos que as explicações teológicas são inconsistentes<sup>32</sup>.

Tanto a teologia como a filosofia especulativa partem de pressupostos, puramente, imaginários. Isso porque ambas fundamentam o homem como um ser separado do mundo natural, como parte externa e criação de uma vontade absoluta. Devido a isso, é que Feuerbach determina o homem como parte da natureza orgânica e não como um ser criado de

---

<sup>32</sup> Ver Feuerbach, (2009, p. 151).

um Deus irreal. Nas bases da sensibilidade, é que Feuerbach tenta superar esses sistemas que explicam a origem do homem, a partir do sobrenaturalismo, determinando assim como respostas o que não conseguem afirmar, de fato, como fundamento originário do homem.

Nessa perspectiva, Feuerbach diz que a vida tem sua origem inexplicável e muitos acontecimentos não podem ser explicados pela natureza. Porém, isso não quer dizer que a teologia possa preencher essas lacunas com fantasias e ilusões, tentando explicar o que não pode ser explicado com um "não-ser", ou seja, com fenômenos sobrenaturais. Para Feuerbach, tais suposições imateriais não passam de ignorância e diante dessa incompreensibilidade, ele replica:

Essa incompreensibilidade não lhe dá o direito de explicar o inexplicável por meio da suposição de seres inventados; Não lhe dá o direito de ter ilusões e de enganar a si mesmo e aos outros com uma explicação que nada explica; Não lhe dá o direito de transformar seu "não-saber" das causas naturais e materiais em um "não-ser" dessas causas, de divinizar sua ignorância, personificá-la e objetificá-la em um ser que deveria se livrar de tal ignorância, mas que na realidade não exprime mais do que a natureza daquela sua ignorância, do que a ausência de explicações positivas e materiais. (FEUERBACH, 2005, p. 48).

Afirmar uma resposta, ao certo para a origem humana, consistiria numa possível transcendência existencial temporal do homem, por isso Feuerbach afasta essa ideia da gênese humana e apoia-se, então, limitadamente na filosofia da sensibilidade, mesmo que hipoteticamente e dentro da possibilidade do surgimento do homem a partir de compostos orgânicos que o afirmam como originado da natureza. Nesse sentido, Feuerbach questiona:

Por acaso meu próprio ser individual, inseparável e indistinguível de mim e da minha existência, não se deve a outros seres individuais: aos meus pais? Se eu insistir em voltar às causas originárias, não acabarei perdendo por completo todos os vestígios de minha existência? Será que não existe um ponto limite, um ponto onde já não se pode mais voltar? A origem da minha existência não é algo absolutamente único e individual? Por acaso fui concebido no mesmo ano, ao mesmo tempo, no mesmo estado de espírito e, em última instância, nas mesmas condições internas e externas que meu irmão? Não é minha origem algo único e individual como sem dúvida minha vida é? Devo por acaso fazer chegar meu amor de filho até Adão? De maneira nenhuma. (FEUERBACH, 2005, p. 27, 28).<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Ver também Feuerbach, (2009, p.107 e 108).

Assim, Feuerbach considera que a existência de cada um advém de seus seres mais próximos, os quais são os pais. O homem, dentro da abordagem tradicionalista, foi tratado a partir da dualidade corpo e espírito, que estabelecia a união de ambos, porém de origem distinta. Pois, tanto a filosofia especulativa, quanto a teologia, definiam o homem em sua origem, como sendo criação de uma vontade divina (Deus) exterior à natureza. Mas, Feuerbach rompe com essa posição e traz o homem como sendo originado da natureza orgânica e defende que o pensamento também é um produto da natureza e sustenta essa afirmação, justificando que:

O espírito só se desenvolve com o corpo, com os sentidos, com o homem em geral, ele está ligado aos sentidos, à cabeça, aos órgãos corporais em geral; deve então o órgão corporal, a cabeça, isto é, o crânio e o cérebro, surgir da natureza, mas o espírito na cabeça, isto é, a atividade do cérebro surgir de um ser de uma espécie inteiramente diversa da natureza, de uma entidade da abstração e da fantasia, de um Deus? Que mediocridade, que cisão, que inversão! De onde vêm o crânio, o cérebro, daí vêm também o espírito; de onde vier o órgão, daí virá também o funcionamento dele, pois como se poderia separar ambos? Se então é o cérebro, o crânio, um produto da natureza, o espírito também o é. (FEUERBACH, 2009, p. 176).

O homem é parte do mundo real, mantendo uma necessária relação com a natureza. No entanto, tal relação não é sinônimo de reciprocidade ou serenidade, mas de estranheza. O homem habita um lugar estranho e distinto e o transforma em um lugar humanizado. O mundo natural é humanizado e, aos poucos, o homem vai compreendendo a natureza, mas de acordo com uma ordem própria, uma vez que tanto o homem como a natureza são regidos por uma orientação que lhes é própria. Nessa perspectiva, há uma aproximação entre ambos, uma elevação da natureza ao homem e não, um rebaixamento do homem à natureza. Com a exigência de uma filosofia antropológica, que afirma o homem em sua total integralidade, torna-se necessário o resgate da natureza concreta, algo que é exterior ao homem, mas sendo como uma descoberta do próprio homem.

A proximidade da natureza e sua humanização requerem um certo domínio do homem sobre a natureza, pois, só assim, o homem torna-se satisfeito e familiarizado. Contudo, isso não significa que esse domínio tenha a ver com destruição. Mesmo com a intervenção humana no mundo natural, que causa certas alterações, na filosofia feuerbachiana, estas não admitem um quadro destruidor, pois ao destruir a natureza, o homem estaria se autodestraindo. Sendo assim, ele deve se autopreservar, utilizando de certos modos que o façam dominar o mundo natural, pois este através de seus acontecimentos naturais pode eliminar o ser humano.

Portanto, a humanização da natureza tem como finalidade uma aproximação, na qual o homem precisa reconhecer a relevância do mundo sensível.

#### **4 DAS RELIGIÕES NATURAIS À NOVA POSTURA ANTROPOLÓGICA DE FEUERBACH**

Procuramos, até aqui, compreender a natureza como fundamento do homem a partir da concepção de Feuerbach, a respeito da natureza real, que, segundo ele, possui primazia no tempo, na qual é criada, não sendo originada por uma divindade absoluta. Sendo ela, matéria real e sensível que origina o homem e tendo em vista que ele também é parte do mundo natural, podemos refletir acerca da relação do homem com a natureza, uma vez que um torna-se fundamento do outro na medida em que a natureza contém os elementos para satisfação das necessidades do homem e que, ao mesmo tempo, somente através dele, ela chega à consciência de si.

Por esse viés, é que Feuerbach, desenvolve sua crítica ao sistema religioso e filosófico, predominante de sua época, o que resultou na proposta de uma nova filosofia que fosse totalmente livre de qualquer paradigma religioso e que tivesse suas bases na doutrina da sensibilidade, na realidade sensível e concreta, que traz o infinito ao finito e uma integralidade humana. Vimos também, a partir da ideia de natureza não-humana, explícita nas obras de maturidade do filósofo, trabalhadas na presente pesquisa, a natureza como um ser distinto do homem, mas que, concomitantemente, mantém-se uma harmonia entre ambos, na qual um não anula o outro.

Assim, chegamos ao nosso último capítulo, cuja abordagem, no primeiro momento, implica numa relação direta com o entendimento da religião, ainda nos primórdios, quando se iniciavam as primeiras formas de sociedade e o homem por ser, inteiramente, inserido na natureza é um ser que não vive fora do âmbito material. Por essa razão, reconhece, através do sentimento de dependência, a natureza como sua fonte de vida e morte. Assim, surgem as crenças e adorações religiosas, fundamentadas nas religiões naturais, as quais trazem a verdade da natureza, que consiste na sua essencialidade para a vida humana. Contudo, nosso objetivo, nesse primeiro momento, não é falar da origem das religiões, uma vez que isso já foi feito no primeiro capítulo dessa dissertação, mas mostrar qual o papel da natureza junto as religiões naturais, bem como apontar os aspectos positivos das mesmas, as quais levam Feuerbach a apreciá-las parcialmente, pois, posteriormente, Feuerbach também irá criticá-las.

Nesse sentido, procuramos esclarecer, a crítica, de Feuerbach, às religiões naturais e o porquê da necessidade de superá-las, consistindo, na transição dessas para as religiões espirituais, evidenciando também as semelhanças do homem com o Deus monoteísta e o porquê de haver uma identificação com o mesmo. A partir disso, trataremos da centralidade

do homem na filosofia de Feuerbach, uma certa supremacia humana, que, no entanto, possui um caráter positivo na medida em que há o reconhecimento do mundo natural, no qual a natureza não é diminuída, mas respeitada, desse modo, há uma contraposição ao antropocentrismo defendido pela tradição. Nesse estreito vínculo entre homem e natureza, não há um desaparecimento das diferenças entre ambos, nem entre os demais seres. Desse modo, partindo de uma concepção de homem totalmente inserido na natureza e concretamente existente, compreenderemos uma nova postura antropológica de Feuerbach.

#### **4.1 O resgate das religiões naturais: o culto à natureza**

A natureza é, originalmente, reconhecida como fundamento existencial de todos os seres após a desconstrução do pensamento teológico. A religião, fundamentada a partir do sentimento de dependência, põe em causa uma necessária dependência do homem, por um ser distinto dele, que é a natureza, um ser real e concreto que apresenta uma nova postura a qual não permite um ser infinito e absoluto. Feuerbach destitui o Deus da teologia, dignifica a natureza real e resgata o mundo da sensibilidade. Desse modo, dá-se lugar, a partir da nova filosofia, a uma nova concepção de religião.

Vale ressaltar que, de acordo com Feuerbach, a religião teve início com a consciência do homem de sua finitude, na qual este reconhece suas limitações mediante a grandeza e a variabilidade da natureza. No entanto, a proposta de religião, do filósofo, deve ter sua origem a partir da afirmação da existência sensível do mundo real e natural. Nesse sentido, é que Feuerbach demonstra seu apreço e aproximação pelas religiões naturais:

Odeio o idealismo que arranca o homem à natureza; não me envergonho de depender da natureza; confesso abertamente que as influências da natureza não só afetam minha superfície, minha pele, meu corpo, mas também meu âmag, meu íntimo, que o ar que respiro em bom tempo atua beneficentemente não somente sobre meu pulmão, mas também sobre minha cabeça, a luz do sol não só ilumina meus olhos, mas também meu espírito e meu coração. (FEUERBACH, 2009, p. 49).

Feuerbach toma como fundamento, para o desenvolvimento de suas concepções, as religiões naturais, porque essas não cultuam um Deus subjetivo, mas um deus materializado o qual se identifica ou que está presente na natureza, sendo que esta é fundamental para tudo

que existe de forma vital. Segundo o autor, as religiões naturais surgiram a partir do primeiro contato do homem com a natureza e da insciência daquele em relação aos entes naturais.

Antes de tudo, é importante dizer que Feuerbach não se preocupou em definir termos da ideia de religião natural em sua obra, assim como também não a conceituou mais profundamente em relação à cronologia, origem, como se desenvolveram, seus rituais específicos, etc. O filósofo teve um cuidado maior em apresentar as práticas comportamentais, referentes ao psicológico do ser humano, frente à natureza.

Nas religiões naturais, a natureza é semelhante ao homem quando este, praticamente, tem uma relação exclusiva com ela. Para os primitivos, a natureza tem características humanas e, portanto, não se diferenciam. Por acreditar nessa semelhança, fazem oferendas e tratam a natureza da mesma forma que os membros dos grupos de suas comunidades. Desse modo, o homem vive um paradoxo ao se dirigir a um ente que não é uma pessoa, pois a natureza não o escuta. “Ele tenta vivificar em vão ídolos de pau ou pedras.” (TOMASONI, 2015, p. 96). Vendo uma espécie de racionalidade na natureza, o instinto humano, por desconhecimento, passa a cultuá-la e, por medo, cria o deus objetivo das religiões naturais. A natureza é, pois, transformada em um objeto da representação humana e com características sobrenaturais, ela é o primeiro objeto das religiões naturais<sup>34</sup>, diz Feuerbach. Mas, embora os entes naturais tenham características humanas e deixem de ser entes objetivos, ainda assim, são inseridos na matéria, na realidade do mundo natural.

Nas religiões referidas, a natureza é o ser que está acima do homem, a fonte que determina a vida e a morte, a origem e o fim do mesmo. Não há, portanto, uma cisão dos sentidos, nem da natureza. Nessa perspectiva, a religião natural é o momento em que, pela primeira vez, o homem se organiza em sociedade, desenvolve sua base cultural e religiosa, e a natureza sensível aos sentimentos humanos, era o ideal religioso dessas primeiras sociedades.

Em *A Essência da Religião*, Feuerbach tenta a superação e o preenchimento do espaço deixado na obra de 1841: *A Essência do Cristianismo*. Esta só trata do Cristianismo isolado, enquanto que na primeira obra mencionada, ele se preocupa em desenvolver sua análise, das religiões, de forma mais ampla, pois aborda não apenas a religião cristã, mas também as religiões naturais.

Como já foi dito anteriormente, a natureza passou a ser cultuada por meio do sentimento de dependência, ainda nos primórdios, cujo sentimento desperta, no religioso natural, a vontade de adorar os entes naturais. Desse modo, a natureza é o objeto ao qual o

---

<sup>34</sup> Ver Feuerbach, (2005, p. 52).

homem se sente inerente e o que provoca o sentimento de dependência, logo, esse sentimento não é imediato. Como esclarece Feuerbach:

A dependência de um outro ser é na verdade somente a dependência de minha própria essência, de meus próprios impulsos, desejos e interesses. Assim, o sentimento de dependência nada mais é que um sentimento próprio indireto, invertido ou negativo, não sendo certamente imediato, mas um sentimento ocasionado pelo objeto do qual eu me sinto dependente. (FEUERBACH, 2009, p. 96).

Como descreve Feuerbach, na obra de 1846: *A Essência da Religião*, o homem primitivo se via solitário, no mundo desconhecido, embora ele fosse o mais inteligível, percebeu que nada detinha os fenômenos naturais. Uma vez que a primeira relação do homem foi com a natureza, ao mesmo tempo em que ele a admirava, também a temia. Assim, era movido pelo medo da força da natureza, projetando nela a forma de suas relações sociais.

Dessa forma, as religiões naturais costumavam cultuar a natureza por falta de compreensão ante aos seus fenômenos que eram vistos como a segurança e a hostilidade e diante dessa incompreensão, surgiu o desejo da crença em algo que pudesse ser a solução das limitações humanas. Nas práticas dessas religiões, em questão, estão o politeísmo (a diversidade de deuses) e o culto aos elementos da natureza como: os astros, árvores, águas, até mesmo pragas, doenças e os mais diversos animais. Logo, a natureza passou a ser sacralizada por despertar, no homem, sentimentos de dependência como: medo, insegurança e a necessidade de conservação e proteção existencial. De acordo com Feuerbach, todos os objetos que produzem o sentimento de dependência no homem, não tem como causa as propriedades que causam o espanto ou o maravilhamento, mas o medo e a esperança. Isto é, as propriedades do objeto de sacralização, são as “propriedades que fundamentam e conservam a existência humana.” (FEUERBACH, 2009, p.62).

Assim, os povos antigos reverenciavam os elementos naturais porque do mesmo modo, que a natureza despertava os sentimentos os quais os aterrorizavam, era a mesma que também trazia a tranquilidade e que despertava sentimentos de pacificação, dessa forma, esses povos cultuavam os diversos deuses, de acordo com suas necessidades, buscando um modo de aproximação pela sua falta de compreensão mediante as manifestações da natureza. Os fenômenos naturais causavam um conflito existencial no homem, daí a necessidade de divinizá-los, mas também a fim de tentar uma reconciliação com a natureza devido à dependência humana para com seus elementos indispensáveis à sua subsistência.

Em relação a diversidade dos deuses, Feuerbach diz que a distinção destes, das diferentes religiões, está apenas no povo de cada religião, essa afirmação leva ao questionamento do porquê existirem vários deuses e não apenas um. A explicação que se dá à diversidade dos deuses são as diferentes formas de pensar e sentir do homem, embora todos sejam humanos, os anseios de cada um são relativos.

Os deuses criados pelo homem estão limitados em sua comunidade local, determinada pelo espaço geográfico, pois todo objeto de adoração está relacionado às necessidades e interesses humanos. Ou seja, as religiões e os diversos deuses adorados pelo homem, “nada mais é que a história do homem.” (FEUERBACH, 2009, p. 45), cada civilização, ancorada à sua imaginação, tem seu deus, modo de consolo, sua forma de enfrentar suas limitações, todos de acordo com sua época. Como exemplo, podemos citar os deuses das religiões naturais e o Deus da religião cristã, os deuses se diferem no sentido em que os primeiros são politeístas e o segundo, monoteísta. Contudo, ambos existentes como expressão característica da essência do homem natural e cristão. Os deuses das religiões naturais, são deuses limitados em sua região, são nacionais, que não ultrapassaram os limites de cada civilização. O Deus cristão, ao contrário, é um Deus universal, porém ambos surgiram no homem, a partir do próprio homem<sup>35</sup>.

Nesse sentido, embora Feuerbach não fosse um religioso natural, ele estrategicamente resgata a religião natural, porque essa não cultua um Deus antropomorfizado, personificado, mas um deus físico, que está presente na natureza, e ao fazer isso, a religião natural traz a importância da natureza para o homem que, ao cultuá-la, reconhece precisar dela para sua existência, pois ele não pode viver sem satisfazer as suas necessidades.

As religiões naturais são as primeiras com povos de culturas rudes, nos quais a dependência pela natureza é maior. Assim, conseqüentemente, há uma relação mais próxima, pois aqueles veem a natureza de modo absoluto, são admiradores de seus benefícios e utilidades e a divinizam, pois são inteiramente dependentes e submissos a ela, mas se mantêm dentro da realidade, suas divindades não ultrapassam o plano real em que vivem. Conforme Amengual:

O homem primitivo em sua ingenuidade considera a natureza de maneira indeterminada, global, como um todo universal e absoluto, da qual admira sua beleza, utilidade e beneficência, dela depende incondicionalmente e por isso a considera divina. Esta relação é a religião natural: relação de submissão frente a natureza. (AMENGUAL, 1989, p. 254).

---

<sup>35</sup> Ver Feuerbach, (2009, p. 31).

Ao contrário da religião cristã, a religião natural, ao adorar os elementos naturais, mostra uma valorização e um reconhecimento da natureza, uma relação direta do homem com a mesma, que revela sua dependência para com ela. Para Feuerbach, o deus físico, da religião natural, nada mais é que a essência divinizada e personificada da natureza que é o fundamento da existência do homem, algo claro e sensível e não Deus absoluto, algo indefinido como se refere Feuerbach:

[...] mostro em A Essência da religião que o Deus físico ou o Deus considerado apenas como causa da natureza, das estrelas, das árvores, das pedras, dos animais e dos homens enquanto seres físicos e naturais nada mais significam que a essência divinizada e personificada da natureza. [...] O ser que para mim pressupõe o homem, ser que é a causa ou o fundamento do homem, a quem ele deve seu aparecimento e existência, não é para mim Deus – uma palavra mística, indefinida e ambígua – mas a natureza – uma coisa e uma palavra clara, sensível, indubitável. (FEUERBACH, 2009, p. 34).

Dessa forma, podemos dizer que por detrás das religiões naturais, está a verdade da natureza, que é a condição primordial e fundamental da mesma sobre o homem. Ou seja, essas religiões revelam essa característica positiva de que, ao cultuar a natureza, não há uma crença, numa realidade extraterrena, para além da realidade dessa vida. Há apenas a divindade de deuses no mundo material, terreno e real, na natureza mesmo. Não há, portanto, uma separação da realidade concreta.

Nesse sentido, as religiões pagãs (naturais) respeitam e dignificam a natureza. Ao divinizá-la, o religioso natural sente a necessidade de conservá-la, tendo em vista que ela é a que fornece os artifícios para seu bem-estar e sobrevivência. Assim, para não “irritar” a natureza, o homem, dessas religiões, abstrai dela apenas o que julga ser necessário para satisfação de seus anseios. Para além disso, embora a natureza seja subordinada às necessidades humanas, as religiões naturais revelam o quão submisso e dependente é o homem frente a ela, mas também a reconhece como seu princípio. Portanto, o religioso natural vê a natureza como algo superior a ele e a quem deve sua origem e existência e não apenas como aquela que supre suas vontades e dependência. Feuerbach explica que:

“O cultor da natureza não a adora somente como o ser através do qual ele agora existe ou sem o qual ele não pode viver, nada pode fazer, ele adora e considera a natureza também como o ser do qual ele surgiu originariamente e

exatamente por isso como o alfa e o ômega do homem.” (FEUERBACH, 2009, p. 101).

Por isso, para tentar uma aproximação com a natureza, o homem a diviniza e se desumaniza. Contudo, embora a religião natural reconheça a natureza como seu fundamento originário e adore os seus elementos (plantas, águas, terra, astros, animais, etc.), na verdade, o que é adorado são as propriedades de tais elementos e sua representação. Portanto, o religioso natural não adora os entes naturais em si mesmos, mas suas utilidades. Desse modo, Feuerbach fundamenta também uma crítica à religião natural – a qual veremos no próximo tópico de modo mais preciso – pois, assim como a religião cristã, as religiões naturais não estão livres de superstições, visto que nelas a natureza aparece ao homem religioso inculto e de razão inexperiente, com exigências não naturais (sobrenaturais), diferente do ser independente e autônomo que ela, realmente, é.

Dessa forma, em ambas as religiões, a cristã e a pagã, acontece o afastamento do homem com a natureza. No entanto, nas religiões naturais, o homem se diminui à natureza e a dota com suas características humanas, com seus sentimentos e paixões, sendo o principal problema da religião natural, como já mencionado, não tratar a natureza como ela de fato é, mas tomá-la como deus. Desse modo, a natureza perde seu aspecto originário, passando a não ser mais compreendida como causa dela mesma.

#### **4.2 Crítica de Feuerbach à permanência da divindade: transição das religiões naturais às religiões espirituais**

Quando o homem mantinha uma relação mais íntima com a natureza e era mais dependente dela, ele a personificou e passou a cultuá-la por não entender seus mistérios naturais. Isso acontecia porque o homem acreditava que, adorando a natureza, ela iria realizar seus desejos. O deus que era adorado poderia ser uma representação das plantas, águas, animais ou completamente antropomórfico. Isso nos leva a compreender que os desejos e anseios humanos tratam-se de algo religioso.

Sabemos que as primeiras formas de sociedades organizadas se constituíram nas religiões naturais e a partir delas, o homem passa a se desenvolver culturalmente e religiosamente e com o passar do tempo não há um culto direto à natureza, como no início, pois o homem vai perdendo essa relação que ele tinha diretamente com ela. Desse modo,

apesar do culto religioso ser direcionado aos entes naturais, o que é adorado, na verdade, é a sua utilidade, sua representação e não tais entes em si.

Na religião natural, o homem passa a cultuar tudo que se referir ao seu bem-estar, o que for uma questão de vida ou morte. Contudo, a religião vai se modificando, na medida em que o homem deixa de se relacionar diretamente com a natureza e passa a viver mais em sociedade, mas essa mudança religiosa acontece gradativamente. Ou seja, vivendo uma relação mais comunitária, com os outros, o homem passa a referenciar a si mesmo e menos a natureza, embora não haja uma ruptura completa entre homem e natureza, não há mais também a adoração direta dos elementos naturais. Pois, não importa mais ao homem adorar esses elementos naturais, porque para aquele que vive, em sociedade, é interessante que seus deuses sigam esses mesmos aspectos. Desse modo, quando há esse afastamento da natureza, acontece a antropomorfização dos deuses.

Dito isso, trataremos nessa seção, da crítica de Feuerbach às religiões naturais e a transição dessas religiões para as religiões espirituais. No que resulta, numa identificação do homem com um Deus monoteísta.

Ter como base as religiões naturais, para elaborar uma concepção religiosa, fez com que Feuerbach percebesse que tais religiões apenas substituem um Deus por outras divindades. Por meio de sentimentos e impressões que a natureza desperta no homem ela perde seu real sentido e a partir da realidade natural, captada pelo homem religioso, ele imagina outros seres divinos. Assim, numa perspectiva das religiões naturais, as superstições que haviam na teologia, permanecem igualmente naquelas. Desse modo, conseqüentemente, também são parcialmente criticadas por Feuerbach e surge, então, nesse sentido, uma necessidade de superar essas religiões.

Não reconheço a religião da natureza em nenhuma forma, em nenhuma outra extensão, em nenhum outro sentido que não aquele em que reconheço a religião em geral, até mesmo a religião cristã; reconheço apenas sua verdade simples e fundamental. Mas essa verdade é apenas que o homem é dependente da natureza, que ele deve viver em concórdia com ela, que mesmo em seu estágio mais elevado e espiritual não se deve esquecer que ele é um filho e um membro da natureza, que ele deve adorar sempre a natureza, tanto como a base e a fonte de sua existência quanto como a base e a fonte de sua saúde espiritual e corporal, porque somente através dela é o homem libertado de todas as exigências e desejos exagerados e doentios, como, por exemplo, o desejo sobrenatural da imortalidade. (FEUERBACH, 2009, p. 151).

Assim, Feuerbach reconhece o aspecto positivo das religiões naturais, as quais evidenciam a natureza como o fundamento existencial do homem, ou seja, para o autor, a religião deve ter o reconhecimento do homem, sendo fundamentada na natureza. Mas, sendo uma religião do homem, que coincide com a religião natural, apenas em alguns aspectos. Pois nas religiões naturais, ainda há seres venerados pelo religioso, seres estranhos e divinizados que mantêm, no homem, as mesmas sensações da tradição teológica que são o medo da punição ou a busca pela recompensa, do além, através do seu comportamento. A religião, no pensamento feuerbachiano, não deve pressupor nada transcendente e irreal, mas algo puramente humano, dentro do mundo natural e sensível. Nesse sentido, a religião natural até resgata a sensibilidade da natureza, no entanto, cria novamente, seres não sensíveis e objetos de adorações. Pois, de acordo com Feuerbach (2009, p. 50), “também a religião da natureza não é livre de superstições, porque naturalmente, isto é, sem cultura e experiência, são todos os homens dados à superstição”.

Vale lembrar que o fim da religião seria a superação do sentimento de dependência, o qual originou o sentimento religioso. Essa superação é a principal característica da religião feuerbachiana, na medida em que o homem se torna consciente mediante sua finitude. Assim, há a possibilidade do homem ser livre e dono de si mesmo. Tentar alcançar uma liberdade para além dos limites humanos é uma característica da teologia, que se configura pelo desespero, pelo medo da morte e busca da imortalidade, superando, portanto, os limites de sua finitude, apoiando-se em algo extraterreno.

A religião natural está em contraposição aos princípios teológicos, porém a postura dessa religião também não se firma numa fundamentação sólida que assegure a realidade sensível, uma vez que a natureza se torna objeto de adorações. Para Feuerbach, a natureza deve ser reconhecida existencialmente e não elevada além da realidade própria dela, por isso o filósofo tem como intuito neutralizar esses exageros que existem nas religiões.

Na religião natural, chegou a acreditar-se que a natureza era possuída por uma espécie de espírito, um ente diferente dela mesma, o qual a dominava. Para Feuerbach (2005, p. 30), “a natureza é verdadeiramente possuída por um espírito, mas este espírito é o do homem, é sua própria fantasia, sua própria alma que involuntariamente entra na natureza e a torna um símbolo e um reflexo de sua própria essência humana”. A natureza não é adorada só em si, mas em tudo o que ela representa para os desejos do homem. Essa representação do mundo natural foi o que fez Feuerbach reconhecer que as qualidades da natureza e do homem eram as mesmas a partir de uma perspectiva religiosa e, por isso, ele acrescentou a fisiologia em sua doutrina, ou seja, o homem fez de todos os seus desejos algo religioso. Com a natureza

divinizada, as religiões naturais se afastam do pensamento feuerbachiano por supervalorizarem o mundo natural e projetarem seres divinos.

Na religião delineada por Feuerbach, há um desenvolvimento das religiões naturais para a consciência, visto que essas eram constituídas por povos primitivos que ainda não haviam se elevado ao nível consciente. Desse modo, há uma modificação das religiões primitivas, um avanço dessas, na concepção de Feuerbach, que reafirma a realidade concreta, ou seja, valoriza a existência. Contudo, diverge do sentimento religioso dessas, na medida em que o filósofo, de Landshut, distancia-se das superstições que se fazem presentes no religioso natural inconsciente.

A falta de conhecimento dos primitivos que suscitou essa falsa interpretação da natureza, a qual a transformou em um Deus, caracteriza a religião natural como uma contradição entre realidade e fantasia. Ou seja:

O autoengano devoto e involuntário do homem na religião torna-se uma verdade manifesta e evidente na religião da natureza, porque aqui o homem faz com que seus objetos religiosos sejam olhos e ouvidos: você sabe, está vendo que se trata de olhos e ouvidos feito de pedra ou madeira, no entanto, ele acredita que são olhos e ouvidos verdadeiros. Assim, o homem na religião tem olhos apenas para isso, para não ver, para ser ultra cego, e o motivo para o mesmo, para não pensar, ser ultra imbecil. (FEUERBACH, 2005, 66, 67).

Fica clara a crítica de Feuerbach, à religião da natureza, na afirmação acima. O homem religioso fica cego e surdo, acreditando apenas na ilusão criada por ele. “Nas religiões naturais o homem declara seu amor a uma estátua, a um cadáver. Não era de se estranhar que buscasse ajuda por meios mais desesperados e insanos.” (FEUERBACH, 2005, p. 65). Contudo, a religião da natureza está sempre vulnerável a decepções, pois “basta com um golpe de machado para que se convença, por exemplo, de que não sai sangue das árvores veneradas e que, portanto, nelas não habitam seres vivos ou divinos de nenhuma espécie.” (FEUERBACH, 2005, p. 67). Com esse exemplo, Feuerbach expõe quão frágil é a religião natural em suas representações imaginárias.

Assim sendo, quando o homem percebe que o ente venerado não é infinito, ele deixa de adorar aquele objeto especificamente e o transforma apenas em um objeto espiritual, ou seja, aos poucos, as religiões naturais que possuem apenas a natureza física como causa de suas crenças, perdem forças para as religiões espirituais as quais possuem doutrinas místicas (deísmo e teísmo). Em outras palavras, ao serem formadas as primeiras sociedades, a natureza

divinizada se enfraquece e passa a ser objeto de domínio humano, apenas um objeto orgânico para subsistência do homem, a natureza perde, portanto, o poder que até então tinha sobre o mesmo. Nesse sentido, com o passar do tempo, tudo se modifica: a realidade humana, a cultura, a natureza variável, bem como os deuses. Como explica Feuerbach:

Assim como o homem, de ente apenas físico, passa a ser um ente político, antes de tudo um ente que se diferencia da natureza e se concentra em si mesmo, seu deus também passa de ente apenas físico a ente político e que se distingue da natureza. A fim de distinguir sua própria essência da natureza e por conseguinte de um deus diferente da natureza, o homem antes de tudo se une aos outros homens, constituindo uma entidade comum, no qual os poderes são diferenciados dos da natureza e só existem em pensamento ou representação (como poderes políticos, morais, abstratos, o poder da lei, da opinião, da honra, da virtude) são objeto de sua consciência e de seus sentimentos de dependência, na qual a existência física dos homens se subordina a sua existência moral ou civil, e o poder da natureza, o poder sobre a morte e a vida são reduzidos a um complemento e instrumento do poder político ou moral. (FEUERBACH, 2005, p. 67, 68).

Ou seja, o homem se concentra em si mesmo quando deixa de ser agricultor e passa a ser cidadão com interesses políticos, ele se torna um ser comunitário o qual se diferencia da natureza e não se sente mais dependente de seus objetos, mas das leis morais e políticas, isto é, o homem deixa de venerar a natureza e passa a ser sobrenaturalista e monoteísta<sup>36</sup>. O homem se vê cada vez menos como parte da natureza e cada vez mais inserido no meio social, na comunidade, desenvolvendo suas culturas e religiões. Dessa forma, as religiões, gradativamente, também vão se modificando, embora não haja uma desvinculação completa da relação homem-natureza, até os dias atuais, aquele não cultua essa de forma mais direta, como antes, o homem agora é seu próprio objeto religioso, ou seja, ele adora a si mesmo, na medida em que se reconhece agora, em suas relações sociais, como ser comunitário.

A aproximação comunitária entre os homens os distancia da natureza e, por conseguinte, há a antropomorfização dos deuses, pois estes estão diretamente relacionados ao contexto no qual o homem se encontra. Desse modo, se o homem está imerso em um contexto moral, seu Deus deve assim o ser, deixando de lado o culto aos entes naturais e a religião não é mais sobre a natureza, mas a respeito do homem, com características deste. Assim, Feuerbach tende a rejeitar as religiões espirituais, porque, essas se envaidecem, estão dotadas de orgulho.

---

<sup>36</sup> Ver Amengual, (1989, p. 254).

O ser humano com essa nova forma de compreender o mundo e com os avanços da técnica, passa a querer ter predomínio e a manipular a natureza. Essa dissociação, entre homem e natureza, faz com que o primeiro sempre veja a segunda como um obstáculo que o impede de realizar suas vontades e desejos. Nesse sentido, é que Deus é colocado como a essência humana, onde não há limites para o homem, e a natureza não é mais um empecilho. Portanto, a natureza não é mais seu deus, mas um ente criado para o homem. Os deuses impessoais são insignificantes e o que interessa agora é um Deus que determina as ações dos homens em comunidade.

Os deuses vão se tornando menos naturais e mais parecidos com o homem, sendo mais sentimentais: amam, sofrem e são piedosos. Juntos, o homem e o Deus pessoal se relacionam de maneira mais beneficente e utilitária. Esse Deus, a partir dos pedidos de seus devotos, tem o poder de realizar as vontades destes, bem como agir de modo contrário e igualmente prejudicá-los. Segundo Feuerbach:

Deus é o amor que satisfaz os nossos desejos, as nossas necessidades afetivas. Ele é o desejo realizado do coração, o desejo elevado à certeza da sua realização, à sua validade, à indubitável certeza diante da qual não se mantém nenhuma contradição com a razão, nenhuma objeção da experiência, do mundo exterior. Certeza é para o homem o mais elevado poder; o que é certo para ele é para ele também o existente, o divino. (FEUERBACH, 2013, p. 137).

O homem é quem determina as ações humanas e impõe suas normas e leis, que devem ser cumpridas. Assim, ele deve agir dentro dos preceitos corretos instituídos por esse Deus moral e perfeito. Como exemplo de perfeição que realiza os desejos do homem, o mesmo passa a compreender que, a partir de Deus, ele pode ter domínio sobre a natureza e dela se beneficiar. Pois:

[...] a natureza não ouve os lamentos do homem – ela é insensível com relação aos seus sofrimentos. Por isso o homem dá as costas à natureza, aos objetos visíveis em geral – volta-se para dentro, para aqui, escondido dos poderes insensíveis, encontrar atenção para os sofrimentos. Aqui confessa ele os segredos que o angustiam, aqui alivia ele o seu coração oprimido. (FEUERBACH, 20013, p. 138).

Nesse sentido, o poder da natureza desaparece mediante o poder do coração humano. A essência consciente do homem faz com que desapareça a necessidade de uma natureza

inconsciente e surda, pois, tudo se torna um meio para seus fins. Ou seja, o homem é a finalidade do mundo e Deus é a sua causa, isto é, o homem é a primeira essência na prática e Deus a primeira na teoria. A natureza é simplesmente insignificante para Deus, para o monoteísmo. Ressaltemos que os deuses politeístas<sup>37</sup> estão dimensionados dentro do espaço e do tempo (embora sejam imortais), esses deuses são nacionais, localizados em uma determinada região, não a ultrapassando. Pois, o politeísmo não expandiu sua consciência para além dos limites de sua nação.

Por outro lado, na medida em que não estavam mais vinculados, intimamente, à natureza, os monoteístas transformaram seu Deus em universal e fora do mundo real. Criaram a imagem de seu espírito com um Deus sobrenatural, que age por si mesmo, um Deus absoluto, sem limites, um ser elevado ao mais alto grau de perfeição, o qual tudo pode. Ao mesmo tempo em que é amado, também é temido. Ou seja, o monoteísmo tem um Deus moral e mais humano, ele é genérico. Embora os deuses politeístas pareçam mais com o homem, por serem limitados em cada localidade, e, assim, pareçam mais com seu povo, especificamente, o Deus monoteísta, por ser universal e uno, é mais reconhecido pela humanidade, principalmente, por ser ilimitado.

Nesse sentido, o Cristianismo é a religião predominante, aquela que crê no Deus onisciente, onipresente e onipotente. Atualmente, as vertentes do Cristianismo estão em toda parte do mundo, influenciando e interferindo nos costumes de seus fiéis. Porém, embora o Cristianismo seja a religião mais preeminente, ela não é, por assim dizer, superior, mas foi a que na medida em que se consolidou e se aprofundou na cultura humana, depreciou as demais, transformando-as em mitos. O Deus Cristão é o mais adorado, universalmente, a partir das próprias características humanas.

Como foi dito, o Cristianismo vai além de um povo local específico. Nesse sentido, poderíamos deduzir que a religião cristã estaria isenta de egoísmo por não se tratar de uma religião com interesses nacionais? Não, pois embora o Deus cristão não sirva apenas a uma determinada nação ou a um homem em particular, ainda assim, prevalece o egoísmo. Pois, como vimos no primeiro capítulo da presente Dissertação, o egoísmo é o princípio último da religião e ele se mostra também como o último motivo dos anseios humanos, no qual o homem busca por sua conservação e bem-estar, independentemente de qual seja a sua religião, no Cristianismo, o homem manifesta seu egoísmo, em suas ações, na busca pela vida eterna. Conforme Feuerbach:

---

<sup>37</sup> Nos referimos a esses deuses como os deuses da religião natural, religião pagã e religião da natureza, pois, não identificamos distinções, na obra de Feuerbach, nesse sentido.

O cristianismo refinou o egoísmo judaico num subjetivismo (não obstante, dentro do cristianismo, esta subjetividade tenha se expressado novamente como puro egoísmo); o anseio por uma felicidade terrena, a meta da religião israelita, transformou-se no anseio pela felicidade celestial, a meta do cristianismo. (FEUERBACH, 2013, p. 137).

No Deus cristão, encontra-se a mais elevada manifestação dos desejos do homem, é o ser representativo da essência humana universal. O Cristianismo promove a negação da natureza e nele a materialidade real é substituída pela fé, pois o cristão crê que, por meio dela, torna-se possível conseguir o desejado, pois tudo depende apenas da vontade divina para que seja realizado o que homem quiser.

Contudo, o Deus universal e um homem específico não se identificam, em certo ponto, como ocorria nas religiões naturais, pois um Deus universal e absoluto representa o gênero humano e por isso não tem, em si, os paradoxos que há em cada pessoa individualmente. É nessa perspectiva que o homem se torna inferior a Deus, na teologia, quando ela subjuga a religião, não no sentido de uma completa substituição, mas de uma transformação, uma vez que, na teologia cristã, há um empobrecimento do homem mediante Deus. Consoante Chagas:

A Teologia como reflexão da religião afirma, ao contrário, a distinção entre Deus e o homem, afirmação essa que tem como intenção, como visto, apagar da consciência a unidade ou a identidade inseparável entre eles; separar Deus do homem vale para ela como oposição entre a criatura, o ser finito, considerado como nada, e o Criador, o ser infinito, representado como tudo, o todo. (CHAGAS; VASCONCELOS; SOUSA, 2020, p. 27).

Assim, não há uma percepção da teologia cristã quanto à sua divindade. Ela não percebe que esse ser bondoso o qual é adorado, é a própria essência humana. Desse modo, o homem não cria somente um Deus a sua imagem e semelhança, agora, ele também torna Deus um ser independente e o oposto dele, isto é, a teologia promulga um rompimento entre Deus e o homem. Aquele não é mais apenas um ser dependente de sentimentos humanos, de certas comunidades locais, agora, ele é também independente, um ser por si. O que acontece na teologia é uma inversão. Com base no pensamento feuerbachiano, Deus dependia das crenças do homem e este criou Deus a sua imagem e semelhança, no entanto, na teologia cristã, há uma inversão e Deus torna-se o criador do homem a sua imagem e semelhança, assim é um ser por si mesmo, além de criador, é coordenador de tudo. Explica Feuerbach:

Tão invertido é tudo isso, e mesmo assim o segredo da teologia se baseia nessa inversão. As coisas na teologia não são pensadas e desejadas porque elas existem, mas elas existem porque são pensadas e desejadas. O universo existe porque Deus o pensou e quis, porque Deus até agora o pensa e quer. A ideia, o pensamento, não é abstraído de seu objeto pensado por ele. Mas exatamente esta doutrina (o cerne da teologia e da filosofia cristã) é uma inversão na qual é invertida a ordem natural. (FEUERBACH, 2009, p. 136).

Desse modo, o homem, agora, depende da divindade absoluta que obtém todas as qualidades perfeitas, sem limites e é universal, enquanto o homem, torna-se limitado, imperfeito, empobrecido, um nada. Portanto, se antes Deus tinha as características humanas, agora, ambos são opostos, Deus é bom e perfeito, porém um ser moral que julga e castiga quem a ele desobedecer. Agora, a teologia inverteu a ordem natural e manipula a humanidade e a natureza. Dessa forma, Feuerbach sentencia a teologia e a religião que causa divergência e negação do homem consigo mesmo e com seu mundo, alimentando esperança em um mundo imaginário e em outro plano.

#### **4.3 Crítica ao antropocentrismo: por uma conformidade do homem com a natureza**

Após a superação das religiões naturais e a identificação do homem com o Deus monoteísta, veremos nessa seção, a visão de Feuerbach sobre a posição do homem no mundo, revelando uma relação de conformidade entre o homem e a natureza, e sua crítica frente a posição antropocêntrica defendida pela tradição.

Embora a natureza seja a base que deu origem ao homem, bem como o fundamento que o mantém vivo, Feuerbach não tem como propósito, colocar a natureza como teoria central de seu pensamento, porém, também não se trata de um antropocentrismo, mas, do reconhecimento da natureza como fundamento do ser humano, isto é, não há uma supremacia do homem que o separa da natureza. Contudo, em alguns momentos, nas *Preleções Sobre a Essência da Religião* é possível notar a centralidade do homem no pensamento feuerbachiano, no entanto, reconhecendo e pressupondo a realidade material, visto que, a natureza é reconhecida como condição primordial e como condição que assegura a vida de todos os seres existentes, especialmente, do ser humano.

O desenvolvimento evolucionar vai de um ser que se relaciona com o mundo contingente até a racionalidade reconhecida do indivíduo que é diferente da natureza e dependente dela. Contudo, essa dependência é substituída pela vida em sociedade. Aquela

importância que, até então, a natureza exercia sobre o homem, perde-se, e os deuses naturais, ganham lugar no céu como entes supranaturais, e na terra predomina o poder dos homens entre si, estes agora, são quem, através de suas normas e leis morais, determinam e asseguram a vida dos indivíduos.

A natureza se torna muda no momento em que há a ruptura dela com o homem e ela passa a ser apenas um objeto orgânico, um conjunto de coisas úteis para a manutenção da vida, cuja finalidade está no homem. Este não considera mais a natureza como seu fundamento, pois ele atribui a sua existência a um ser exterior à realidade natural, a uma entidade divina, atuando em um plano sobrenatural. O homem, ao considerar Deus um ser superior a ele, age sobre a natureza, pois Deus, sendo o criador de tudo, dá total domínio ao homem para atuar sobre ela.

Em *A Essência da Religião*, após o homem se distinguir da natureza, ele, no que concerne à criação de Deus, recai em um sentido mais ambicioso, buscando sua autonomia, instaurando, assim, um certo antropocentrismo. Feuerbach explica:

Assim como o homem, de ente apenas físico, passa a ser um ente político, acima de tudo um ente que se distingue da natureza e se concentra em si mesmo, também o seu deus passa de ente apenas físico a ente político e que se diferencia da natureza. Para distinguir a sua própria essência da natureza e, conseqüentemente, de um deus distinto da natureza, o homem antes de mais nada se une a outros homens, constituindo um ente comum, no qual os poderes diferenciados dos da natureza e só existentes no pensamento ou nas representações (como poderes políticos, morais, abstratos, o poder da lei, da opinião, da honra, da virtude) são o objeto de sua consciência e de seus sentimentos de dependência; na qual a existência física dos homens se subordina à sua existência moral ou civil, e o poder da natureza, o poder sobre a morte e a vida são reduzidos a um complemento e instrumento do poder político ou moral. (FEUERBACH, 2005, p. 67, 68).

Nesse sentido, a compreensão de divindade vai além da simples criação humana, através de sua projeção, como mostra Feuerbach em *A Essência do Cristianismo*. A partir daí, Deus é compreendido como todo-poderoso o qual cria tudo que é existente e a natureza, depois de ser criada, é colocada em domínio humano e ela deixa de ser independente e incriada, em que o homem se torna mais seguro de si mesmo. A natureza, submetida aos fins humanos, adquire uma característica antropocêntrica, visto que a antropomorfização, referente ao mundo natural, é algo da índole humana. O homem faz da natureza apenas um meio, bem como a faz perder seu aspecto verdadeiro e substancial. Para Feuerbach:

A crença em um deus é ou a crença na natureza (em uma essência objetiva) entendida como essência humana (subjativa) ou a crença na essência humana entendida como a essência da natureza. A primeira crença é a da religião natural, politeísmo. Com a segunda crença temos a religião do espírito e do homem, o monoteísmo. (FEUERBACH, 2005, p. 98).

Nesse sentido, o que acontece nas religiões politeístas é que a natureza ganha poderes divinos e o homem sacrifica-se à ela, ao contrário do que acontece com a religião monoteísta, na qual quem é sacrificada, aos desígnios do homem, é a natureza. Inicialmente, as religiões ocultam um lado que tende para uma posição superior humana. Pois, ambas as religiões, acima mencionadas, criam seus deuses antropomórficos a fim de uma aproximação com o desconhecido, porque, uma vez próximo ao que lhe causa estranheza, o homem pode, desse modo, ter o domínio. Essa característica antropocêntrica que diminui a natureza às ações humanas tem um aspecto negativo. Contudo, esse antropocentrismo negativo ganha uma nova interpretação e, agora, com caráter positivo e uma sensatez humana na natureza.

A visão antropocêntrica, de Feuerbach, tem um sentido diferente, apesar do homem ainda estar no topo de relevância, há um reconhecimento do mundo natural no qual a natureza ganha uma posição de respeito e importância, para o desenvolvimento humano, em todos os sentidos. Nessa posição do homem, erguida pelo filósofo alemão, não existe uma natureza divinizada (Religião Natural), nem inferior diante do homem (Cristianismo). O fato da natureza não ser diminuída e ser reconhecida, primordialmente, também não a torna superior. Ainda nesse sentido, Serrão explica que:

Ao contrário de um deslocamento do antropologismo ao naturalismo, que significaria a redução do homem ao estatuto de ser natural, a reflexão intensiva sobre a Natureza traz o complemento ao antropocentrismo numa Antropologia descentrada, a recuperação para a existência de um vínculo originário esquecido, mas não o deslocar ou o superar da Antropologia num naturalismo. A reabilitação da Natureza é correlativa da humanização do homem, não dá sua naturalização. (SERRÃO, 1999, p. 288).

A posição defendida por Feuerbach, a respeito do homem e da natureza, põe em xeque um mundo natural, que atua com princípios, causas e leis próprias, há, portanto, uma valorização da natureza. O não-humano, com o qual o homem se relaciona, não obedece à sua vontade, nem pode ser entendido, intelectualmente, em sua totalidade. A natureza não é um lugar tranquilo de se viver e nunca será, sempre haverá mistérios naturais que dificilmente o homem conseguirá explicar com precisão, ela sempre lhe será estranha e sempre haverá falta,

sofrimento, dor, porque isso é próprio da natureza. Contudo, os seres humanos necessitam, também, das coisas boas presentes na natureza como: o verde dos campos, a água como fonte indispensável, o sol, os animais, etc. A natureza permanece hostil, mas ao mesmo tempo, ainda oferece a segurança e os elementos substanciais para a vida. Essa condição, continua exigindo uma aceitação do homem de sua finitude e limitação e uma valorização do mundo natural.

Nessa perspectiva, o projeto de Feuerbach também não se resume a um sacrifício humano perante a natureza no sentido de uma conservação e preservação ambiental extrema, a partir da ação do homem sobre ela. O que o autor almeja é a união de ambos (homem-natureza). No entanto, somente através do intelecto é que o mundo natural pode ser tratado, pois a forma como ele é representado só é possível por meio das captações humanas. Desse modo, partindo da pressuposição de um mundo natural existente independente da vontade do homem autodeterminado e que não é destinado apenas para satisfação humana, enxerga-se uma nova concepção na relação do homem com a natureza.

O grande foco da filosofia feuerbachiana é a completude humana, posta dentro de um contexto social no mundo, havendo um laço íntimo e estreito entre indivíduo e natureza, sendo o homem elementar, como parte dela. Embora permaneçam características dominantes sobre a natureza, esse domínio deve ser equilibrado. Essa tendência humana de querer dominar é necessária para que a natureza seja preservada, mas sem exageros contemplativos à ela e nem com superioridade de qualquer um dos dois. Simplesmente, preservando a natureza, haverá, conseqüentemente, uma autopreservação do homem. Nessa perspectiva, substancia-se o posicionamento de Feuerbach a respeito das ações humanas sobre o mundo natural, uma conformidade do homem com a natureza.

#### **4.4 A nova postura antropológica de Feuerbach**

O pensamento de Feuerbach se dá a partir do pressuposto da existência do mundo como uma realidade concreta, exteriorizada. É instaurada a noção de subjetividade para que haja o entendimento de uma primazia da existência a qual se inicia no mundo real e concreto para uma abstração. Essa noção de subjetividade se dá pela inversão, de Feuerbach, da posição idealista arraigada.

No giro antropológico feuerbachiano, como foi dito, anteriormente, a existência real precede o pensamento abstrato e o ser humano não pode ser entendido de várias naturezas, nem planos diferentes. Para isso, recusa-se qualquer noção de dualidade, rompendo, portanto,

com o idealismo, uma vez que, segundo Feuerbach, a superação da tradição idealista só se concretiza a partir da existência, para só então se chegar à essência, isto é, a essência é encontrada na existência.

Isso porque não é o pensamento que produz as coisas reais, os objetos, o mundo externo, pois o intelecto só é exercitado a partir da realidade existente fora da cabeça humana. Ou seja, o concreto e o sensível devem anteceder o abstrato e o pensamento. Contudo, Feuerbach não tem como objetivo, em tal postura, rebaixar ou desvalorizar o pensamento, diante da concretude das coisas reais, mas reconhecer que a existência é, coerentemente, primeira. Desse modo, pensamento e natureza não se mostram, originariamente, distintos um do outro.

Na postura antropológica, de Feuerbach, o homem integral é resultado de uma unidade restituída entre essência e existência. As bases antropológicas se dão no sensualismo em que o homem é um ser concreto, sensível, ele não é, simplesmente, algo idealizado, mas um ser real existente que está inserido na natureza. Conforme Serrão:

[...] pode considerar-se que a Antropologia feuerbachiana abarca o sentido estrito de uma *doutrina do homem*. Não sendo, porém o homem um qualquer ser entre seres, também não é um objeto em geral. Sendo o ser humano verdadeiramente significativo apenas para o próprio humano, o homem é, ao mesmo tempo, o objeto e o sujeito da reflexão antropológica. (SERRÃO, 1999, p. 135).

Apesar da total união do homem com a natureza, suas diferenças não desaparecem. O homem se torna único entre todos os seres vivos e entre a natureza, em geral, por possuir uma característica a mais que é sua racionalidade, essa especificidade, própria do homem, dá possibilidades a ele de se elevar intelectualmente sobre a natureza e todos os seres. Assim, não podemos considerar o homem como um conceito geral ou um objeto.

O homem não se perde conceitualmente em uma "essência genérica" como antes<sup>38</sup>, mas como algo intrínseco à vida e com explicações a cerca da mesma, ciente de suas

---

<sup>38</sup> A concepção antropológica de Feuerbach em *A Essência do Cristianismo* mantém um vínculo, de certa forma, com a tradição idealista, tanto no conceito de gênero, como na ideia inteiramente subjetivista, própria do cristianismo, porque não há naquela uma essência completa para a integralidade humana. Ou seja, a crítica à religião relacionada à *Essência do Cristianismo* remete a uma unilateralidade, por Feuerbach não alcançar o homem integral, que implica razão e sensibilidade, em uma unidade com a natureza. Ao contrário disso, na nova postura antropológica de Feuerbach, se evidencia uma filosofia que parte da existência, na qual afirma uma concepção de homem inserido no mundo (natureza). E isso só fica nítido a partir da *Essência da Religião* e das *Preleções Sobre a Essência da Religião*, em que Feuerbach tenta estabelecer a união entre antropologia e fisiologia. Ou seja, seu projeto antropológico agora busca o homem integral, busca o resgate da sensibilidade que

limitações e carências. O homem não está limitado a uma doutrina do ser. A antropologia, de Feuerbach, está elevada ao patamar de filosofia universal, ela consiste em abranger saberes, não em pequenas áreas, nada referente a um saber com autonomia, ou seja, não uma antropologia única, mas uma busca filosófica de todos os componentes, na união entre essência e existência. De forma a se tornar concreta, a filosofia precisa fazer parte da vida humana.

Feuerbach acaba submetendo toda a filosofia ao plano antropológico ao elaborar a noção de integralidade do homem, que tem como ponto de partida, o homem concreto e a realidade das coisas para, então, atingir a essência. Essa postura, de Feuerbach, faz o saber filosófico se tornar uma questão da humanidade, pois, ao se tornar antropologia, a filosofia adentra na existência concreta e desce do mundo das ideias. A antropologia, aqui abordada, está interessada no mundo real, da experiência e busca a superação do rigor científico e a subjetividade da filosofia. Portanto, não há um interesse antropológico pelo mundo inacessível, idealístico.

O principal interesse de Feuerbach é pelo homem, cujo fundamento está na doutrina da sensibilidade. Contudo, ao afirmar o homem, há uma concomitância com a negação de Deus, que seria a única maneira para atingir o auge de seu pensamento antropológico. A negação dos preceitos teológicos e da filosofia especulativa dá espaço para a necessidade de uma conduta antropológica na qual o homem assumirá o principal papel no mundo em que está inserido. “A ‘plenitude’ do homem requer, portanto, em Feuerbach, a negação da divindade. Pelo contrário, a admissão de uma divindade, plena e infinita em si mesma, equivaleria ao empobrecimento e negação do homem.” (CABADA-CASTRO, 1986, p. 547).

Feuerbach supera a realidade negativa humana de seu tempo, com a afirmação do homem, isso certamente deu início ao pensamento antropológico. Assim, o homem adquire as perfeições, antes, aplicadas a Deus e ao absoluto pela teologia e filosofia especulativa. Contudo, embora o homem adquira essas perfeições, cada indivíduo precisa ser reconhecido, pelo filósofo alemão, como limitado e imperfeito, sendo as perfeições e infinitude do conhecimento, concebidas na compreensão de gênero humano.

Desse modo, o homem passa a ser visto de forma positiva mediante a tradição e passa a ser universalizado, sendo essa uma característica diferenciada da antropologia, de Feuerbach, que tem como objeto de estudo a união entre corpo e espírito, o homem integral

---

igualmente a razão, ela também deve ser evidenciada e, também, mostra o homem como um ser originado da natureza e dependente dela para sua sobrevivência.

numa relação mútua com a natureza. É dentro dessa unidade que o pensamento se torna possível, um reconhecimento consciente de que a universalidade se dá, conforme Feuerbach, no resgate da sensibilidade, do mundo natural, assumindo, assim, uma conduta que beira a uma completude.

Portanto, a antropologia feuerbachiana tem como plano de fundo uma antropologia da integralidade do homem, na qual deve haver a superação de dualismos científicos, bem como a teologia e a filosofia especulativa, para compartilhar da vida humana, precisam se transformar em antropologia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa exposição não abrange por completo o que se pode apreender sobre as religiões naturais nas obras de maturidade do filósofo Ludwig Feuerbach, mas buscamos na medida do que foi possível, um esclarecimento das questões centrais, no desenvolvimento deste trabalho. Embora, seja um tema complexo, acreditamos ter alcançado boa parte de nosso objetivo, o qual foi explicitar as religiões naturais, expondo a origem e o objeto constituinte dessas religiões. Em virtude disso, abordamos a crítica parcial, de Feuerbach, à religião natural, enquanto supersticiosa, ao divinizar os entes naturais, remetendo por isso, na necessidade de superação da mesma. Com isso, apresentamos uma nova proposta antropológica do autor, que visa um homem integral, consciente de si e da realidade concreta, em total harmonia com a natureza, a partir de suas obras de maturidade, precisamente: *A Essência da Religião* e *Preleções Sobre a Essência da Religião*.

Nossa pesquisa, em questão, pode ser caracterizada como uma alternativa para se compreender o início das religiões e como elas podem influenciar na vida do ser humano. Dado o exposto, alguns elementos importantes, devem ser destacados:

1) Para Feuerbach, a religião é algo intrínseco no ser humano que se desenvolve a partir de sua percepção de finitude na relação com o outro e na dependência pela natureza. Ao analisar as religiões naturais, Feuerbach abstrai os fundamentos e a origem do comportamento religioso. Isso concerne na sacralização da natureza pela percepção do homem de sua dependência e pelo medo dos fenômenos naturais, até então, inexplicáveis. A religião natural que é erguida a partir do sentimento de dependência, é uma religião que não está vinculada a um ente sobrenatural, mas há uma conexão do homem com a natureza que desperta no mesmo, sentimentos como: medo, gratidão, amor, alegria. A religião, tem ainda, como fundamento, um egoísmo instintivo que é próprio do homem, o qual tende a buscar o que lhe faz bem e afastar-se do que lhe faz mal. Não é um egoísmo moral, mas um egoísmo do amor humano pela espécie.

2) No pensamento de Feuerbach sobre a natureza, esta é reconhecida como fundamento existencial do homem e de todos os seres. Para o filósofo, a natureza é um ente não criado, eterno, autodeterminado e fonte originadora do homem. Para este, ela aparece como limite e como possibilidade. Pois, é da natureza que o homem surgiu e é dela que ele subsiste. Para complemento de nossa abordagem sobre religião e natureza, apontamos a crítica de Feuerbach, à religião cristã, que ignora a natureza e a desvaloriza, rebaixando-a como objeto de utilidade do homem e criação de um Deus absoluto.

Ao estudarmos as religiões naturais, podemos perceber o lado positivo da religião na medida em que esta é relevante para a formação social e cultural, despertando também, reflexões a respeito do vínculo do homem com o mundo natural, com os animais, dos problemas ambientais que enfrentamos atualmente e da importância de se pensar a religião de uma forma que ela não nos tire do plano terrestre, pensando em uma vida em outra dimensão. Dessa forma, devemos manter uma relação recíproca com a natureza - que é nosso fundamento - de forma livre, permitindo-nos sermos donos de nós mesmos. Nesse sentido, Feuerbach entende que o homem deve buscar a compreensão de si mesmo na natureza, na realidade concreta, no elemento sensível. Esse reconhecimento da sensibilidade é fundamental para o desenvolvimento da nova filosofia, a qual Feuerbach une antropologia com fisiologia.

3) Em nossa investigação, também apontamos, os aspectos positivos e negativos das religiões naturais. Positivamente, Feuerbach nos mostra, através dessas religiões, que nelas está a essência de todas as outras, bem como, nos permite ver as necessidades e a fragilidade do homem como um ser limitado, o qual não ultrapassa o mundo material. Assim, as religiões naturais proporcionam uma aproximação do homem com a natureza. No entanto, embora as religiões naturais evidenciem a importância da natureza e não ultrapasse os limites da sensibilidade, Feuerbach, negativamente, sustenta uma crítica contra a natureza divinizada, a qual tira o real sentido da mesma. Nesse sentido, ainda há nas religiões naturais, a permanência supersticiosa de seres divinos e por isso essas religiões devem ser ultrapassadas, pois, essas também negam os limites humanos e veem seus atributos na natureza ou acreditam que podem subordiná-la.

A partir das religiões naturais, o homem passa a se desenvolver culturalmente e religiosamente e aos poucos acontece a transição das religiões naturais para as religiões espirituais. O homem com uma consciência mais amadurecida, modifica sua percepção em relação a seu objeto (a natureza).

4) Dessa forma, o ser humano assume uma posição no mundo que exige uma conformidade com a natureza, com um amplo sentido que não implica em rejeitar ou diminuir o mundo natural e os demais seres. O homem é central porque só ele tem o conhecimento intelectual capaz de reconhecer e compreender o mundo a sua volta, a importância da sensibilidade exterior, portanto, homem e natureza devem compor uma unidade e essa união promove uma nova forma de pensar essa relação.

Em sua nova proposta antropológica, Feuerbach almeja substituir o amor divino pelo humano, o abstrato pelo concreto. A materialidade é essencial para o desenvolvimento da consciência do ser humano, porque sem a matéria o pensamento se estabelecerá numa

consciência sem contrastes e contingências, uma consciência absoluta como era defendida pelo pensamento idealista. No idealismo e na teologia cristã, a natureza é deixada em segunda ordem, pois representa contradição e limitação, e isso se opõe aos dois sistemas mencionados, que evidenciam o ser humano concentrado em si mesmo, sem matéria, sem corporeidade, sem o real.

5) Nesse sentido é que pudemos identificar e evidenciar porque que as religiões naturais são fundamentais para se compreender o projeto antropológico de Feuerbach presente nas obras de maturidade trabalhadas na presente pesquisa. Isto é, visto que o projeto antropológico de Feuerbach busca o homem integral, o resgate da sensibilidade, que ele mostra a natureza e o homem em uma unidade, numa relação mútua, percebemos através da análise crítica das religiões naturais feita por Feuerbach, que essas religiões se aproximam do que o autor almeja em seu projeto antropológico, porque nas religiões naturais está a verdade da sensibilidade, nelas percebemos uma aproximação íntima entre o homem e a natureza, elas mostram o reconhecimento do mundo natural que implica num homem inserido no mesmo, que somente na natureza o ser humano se origina, se desenvolve e morre, portanto, não ultrapassa os limites naturais da existência humana.

Apesar de toda a crítica às religiões, Feuerbach não buscou uma destruição delas, mas uma reconstrução, uma “demitologização”. O filósofo, de Landshut, procurava inicialmente responder qual a origem da religião e a resposta ele encontrou no próprio homem, um ser fragilizado e finito em sua individualidade, contudo eterno, em sua essência genérica. A consciência que somente o homem tem é que o possibilita a fundar a religião, no entanto, isso acontece de modo inconsciente. O homem adora a si mesmo, mas não reconhece a sua própria essência. Desse modo, é que Feuerbach nega a teologia a favor do reconhecimento do ser humano de si mesmo.

Feuerbach não pode ser considerado um filósofo irrelevante ou com propostas confusas porque se encontra entre o idealismo e o materialismo, isso porque a assistemática do filósofo pode passar uma falsa interpretação de seus reais objetivos, todavia podemos dizer que, durante toda a sua filosofia, o homem é a grande questão, embora o filósofo parta da primazia da natureza, em seu pensamento, essa é apenas uma estratégia para se chegar ao posicionamento real do ser humano no mundo. Ou seja, o homem tem uma posição central no projeto antropológico de Feuerbach, porque ele é o único capaz de pensar e de se colocar no lugar do outro e sua realização humana acontece na sensibilidade, no mundo concreto, na vida em comunidade, imerso na natureza, uma vez que essa só pode ser pensada, se antes for sentida.

Nessa perspectiva, Feuerbach não buscou fazer de seu pensamento uma grande verdade, ele apenas se reconheceu como humano e nos mostrou que o homem é capaz de se transformar, de ser feliz e completo na própria existência, com seus medos e desejos, em suas relações interpessoais, na materialidade, na natureza.

Assim, mediante a deficiência do tema em questão, no meio acadêmico, esta pesquisa espera ter contribuído com o estudo sobre as religiões naturais em Feuerbach, bem como, ter conseguido atingir o objetivo central e responder as questões problemáticas, as quais foram colocadas em pauta.

## REFERÊNCIAS

AMENGUAL, G. **Crítica de la religión y antropología em Ludwig Feuerbach – La reducción antropológica de la teología como passo del idealismo al materialismo.** Barcelona: Laia, 1980.

ANDOLFI, F. L'oggetto incantato del sentimento religioso. *In*: FEUERBACH, Ludwig. **L'essenza della religione.** Roma: Tascabili economici Newton, 1994. p. 7-15.

ARROYO-ARRAYÁS, L. M. La religión, monólogo o diálogo? La antropología integral de Feuerbach frente a la tradición personalista. *In*: SERRÃO, Adriana Veríssimo (org.). **O homem integral: antropologia e utopia em Ludwig Feuerbach.** Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1999, p. 191-214

BARATA-MOURA, J. El materialismo de Feuerbach. Un estudio de sus escritos. **Anales del seminario de historia de la filosofía.** Madrid, v. 11, 1994.

CABADA-CASTRO, M. **El dios que da que pensar: acceso filosófico-antropológico a la divinidad.** Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1999.

CAEIRO, A. **El guardador del rebanos.** Tradução de Pablo del Barco. Madrid: Visor Madrid, 1984.

CHAGAS, E. F. Religião: O homem como imagem de Deus ou Deus como imagem do homem? *In*: OLINDA, Ercilia Maria Braga de (org.). **Formação humana: liberdade e historicidade.** Fortaleza: edições UFC, 2004. p. 86-105.

CHAGAS, E. F. A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach. *In*: CHAGAS, Eduardo; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de. **Homem e natureza em Ludwig Feuerbach.** Série Filosofia, n. 8. Fortaleza: Edições UFC, p. 37-65, 2009.

CHAGAS, E. F. A primazia da natureza ante o espírito em Ludwig Feuerbach. **Trans/Form/Ação.** São Paulo, v. 32, n. 2, p. 119-133, 2009.

CHAGAS, E. F. A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach. **Philosophos.** Revista de Filosofia, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 52-82, 2010.

CHAGAS, E. F. A Religião em Feuerbach: deus não é deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados. **Revista Dialectus.** Fortaleza, n.4, p. 78-91, jan./jul. 2014.

CHAGAS, E. F. **Natureza e liberdade em Feuerbach e Marx.** Campinas, SP: Editora Phi, 2016.

CHAGAS, E. F. A autonomia da natureza em Ludwig Feuerbach. **Revista Helius,** Sobral, v. 2, n. 2, p. 318-338, 2019.

CHAGAS, E. F.; OLIVEIRA, R. A. **Consciência, natureza e crítica social em Hegel, Feuerbach e Marx.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

DACUY, M. Humanismo religioso y ética de la autolimitación em la filosofía de Ludwig Feuerbach. **Revista Helius**, Sobral, n. 2, p. 419-432, jul./dez. 2019.

FEUERBACH, L. **Pensamientos sobre muerte e inmortalidad**. Tradução de José Luis García Rúa. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

FEUERBACH, L. **Spiritualismo e materialismo**. Roma-Bari: Editori Laterza, 1993.

FEUERBACH, L. **Abelardo y Heloísa y otros escritos de juventud**. Tradução de José Luís García Rúa. Comares, Granada, 1995.

FEUERBACH, L. **La esencia de la religión**. 2 ed. Tradução de Tomás Cuadrado Pescador. Madrid: Editorial Páginas de Espuma, 2005.

FEUERBACH, L. **Filosofia da sensibilidade: escritos (1839-1846)**. Tradução de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

FEUERBACH, L. **Princípios da filosofia do futuro**. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Textos Clássicos de Filosofia, 2008.

FEUERBACH, L. **Preleções sobre a essência da religião**. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FEUERBACH, L. **Para a crítica da filosofia de Hegel**. Tradução de Adriana Veríssimo Serrão. São Paulo, SP: LibersArs, 2012.

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Tradução do original alemão Marine Lisboa, Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto PUC-RIO, 2006.

FILHO, J. E. L. **Antropologia, ética e política em “A essência do cristianismo” de Ludwig Feuerbach**. Tese de Doutorado em Filosofia- Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p.149. 2017.

FILHO, J. E. L. Ontologia e conhecimento nos Princípios da filosofia do futuro de Ludwig Feuerbach. **Philosophos**, Goiânia, v. 22, n. 2, p.153-185, jul./dez. 2017.

LOPES, R. W. **Antropologia e moral em L. Feuerbach: sobre felicidade e liberdade**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2014.

MELO, R. G. **Homem e sensibilidade em Ludwig Feuerbach: crítica à teologia cristã e à filosofia especulativa**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2012.

OLIVEIRA, R. A. Homem e religião no movimento neohegeliano de esquerda: uma leitura de Bruno Bauer, Max Stirner e Ludwig Feuerbach. **Revista Dialectus**, n. 4, p. 106-126, Fortaleza, jan./jul. 2014.

SCHMIDT, A. **Feuerbach o la sensualidad emancipada**. Versión española de Julio Carabaña. Madrid: Taurus Ediciones, 1975.

SOUSA, A. L. B. **A relação homem-natureza: um paralelo entre Espinosa e Feuerbach**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009, p. 130.

SERRÃO, A. V. **A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral**. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.

SOUZA, D. G. **O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

STIRNER, M. **O único e a sua propriedade**. Trad. João Barrento. Lisboa, 2004.

TOMASONI, F. **Feuerbach e la dialettica dell'essere - con la pubblicazione di due scritti inediti**. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1982.

TOMASONI, F. **Ludwig Feuerbach e la natura non umana: ricostruzione genetica dell' "Essenza della religione"** con pubblicazione degli inediti. Florença: La Nuova Italia, 1986.

TOMASONI, F. **Ludwig Feuerbach e a fratura do pensamento contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.